JOHN LYDON (SEX PISTOLS, PIL) NUMA ENTREVISTA HISTÓRICA

EDITORA ABRIL

N.º 14
Setembro 1986
Cz$ 20,00

BIZZ

IRA!
A LUTA CONTINUA

O NOVO FILME DA
MADONNA

EXCLUSIVAS COM
ROD STEWART e BRYAN FERRY

POSTER
SIMPLE MINDS

THE CURE
ROBERT SMITH DE NOVO NO FRONT

CAMISA DE VÊNUS • BOB DYLAN • CAPITAL INICIAL • BOB MARLEY • GTR • RATOS DE PORÃO • FELLINI

Rock & Quadrinhos Scans

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 26,00 - 5561

A PRIMEIRA BANDA DE UM MILHÃO

RPM

CBS

DE ROCK A ULTRAPASSAR A MARCA DE DISCOS VENDIDOS NO BRASIL

A CBS SE ORGULHA DE FAZER PARTE DO SEU SUCESSO.

A BANDA Nº 1 DA INGLATERRA
Incluindo músicas do filme
THE HIGHLANDER

QUEEN

A kind of Magic

EMI
AMERICA

New Album + Cassette

AQUI, INVERNO RPM. LÁ FORA, "VERÃO BRASILEIRO"

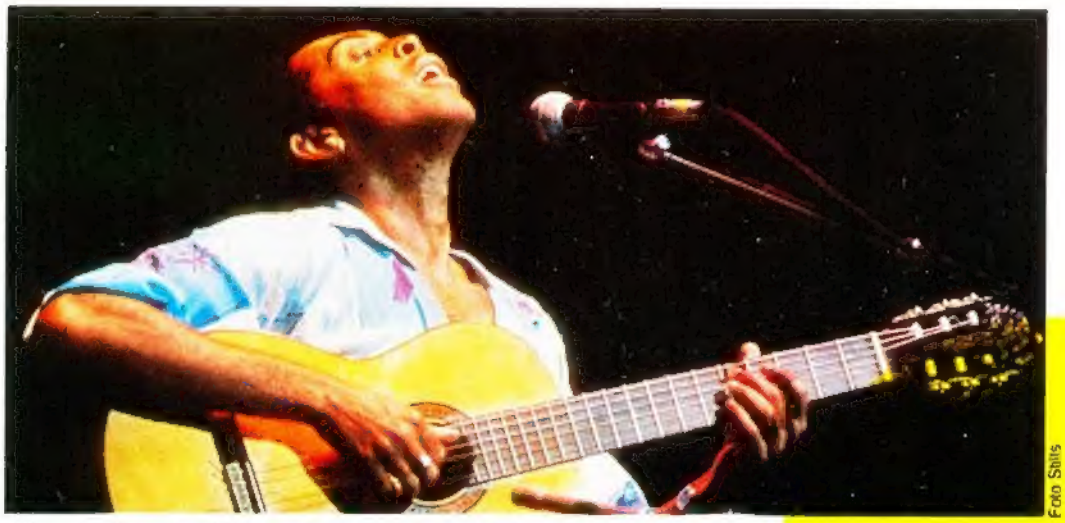


Foto Stills

Gil no festival de MPB em Paris, antes de embarcar para os shows em Londres

Com toda a razão, a revista inglesa *Time Out* batizou o verão 86 de "brazilian summer". Eles referiam-se às apresentações, em Londres, de **Gilberto Gil** e **Milton Nascimento**, que, depois de arrepiar em sua excursão americana, obteve o mesmo sucesso no continente europeu.

Na Inglaterra, porém, o mais saudado foi Gil, entrevistado pelo *New Musical Express* e pelos "manuais de estilo" *Face* e *I-D*. Sua música "Balafon" (de *Refavela*, 76) entrou na parada das "dez mais" latinas de todos os tempos, compilada pela *Face*, enquanto "Toda Menina Baiana" (de *Realce*, 79, hit nas pistas de dança londrinas, o ano passado) recebeu o epíteto "a melhor canção de todos os tempos" (!!) na *I-D*. A única recepção morna foi a do *Melody Maker* que, na resenha do show de Gil, detectou "decepção causada pela orientação roqueira de seu trabalho atual".

Enquanto isso, na capital francesa, rolou o *Couleurs du Brésil*, um megafestival de MPB que botou os parisienses para sacudir os quadris em shows de Milton, Gil, **Baden Powell, Chico Buarque, Maria Bethânia, Paulinho da Viola, Djavan, Gal Costa, Paulo Moura, Alceu Valença, Gonzagão, Moraes Moreira, Trio Elétrico Dodô e Osmar** com **Armandinho** e até **Fafá de Belém.**

O "verão brasileiro", na verdade, se estendeu por todo o Hemisfério Norte. No mesmo mês de julho, **Tom Jobim** apresentou-se pela primeira vez em Tóquio, com grande sucesso e coroas de louros pela parte que lhe cabe na paternidade da Bossa Nova. Já em Nova York, foi a vez de **Jorge Ben** fazer trepidar a já tradicional casa noturna de MPB, Sounds of Brazil, com a sua **Banda do Zé Pretinho.** A imprensa em geral rasgou a seda e abusou dos superlativos.

Acabou? Ainda não. No dia seguinte ao do seu 50.º aniversário, el gran **Hermeto Pascoal** embarcou para sua turnê européia — que foi iniciada na Suíça, no final do mês de junho, e que se estendeu até este mês, passando pelos seguintes países: Itália, França, Alemanha, Áustria, Dinamarca, Finlândia e Turquia.

Foto Boutard Stills

A primeira dama da MPB, Gal Costa, exibe os joelhos em Paris

Foto Boutard Stills

Gonzagão arrepiando no Couléurs du Brésil: *"brazilian summer"*

BOY GEORGE: O BAIXO ASTRAL CONTINUA

Pois é... as coisas não andam muito bem mesmo para o Camaleão do Karma, **Boy George.** Duas semanas após ele ter se internado com a dra. Meg Patterson, especialista em curar viciados em heroína (BIZZ 13), a polícia foi chamada por seu irmão **Kevin O'Dowd** (atualmente respondendo a processo por ter sido o fornecedor do irmão) à casa de Boy George no bairro londrino de Hampstead Heath.

Chegando lá, encontrou morto o americano **Michael Radetzki,** 27 anos, tecladista que já participara do último LP do Culture Club e que estava hospedado na casa de Boy. O motivo: overdose de heroína.

JOHN LYDON CONTRA-ATACA

Ele prometeu e cumpriu. O monumento entrevistado no caderno central desta edição, o sr. **John Lydon,** está processando os produtores do filme *Sid and Nancy*, com base na lei norte-americana referente à invasão da privacidade. Ou seja, Johnny não gostou nada de sua caracterização nesta transposição cinematográfica do mortífero romance entre Sid Vicious e Nancy Spungen (aliás, o filme está na Mostra Internacional de Cinema de SP deste ano).

A ação legal de Lydon não conseguiu impedir o lançamento do compacto com "Love Kills", música-tema da fita — o primeiro disco solo do (ex?) Clash **Joe Strummer.**

CONVOCAÇÃO PARA A CONSTITUINTE

Aproveitando a deixa dos roqueiros de Brasília e sua campanha pela discussão de temas relevantes à comunidade musical na Constituinte (*ShowBizz* do mês passado), a BIZZ gostaria de conclamar todos os compositores para discutir a moralização dos direitos autorais, uma questão mais que velha e careca no país. Afinal, todo mundo reclama e sabe que essa situação nunca foi bem esclarecida, e a Constituinte é o momento certo para este e outros debates.

Os interessados em levantar a bandeira e esmiuçar a questão devem entrar em contato, o mais rápido possível, com a redação de BIZZ.

Rock & Quadrinhos Scans

BIZZ

Foto Mustio LFI

Sex Pistols e PIL, dois murros no baixo ventre do rock, aplicados por John Lydon

Aparentemente não há cura para a Curemania que assola o país. São camisas pretas e tropicalistas envolvidas nas tramas lisérgicas do **Cure** no momento exato em que a banda caminha para um pico inédito de popularidade em sua carreira nos Estados Unidos e na Europa. É foi nesta virada crucial que pegamos **Robert Smith,** *via* uma superentrevista à revista francesa *Rock & Folk*, reproduzida aqui na íntegra, com exclusividade.

Por sua vez, **Pepe Escobar** engoliu algumas centenas de comprimidos de Escrivite Concentrada e produziu lauda após lauda de textos imperdíveis: conta tudo (ou quase) sobre os drinques que repartiu com **Bryan Ferry,** sobre as figurinhas que trocou com **John Lydon** e sobre os bordejos que deu pelo delta do rio **Mississipi,** berço do blues. Pepe desembarcou deste passeio fluvial só querendo saber de **Bukka White** e outros negões blueseiros. A bandeira desta paixão foi tão grande que mereceu um **Air Mail** especial, duplo.

Ainda no departamento das exclusividades está uma entrevista com **Rod Stewart,** feita às vésperas do lançamento de seu novo álbum e do início de uma turnê mundial que está reunindo, pela primeira vez em dez anos, a formação antiga do **Faces,** grupo que Rod deixou em nome de uma carreira solo.

No front nacional, o foco recai sobre o **Ira!** e os **Ratos de Porão,** todos devidamente interrogados à exaustão pela infatigável **Sônia Maia.** Ela também assina (não falei que esta mulher não cansa?) uma boa radiografia do **Fellini** e conversou com **Akira S** sobre altos e baixos. Já **Bia Abramo** papeou com o **Capital Inicial.**

Madonna retorna às páginas de BIZZ com imagens exclusivíssimas de seu novo filme, *Shangai Surprise*, **David Bowie** é o destaque em **Clip** e o **Estilo Rock** volta em grande... bem, estilo, né?

Fechando a tampa, **Hermano Jr.** recorda **Bob Marley** no quinto aniversário da morte do gigante do reggae. *Jah, rastafari!*

José Emilio Rondeau

ESTE MÊS

22 **THE CURE**
Robert Smith encara o showbiz > *Phillippe Bianchet*

28 **IRA!**
Uma conversa com os combatentes > *Sônia Maia*

32 **ROD STEWART**
A volta aos estúdios e palcos

36 **FELLINI**
Mutações por segundo

38 **BRYAN FERRY**
Drinque com o Rei > *Pepe Escobar*

54 **CAPITAL INICIAL**
Enfim, o primeiro LP > *Bia Abramo*

58 **RATOS DE PORÃO**
Trash-a-baba... que papo é esse?

60 **ESTILO ROCK**
As seguidoras de Lene Lovich

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

10 **PARADAS**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

14 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

20 **VÍDEO BIZZ**
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

43 **ENTREVISTA**
Ele mesmo, o ex-"podre" *John Lydon*

51 **HEAVY METAL**
Um noticiário especial para o mundo da pauleira

66 **AO VIVO**
Cure, GTR, Camisa de Vênus, Bob Dylan & Tom Petty

70 **CINEMA**
Madonna em *Shangai Surprise*

76 **CLIP**
"Underground", com *David Bowie*

78 **PORÃO**
Felt, Arte no Escuro, Detrito Federal

80 **LETRAS**
"Papa Don't Preach", *Madonna*

82 **MEU INSTRUMENTO**
Akira S

84 **AIR MAIL ESPECIAL**
Pepe Escobar no delta do Mississipi

86 **CARTAS E SERVIÇOS**

88 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. *Natty Dread*, de *Bob Marley*

90 **CLAUDETTE POODLE E SUA POLAROID**
Cuidado! Ela pode estar ao seu lado

Foto da capa LFI

Scans & Restauração:Flávio

TINA VOLTA COM AJUDA DOS AMIGOS

Foto Larsion-Gamma/ Sigla

O novo LP de Tina está na boca do forno

Deve estar saindo, lá fora, ainda este mês, o novo LP de **Tina Turner,** aliás fidelíssimo à receita que estourou seu lançamento anterior, *Private Dancer*. Ou seja, *with a little help from friends* como **Mark Knopfler, Bryan Adams** e **David Bowie.**

Mark produziu duas faixas e cedeu uma composição sua, "Overnight Sensation". Bryan compôs "Back Where You Started", enquanto Bowie contribuiu com uma nova composição, chamada "Girls". Entre os instrumentistas presentes, uma canja de **Phil Collins** e de **Steve Winwood.**

A primeira faixa escalada para assolar as rádios é "Typical Male", da dupla de compositores **Terry Britten** e **Graham Lyle,** responsáveis por "What's Love Got to Do with It" e "We Don't Need Another Hero".

BENEFICÊNCIA MULTI-ESTELAR

A fundação beneficente da realeza britânica, chamada Prince's Trust, comemorou seus dez anos de atividade com um megashow de arromba na linha Live Aid, dia 20 de junho, no estádio londrino de Wembley. Entre os participantes, estavam os senhores **Mick Jagger, David Bowie, Phil Collins, Bryan Adams, Tina Turner, Paul McCartney, George Michael, Rod Stewart** e **Sting.** Acompanhando este ilustre time de vocalistas, uma banda de apoio formada por Phil Collins na bateria, **Elton John** no piano, **Howard Jones** nos sintetizadores, **Mark King** do Level 42 no baixo e *três* guitarristas: **Eric Clapton, Mark Knopfler** e **Midge Ure.**

Tina arrasou num dueto com Clapton em "Tearing Us Apart" (do novo LP do guitarrista). Mark Knopfler e Sting mandaram ver "Money for Nothing". Paul Young cantou "Everytime You Go Away" duas vezes — a segunda com George Michael. Paul McCartney e Bryan Adams fizeram o rock rolar com "I Saw Her Standing There" e "Long Tall Sally". Jagger e Bowie bisaram seu dueto em "Dancing in the Street". E, para o *grand finale*, a turma toda soltou a garganta em cima de "Get Back" dos **Beatles.**

Assim se arrecadaram 250 mil libras para o Prince's Trust.

NORDESTE E NOVA YORK NA ROTA DOS PARALAMAS

Impulsionados pelos sucesso de *Selvagem?*, seu terceiro LP, os **Paralamas do Sucesso** embarcam este mês numa turnê que, até o final do ano, deve abarcar todo o Norte e Nordeste do país. O primeiro show de setembro será dia 12, em Campo Grande; a partir daí, em cerca de vinte dias, passam por Cuiabá, Goiânia, Brasília, Belém, Teresina, Fortaleza, Natal, Recife, Caruaru, João Pessoa, Maceió, Aracaju e Vitória (2 de outubro).

Antes, porém, dessa maratona, o trio paralâmico aterrisa em Nova York para três shows — dias 5, 6 e 7 de setembro no Sounds of Brazil.

Foto Abril

Os Paralamas, agora on the road

Foto Angelo Pastorello

Os Tigres: Pedro é o do centro

TIGRES DE PELE TROCADA

Lembra do Metrô? Pois ele não acabou, apenas trocou a pele e o vocal. Ou seja, eles estão de volta com a mesma formação instrumental — **Alec** (guitarra), **Zaviê** (baixo), **Danny** (bateria) e **Yann** (teclados).

Um bom presságio é o fato de a banda ter recrutado um vocalista/letrista que integrou o **Mler Ife Dada,** reconhecido como um dos melhores grupos do *underground* português. Alec pegou um vôo até Lisboa apenas para buscar o rapaz, para chegar lá e descobrir que **Pedro** (seu nome) estava no Brasil... Ainda sem um batismo definitivo, a provável alcunha da banda será **Tristes Tigres.**

INCONFIDÊNCIA MINEIRA 86

O pessoal que agita Belo Horizonte com o *Gass* — um dos melhores fanzines do país, concentrado na loja de discos **Câmbio Negro** — segue a trilha da Baratos Afins e lança um novo selo independente para trazer à tona o melhor do *underground* mineiro. Deve sair este mês o primeiro lançamento, um LP do **Último Número.** Na seqüência, virão o **Sexo Explícito** (*Porão* da BIZZ 6) e a **Divergência Socialista.**

Enquanto isso, o mesmo pessoal faz um programa de finíssima sintonia, o **Farenheit,** na Liberdade FM. Eles pedem fitas *demo* de todos os grupos do país. O material deve ser enviado a Arthur Couto Duarte, r. Guajajaras, 365/904, Centro, Belo Horizonte.

DEZ ANOS EM MANCHESTER

Woodstock? Live Aid? Festivais da Record? Não. Para alguns membros desta redação que vos escreve, o evento musical do milênio ocorreu na penúltima semana de julho em Manchester para celebrar os dez anos de punk.

Pois foi na penúltima semana de julho de 76 que os Sex Pistols tocaram no Free Trade Hall da cidade. Uma semana depois, o pessoal da platéia já estava formando suas próprias bandas, que transformariam Manchester na verdadeira meca do pós-punk: **Buzzcocks, Magazine, Joy Division/New Order, Fall, Smiths** etc.

Na maratona musical de doze horas, grandes momentos, como os shows dos fundadores dos Buzzcocks **Pete Shelley** e **Howard Devoto,** intercalaram-se à uma apresentação lendária do ex-Velvet Underground, **John Cale.** O **Fall,** uma das bandas mais cáusticas da ilha, fez o auditório pegar fogo. E, para finalizar, depois do show dos **Smiths** (em que incluíram seu novo compacto pós-*Queen is Dead*, "Panic"), duas homenagens capazes de fazer brotarem lágrimas nestes tempos de ceticismo e cinismo.

A primeira ocorreu no final do show do **New Order,** quando **Ian McCullouch** subiu ao palco para fazer o vocal em "Ceremony". A segunda foi a última música da apresentação do **Durutti Column,** dedicada por **Vinni Reilly** "ao homem que não viveu para ver o Décimo Verão"

Foto Abril

Ian Curtis: o homem que não viveu para ver o Décimo Verão

Foto Jorge Rosemberg

Mr. Taylor no Rock in Rio: agora o bis

JAMES TAYLOR VEM AÍ

Ele foi — de uma maneira até certo ponto inesperada — um dos maiores sucessos do Rock in Rio. Nada mais justo portanto que o menestrel do folk acre-doce, **James Taylor,** desembarque dia 9 de outubro no Brasil para uma miniturnê por estas plagas. Acompanhado por uma banda de oito músicos e duas garotas nos *backing vocals,* ele se apresentará em Belo Horizonte (dia 11), Rio de Janeiro (11), São Paulo (16, 17, 18 e 19), Porto Alegre (24 e 25) e Curitiba (22).

OBINA LÁ FORA

Foto Cláudia Dantas

O internacionalíssimo Obina Shock

O Obina Shock está de olho lá fora e, com o disco debaixo do braço, começa a transar shows no exterior.

A primeira escala deve ser o Caribe, em novembro, no Festival de Cuba. Também está em negociação para se apresentar no Suriname e, depois — incentivados por Billy Paul (!?!?) —, até Nova York.

MADONNA MIA!

Foto Fraser Spa Press

A sra. Penn, Madonna Louise Ciccone

Se você é fã da Madonna, não esqueça de acordar cedo no dia 23 deste mês. Esta é a data em que chega às bancas mais uma edição especial da BIZZ, uma revista-poster com a biografia completa da cantora/atriz, recheada de fotos inéditas.

MADE IN CASA

Geraldo, baixista do **Escola de Escândalo,** cada vez recebe mais encomendas de guitarras. Não vá pensar, porém, que se trata de um atravessador de Fenders e Gibsons. Geraldo fabrica artesanalmente baixos e guitarras. É de "sua autoria", por exemplo, a que **Jander "Ameba" Bilaphra** está usando na turnê de lançamento do disco do **Plebe Rude. Herbert Vianna** também já encomendou a sua. Olho nele, investidores da Lei Sarney!

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Apesar de os estúdios estarem mais para o samba e a MPB este mês, dois dos personagens mais notórios do rock nativo estão em fase de preparação de seus LPs: **Luiz Melodia** (pela Copacabana) e **Raul Seixas** (pela Continental). Este último avisa que seu disco se chamará *Eu* ou *Persona.*

No mais, a Odeon colocou **Vinícius Cantuária, Beto Guedes** e **Ricardo Barreto** (ex-Blitz) em estúdio. A Som Livre está apenas com **Cazuza;** a CBS ataca de **Roberto Carlos, João Bosco** e os talvez **Tristes Tigres** (ex-Metrô, cujas reformulações foram anotadas e registradas nesta mesma seção). Já a RCA entra com **Beth Carvalho, A Cor do Som** e **Sá e Guarabyra.** A Continental aparece, ainda, com **Renato e Seus Blue Caps** (!?), **Amelinha, Maria Creuza, Antônio Carlos e Jocafi, Miúcha, Jamelão, Mussum** e o grupo **Nosso Samba,** que acompanha Bezerra da Silva.

IGGY VEM AÍ

Foto LFI

James Osterberg, nom de plume *Iggy Pop*

Rufem os tambores e soem os trompetes! Ou: ufa, até que enfim uma boa notícia.

Depois de alguns aninhos sem gravar nada além da música-tema do filme *Repo Man*, o grandessíssimo **Iggy Pop** volta a entrar em estúdio, mais uma vez sob a produção do velho amigo e admirador **David Bowie.** Resta saber se vão fazer a boa ação de lançar o dito cujo no Brasil — o que não aconteceu com o último LP do Iguana, *Zombie Birdhouse*.

OUÇA ESSA

"Trabalhamos em sintonia com grupos como o Simple Minds, mas temos muito mais valor porque aqui as dificuldades são maiores."
***Guilherme Isnard* (Zero)**

SEJA REPRESENTANTE DE BIZZ NA SUA CIDADE

É isso mesmo. Consciente de seu limitado campo de ação (Rio/São Paulo) em comparação com a grandeza territorial do Brasil, a redação aqui da BIZZ gostaria de ter um representante em cada cidade do país, excetuando as duas capitais citadas acima.

O objetivo é aproximar cada vez mais a redação dos leitores, para que a revista possa atender melhor a todos. Entre outras coisas, as pessoas escolhidas terão uma assinatura da revista, acesso a shows em sua cidade e contato direto com o pessoal que faz a BIZZ.

Se você quiser participar, mande um projeto com suas idéias para tornar esta representação uma realidade, escrevendo no envelope *Projeto Representante BIZZ*. Será escolhida apenas uma pessoa para cada cidade.

Foto Gamma Sygma

Bill Wyman, baixista dos tais Stones

QUANDO VELHOS COLEGAS SE ENCONTRAM

Foto Abril

Inglaterra, 1975: o Genesis às vésperas de perder Peter Gabriel

Pois é... Na parada americana de LPs, divulgada na *Rolling Stone* de agosto, os primeiro e segundo lugares são — respectivamente — do Genesis e de seu ex-vocalista mascarado, Peter Gabriel.

Na mesma parada, uma deliciosa surpresa: enquanto *The Queen is Dead* dos Smiths entrou direto em 16.°, *True Blue* da dona Ciccone entrou direto em 38.°.

COMO ERA SEDUTOR O MEU STONE

O tempo é mesmo um carrasco implacável. Não é que agora, quando uma garota é seduzida por um Rolling Stone, ela dá parte na polícia?! Pois foi o que aconteceu com a jovem **Amanda Smith**, de 16 anos, que alega ter caído na lábia do cinqüentão Bill Perks, mais conhecido como **Bill Wyman.** Justo aquele que sempre pareceu o mais "quietinho" do grupo...

Foto Patrick Durand/ Sipa Press

Bono, fã de uma boa cerveja, num show em Paris (fevereiro/85)

U2: SOPA DE PACOTINHO, NÃO!

Os empresários brasileiros estão entrando em contato com a realidade, enfim, do *show-biz* internacional: ou seja, a produção exigida pelos grupos estrangeiros para se apresentar no Brasil. Como era de se esperar, são todos profissionalíssimos e pensam nos mí-ni-mos detalhes.

A Pinus Promoções — uma agência paulista —, por exemplo, está tentando trazer o U2 para o final deste ano. Assim que os contatos foram feitos, o escritório inglês do grupo mandou um grosso bloco de exigências, dividido em nada menos que cinqüenta itens. Para se ter uma idéia, segue a relação de alimentos e bebidas que devem aguardar os quatro irlandeses e sua equipe nos camarins: três qualidades de sopa (não pode ser de pacotinho), café, chá, mel, limão, cerveja Budweiser ou Heineken, vinho branco e tinto (de boa qualidade), champanhe (idem), frutas da estação, carne assada, saladas, queijos variados, balde de gelo para as bebidas e um balde maior para que o baterista possa refrescar as mãos após o show.

Quanto ao jantar, exigem uma sala "limpa e confortável, com as mesas cobertas". E, depois das saladas, devem ser servidas carnes "cozidas de modo a não modificar seu sabor". É isso aí!

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA); New Musical Express e Melody Maker, publicadas entre 05/07/86 e 26/07/86

LPs (EUA)

1	(5) *Control*	Janet Jackson (A&M)
2	(3) *Winner in You*	Patti LaBelle (MCA)
3	(1) *Whitney Houston*	Whitney Houston (Arista)
4	(N) *So*	Peter Gabriel (Warner Bros.)
5	(N) *Top Gun*	**Trilha sonora do filme** (Columbia)
6	(N) *Invisible Touch*	Genesis (Atlantic)
7	(9) *Love Zone*	**Billy Ocean** (Arista)
8	(4) *Like a Rock*	**Bob Seger & The Silver Bullet Band** (Capitol)
9	(2) *5150*	Van Halen (Warner Bros.)
10	(N) *The Other Side of Life*	**Moody Blues** (Polygram)

LPs (GB)

1	(7) *Invisible Touch*	Genesis (Charisma)
2	(N) *True Blue*	**Madonna** (Sire)
3	(1) *So*	**Peter Gabriel** (Virgin)
4	(6) *A Kind of Magic*	**Queen** (EMI)
5	(N) *Revenge*	**Eurythmics** (RCA)
6	(N) *London O — Hull 4*	**The Housemartins** (Go! Discs)
7	(2) *Picture Book*	**Simply Red** (Elektra)
8	(N) *The Seer*	**Big Country** (Mercury)
9	(N) *The Final*	**Wham!** (Epic)
10	(N) *Back in the Highlife*	**Steve Winwood** (Island)

LPs Independentes (GB)

1	(8) *The Queen is Dead*	**The Smiths** (Rough Trade)
2	(N) *Contenders*	**Easterhouse** (Rough Trade)
3	(N) *Born Sandy Devotional*	**The Triffids** (Hot)
4	(1) *Manic Pop Thrill*	**That Petrol Emotion** (Demon)
5	(N) *Giant*	**The Woodentops** (Rough Trade)
6	(4) *Back in the DHSS*	**Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
7	(2) *Evol*	**Sonic Youth** (Blast First)
8	(3) *Victorialand*	**Cocteau Twins** (4AD)
9	(5) *Only Stupid Bastards Help EMI*	**Conflict** (Red Rhino)
10	(7) *A Date With Elvis*	**The Cramps** (Big Beat)

Compactos (EUA)

1	(N) "Invisible Touch"	**Genesis** (Atlantic)
2	(9) "Holding Back the Years"	**Simply Red** (Elektra)
3	(N) "Sledgehammer"	**Peter Gabriel** (Warner Bros.)
4	(3) "There'll Be Sad Songs"	**Billy Ocean** (Arista)
5	(N) "Nasty"	**Janet Jackson** (A&M)
6	(N) "Danger Zone"	**Kenny Loggins** (Columbia)
7	(N) "Who's Johnny"	**El Debarge** (Motown)
8	(7) "No One is to Blame"	**Howard Jones** (Elektra)
9	(N) "Glory of Love"	**Peter Cetera** (Warner Bros.)
10	(5) "Crush on You"	**The Jets** (MCA)

Compactos (GB)

1	(N) "Papa Don't Preach"	**Madonna** (Sire)
2	(6) "Edge of Heaven"	**Wham!** (Epic)
3	(N) "My Favourite Waste of Time"	**Owen Paul** (Epic)
4	(N) "Happy Hour"	**The Housemartins** (Go! Discs)
5	(N) "Let's Go All the Way"	**Sly Fox** (Capitol)
6	(N) "Too Good To Be Forgotten"	**Amazulu** (Island)
7	(N) "Every Beat of my Heart"	**Rod Stewart** (Warner Bros.)
8	(4) "I Can't Wait"	**Nu Shooz** (Atlantic)
9	(N) "Venus"	**Bananarama** (London)
10	(N) "New Beginning"	**Bucks Fizz** (Polydor)

Compactos Independentes (GB)

1	(5) "Almost Prayed"	**The Weather Prophets** (Creation)
2	(1) "Serpent's Kiss"	**The Mission** (Chapter 22)
3	(8) "Whole Wide World"	**The Soup Dragons** (Subway)
4	(N) "The Singer"	**Nick Cave & The Bad Seeds** (Mute)
5	(2) "Bigmouth Strikes Again"	**The Smiths** (Rough Trade)
6	(N) "Drain Train"	**Cabaret Voltaire** (Double Vision)
7	(3) "Fuzzbox EP"	**We've Got a Fuzzbox** (Vindaloo)
8	(7) "Trumpton Riots"	**Half Man Half Biscuit** (Probe Plus)
9	(N) "Morning Sir"	**Bogshed** (Help Y'Self)
10	(N) "Like a Hurricane"	**The Mission** (Chapter 22)

Walk on Water.

O nome é Walk Sider.
Há anos este original e autêntico boat shoe tem ajudado a dar mais aderência as superfícies escorregadias da vida.

SHOPPING CENTER IGUATEMI 1º PISO SÃO PAULO SP - RUA MELO ALVES COM ALAMEDA LORENA - SHOPPING CENTER IBIRAPUERA PISO IBIRAPUERA - RUA ANIBAL DE MENDONÇA ESQUINA COM VISCONDE DE PIRAJA RIO DE JANEIRO RJ - SHOPPING CENTER IGUATEMI SALVADOR BAHIA - SHOPPING RIO SUL

FAMÍLIA JAPONESA DE MUDANÇA PARA O BRASIL VEN

DE EQUIPAMENTO DE SOM MAIS FAMOSO DO MUNDO.

PARA FAZER AQUI O MESMO SUCESSO QUE FAZ NOS ESTADOS UNIDOS, NA ALEMANHA E NO JAPÃO, A AKAI USA UMA RECEITA INFALÍVEL: ESTAR SEMPRE NA VANGUARDA DA TECNOLOGIA E OFERECER O QUE EXISTE DE MAIS EXCITANTE EM TODO O MUNDO EM MATÉRIA DE SOM.
É POR ISSO QUE AGORA O BRASIL TAMBÉM PASSA A TER UM EQUIPAMENTO DE SOM SOFISTICADO, CONTROLADO POR COMPUTADOR.
É EVIDENTE QUE ELE FAZ TUDO AQUILO QUE OS OUTROS FAZEM. MAS INCORPORA TAMBÉM UMA SÉRIE DE CARACTERÍSTICAS QUE NENHUM OUTRO EQUIPAMENTO DE SOM TEM NO BRASIL.
LOGO ABAIXO, VOCÊ ENCONTRARÁ, DE MANEIRA RESUMIDA, TODAS AS INFORMAÇÕES TÉCNICAS IMPORTANTES SOBRE O NOVO AKAI SYSTEM.
MAS NÃO DEIXE DE PEDIR UMA DEMONSTRAÇÃO. ALÉM DE SER UM ESPETÁCULO PARA OLHOS E OUVIDOS, NÃO É TODO DIA QUE O EQUIPAMENTO DE SOM MAIS FAMOSO DO MUNDO CHEGA AO BRASIL.

RECEIVER AA-A35.
É O MAIS RECENTE LANÇAMENTO AKAI EM TODO O MUNDO.
VEM EQUIPADO COM:
SINTONIA ELETRÔNICA POR SINTETIZAÇÃO A QUARTZO.
AUTO-SCAN - PROCURA AUTOMATICAMENTE A ESTAÇÃO SEGUINTE OU A ANTERIOR.
EXCLUSIVO CONTROLE DE VOLUME POR ACESSO DIRETO (VOCÊ COLOCA INSTANTÂNEAMENTE O NÍVEL DESEJADO).
EXCLUSIVA MEMÓRIA ACÚSTICA PARA 2 NÍVEIS DIFERENTES DE AJUSTES DE GRAVES E AGUDOS.
DISPLAY FLUORESCENTE DE TODAS AS FUNÇÕES.
MEMÓRIA PARA ATÉ 16 ESTAÇÕES DE AM/FM.
EXCLUSIVA MEMÓRIA DE NÍVEL DE VOLUME, PARA TOTAL SEGURANÇA DAS CAIXAS ACÚSTICAS.
POTÊNCIA MÁXIMA DE SAÍDA: 130+130 W (RMS)

DECK-CASSETE HX: R44
UM DOS MAIS COMPLETOS E SENSÍVEIS DECK-CASSETES DISPONÍVEIS NO MERCADO INTERNACIONAL.
TEM, ENTRE OUTRAS CARACTERÍSTICAS:
EXCLUSIVA REVERSÃO SUPER-RÁPIDA, QUE INVERTE INSTANTÂNEAMENTE A DIREÇÃO DA FITA, TANTO NA GRAVAÇÃO COMO NA REPRODUÇÃO, GRAÇAS AO EXCLUSIVO SISTEMA AKAI DE CABEÇA ROTATÓRIA.
2 SISTEMAS DE REDUÇÃO DE RUÍDOS: DOLBY B E O SOFISTICADO DOLBY C.
EXCLUSIVOS SISTEMAS IPLS/INTROSCAN, QUE LOCALIZAM RAPIDAMENTE QUALQUER MÚSICA NA FITA.
EXCLUSIVO AUTO-MUTE: INTERVALO AUTOMÁTICO ENTRE MÚSICAS, QUE PERMITE A LOCALIZAÇÃO AUTOMÁTICA DE QUALQUER MÚSICA.
GRAVAÇÃO E REPRODUÇÃO NOS 2 SENTIDOS.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO.
EXCLUSIVA REPRODUÇÃO EM CICLO CONTÍNUO.
RELAÇÃO SINAL/RUÍDO: 58 DB

TOCA-DISCOS AP-A2C
ALIA A REPRODUÇÃO DE SOM DE ALTO NÍVEL À GRANDE SIMPLICIDADE DE OPERAÇÃO.
DIRECT-DRIVE CONTROLADO ELETRONICAMENTE.
BRAÇO RETO DE BAIXA DENSIDADE, BALANCEADO ESTÁTICAMENTE. CONTROLES FRONTAIS TIPO SOFT-TOUCH DE ACESSO IMEDIATO.
CÁPSULA TIPO TP-4.

TRATAR COM

AKAI

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS.

LANÇAMENTOS

FELLINI SÓ VIVE 2 VEZES — Fellini (Baratos Afins)

Os gravadores cassete de quatro canais são uma das grandes invenções do século vinte e este disco é uma prova disso. Até o *big boss* do rock enquanto tradição e *mainstream*, mr. Bruce Springsteen, gravou um LP, *Nebraska*, totalmente a sós com o seu "estúdio portátil".

O Fellini — reduzido aqui à dupla Thomas Pappon (instrumentos vários) e Cadão Volpato (vocal) — utiliza o mesmo recurso com fins diametralmente opostos: injetar inteligência, criatividade, ousadia e originalidade no superpopulado rock brasileiro e dinamitar a muralha que o separa da chamada MPB. A economia de recursos do projeto, propositalmente *low tech*, só realça a diferença da multidão que se confunde entre tribos e fardas "roqueiras". A ambição de atirar em todas as direções que marcava o primeiro LP, *O Adeus de Fellini*, foi podada sem misericórdia. O emaranhado de citações que pesava sobre as letras do *Adeus...* também caiu fora para dar lugar a um olho clínico/irônico fixado nos absurdos do cotidiano. E, *last but not least*, o "rock europeu" (nome de uma das faixas ainda dessa estréia) foi substituído por uma ponte com a bossa nova e o tropicalismo. Moral da metamorfose: o *Adeus de Fellini* foi um dos melhores lançamentos de 85. *Fellini Só Vive 2 Vezes* é uma gema preciosa destinada a marcar a música pop brasileira desta década.

Não vá pensar que se trata de cacofonia gratuita ou estéril tentativa de chocar (o que pode chocar hoje, além das galinhas?). Com o lirismo a meio tom, meia luz e meias palavras de faixas como "Mãe dos Gatos", "Todos os Dias da Semana", "Tabu", "Burros e Oceanos", estão e jogando pérolas aos porcos. *José Augusto Lemos*

STREET LIFE — Bryan Ferry & Roxy Music (Polygram)

O Roxy foi descoberto tardiamente no Brasil, quando se lançaram ou relançaram, quase que de uma só tacada, *Avalon*, *High Road*, *Manifesto*, *Flesh and Blood* e um solo de Mr Ferry, *These Foolish Things*. Esta coletânea dupla, embora deva ser saudada com o respeito que o grupo merece, não ajuda muito o aprendizado dos nossos aborígenes. A ênfase vai toda para os hits, aquelas faixas que, confessadamente, deveriam puxar os números mais "difíceis", combinadas com saborosas investidas solo do *crooner* Ferry. Falta a outra face do Roxy, a mais experimental, principalmente na fase 1972/75. O que não impede que *Street Life* seja delicioso. *A.A.*

CAMISA DE VÊNUS — Viva (RGE)

Este LP ao vivo não acrescenta muito mais que um número à discografia da banda. O repertório é basicamente o conhecido. A gravação é de boa qualidade e o público participa muito, cantando as músicas e entoando o slogan do Camisa: "Bota pra foder!" É um grupo querido. Mas a impressão final é desagradável. O Camisa, muito como os gaúchos Replicantes, é um grupo arrogante, metido a herdeiro do punk dos Pistols. Na época e no lugar errados. A absurda versão de "My Way", eternizada por Elvis-Sinatra-Sid Vicious, comprova. O público nem liga e mostra, nas fotografias do encarte, os dedinhos-em-chifre do heavy metal. A sério. *A.A.*

INOX (CBS)

Surge enfim o esperado LP do Inox, com um som para conterrâneo nenhum reclamar — embora a primeira remessa tenha defeitos nos cortes. Se as letras fossem em inglês; o grupo passaria perfeitamente como estrangeiro. Eles conseguiram conciliar letras em português com o rock, tornando as interpretações audíveis. As influências de fora existem, é claro. Porém, todos têm experiência relativa de grupos hard-progressistas por onde passaram. Paulinho está bem, Ségis e Fernando, eficientíssimos, e Júnior destrói tudo que pode. É um som pesado de cidade grande, falando de asfalto, motores, gatas, cabelões e gente insatisfeita com as coisas atuais. Faltam agora os shows para comprovar o que dizem: serem melhores ao vivo. Os melhores temas: "Ranger", "Fricção" e "Nuclear Attack". E nada de refresco, meu bem!!! *L.R.*

CAPITAL INICIAL (Polygram)

Vitimada pela incompetência das gravadoras, essa é a última das "velhas" bandas de Brasília a chegar ao álbum próprio. Das três (as outras são a Legião e a Plebe Rude), Capital Inicial sempre foi a mais eclética. Uma qualidade e um defeito: a banda não se repete, mas às vezes soa despersonalizada. A produção de Bozo Barretti curiosamente reforça essa característica, com os arranjos de metais e teclados variando do oportuno ao inoportuno com muita facilidade. Assim, as boas faixas como "No Cinema", "Psicopata", a censurada "Veraneio Vascaína" e "Música Urbana" parecem perdidas entre as outras, indistintas, e uma música bonita como "Fátima" sucumbe ao arranjo e aos vocais exagerados. *A.A.*

MISTRIAL — Lou Reed (RCA)

Dizem que quem abraça o rock'n'roll com fé nunca envelhece espiritualmente, e às vezes nem fisicamente. Lou Reed está nessa. Após mais de vinte anos de carreira conturbada, brilhante, inovadora, ele continua igual à velha guitarra que conhece os dedos do dono, sem desafinar e dando a nota certa no momento certo.

Mistrial não provoca o meio roqueiro como os discos do Velvet Underground e os primeiros solos de Reed, mas tem um vigor que nenhum Sputnik, ou seja lá qual for o satélite, com toda a tecnologia atual consegue passar. Porque é autêntico.

Portanto, se você quer ouvir simplesmente bom rock'n'roll cantado e tocado por um aplicado aluno/mestre, não hesite em ouvir este disco. *T.L.*

Fotos Estúdio Abril

WHO MADE WHO — AC/DC (WEA)

Trata-se da trilha sonora para o filme de ficção científica *Maximum Overdrive*, montada por Angus e seus asseclas de tanto tempo de correntes mais alternadas que desalternadas. Apenas três músicas novas: a faixa-título e as instrumentais "D.T." e "Chase the Ace".

Hits famosos do grupo completam a trilha e nunca é tarde para ouvir de novo "Ride On", a melhor coisa já feita pelo conjunto, contando com o inesquecível Bon Scott e sua garganta. Poderia conter mais obras novas, mas a grana talvez valha apenas pelas instrumentais. *L.R.*

THE QUEEN IS DEAD — The Smiths (WEA)

Saudado pela crítica inglesa com tiros de canhão, fogos de artifícios e superlativos em profusão, o terceiro LP dos Smiths (descontando *Hatful of Hollow*, metade compilação de compactos, metade pirataria oficializada) é a definitiva prova da vitalidade da banda. E também o disco mais punk deles. Em atitude, claro — o que contribui para atualizar e revisar o movimento.

Não é à toa que a capa exibe as mesmas cores de *Never Mind the Bollocks* — agora em tons pastel, claro — nem que a monarquia seja um dos alvos principais. A diferença é o finíssimo e letrado sarcasmo com que Morrissey desmonta esta e outras instituições — a Igreja, em "Vicar in a Tutu" e até aquilo que, no Brasil, se convencionou chamar de *darkismo*, em "Cemetry Gates".

Celebrado como poeta da angústia, ele nunca deu tantas gargalhadas por trás do biombo como em "Frankly Mr. Shankly" e "Bigmouth Strikes Again" (em que a vítima é ele mesmo). Expõe também seu decantado celibato em "I Know it's Over", uma balada que vem das entranhas. Ame ou odeie, eles estão vivinhos da silva. *J.A.L.*

MAD NOT MAD — Madness (RCA)

Sete longos anos correram até que finalmente o Madness, um dos pioneiros grupos de ska do movimento two-tone, chegasse ao Brasil. Mas a espera não foi de todo má, pois o Madness, um grupo tipicamente inglês, cheio de classe e bom humor, está em melhor forma que nunca. Já fora do ska, mas com um estilo inteiramente próprio e marcante, fazendo deste disco um item indispensável para quem gosta de rock inglês ou não.

Fica difícil destacar as melhores faixas, mas "Yesterday's Men", com um arranjo impecável e o vocal de Suggs na melhor forma — além de uma citação musical de Ari Barroso, no finzinho da música —, faz dela uma das mais belas canções do ano. Merece tocar em todas as rádios rápido. *T.L.*

HANOI-HANOI (RCA)

Arnaldo Brandão, ex-baixista da Bolha, ex-integrante da Outra Banda da Terra, que acompanhava Caetano Veloso, e ex-baixista do grupo Brylho, um dos primeiros a experimentar a fusão do rock com o funk no início do boom do rock dos 80 no Brasil, vai à luta outra vez, agora com o Hanoi-Hanoi, uma espécie de soma de tudo o que ele já fez antes e com a garra de um estreante.

O disco traz de tudo um pouco: funk, rock, balada, ska, reggae, tudo executado com muita competência por ótimos músicos e recheado por boas letras a cargo de Arnaldo e Tavinho Paes. Vale a conferida. *T.L.*

DIFFERENT LIGHT — The Bangles (CBS)

Não foi Hitler que disse ter ganas de sacar da pistola toda vez que ouvia a palavra "cultura"? Deixa pra lá. Isso é apenas para lembrar que ainda existem pessoas que se enchem de urticária toda vez que lhe mencionam grupos femininos de rock da Califórnia, associando o gênero (sem trocadilhos) à fragilidade criativa das tolinhas Go-Gos. Também californianas, as Bangles são a exceção da regra tacanha — em dois álbuns, o grupo destilou as harmonias beatles e o pop praieiro e criou um estilo próprio tão bem definido quanto irresistível. O primeiro álbum continua inédito aqui, mas o segundo chega a reboque do sucesso de "Manic Monday", uma espécie repensada mais desencucada e desacelerada de "1999", do Prince Mas, tudo bem — o autor de "Manic Monday" é o próprio Prince, aqui disfarçado de Christopher. *J.E.R.*

FEAR OF MUSIC — Talking Heads (WEA)

Um lançamento surpreendente! Este é o disco crucial dos Heads, como 79 foi um ano crucial para o rock moderno. Recém-desmamados da new wave (que foi maravilhosa, mas só no caso deles), queimaram as mãos com o ácido humor com que corroíam o *american way of life*. Brian Eno, o produtor, pôs-lhes minhocas na cabeça. O resultado é que a graça habitual da banda, as guitarras espasmódicas e o fino sarcasmo de David Byrne são filtrados por um clima claustrofóbico, desconcertante.

A capa ilustra isso. É negra, com o padrão-reforço dos *containers* de metal. O que vem dentro dessa "caixa", no encarte, é o espectro de Byrne, procurando na zona fantasma as definições que os títulos das faixas pedem: "Mind", "Paper", "Cities", "Air", "Heaven", "Animals", "Drugs", "Electric Guitar" (naquele ano o PiL lançou sua *Metal Box*, um álbum triplo com capa de lata mesmo. Ainda em 79 saiu *Unknown Pleasures*, o disco de estréia do Joy Division. Um ano ou um nó?)

"I Zimbra" prenuncia a resolução: os ritmos africanos e a eletrônica (com a presença de Robert Fripp e seus *frippertronics*), o tecno/tribal. Na época isso era novidade. Ainda é: ninguém fez igual, a não ser os próprios Heads em *Remain in Light*, o LP seguinte. Depois nunca mais foram os mesmos. Por isso o atraso não conta — o tempo em 79 pára. *Alex Antunes*

LANÇAMENTOS

BEN BRASIL — Jorge Ben (Som Livre)

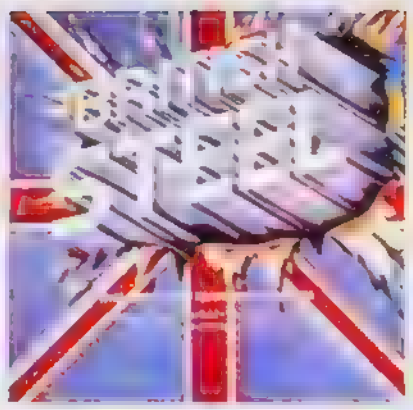
Dois anos e meio sem nada de novo do Big Ben nas lojas são demais para a cabeça, os pés e os quadris. Daí a achar que os Paralamas estão revolucionando *quelque chose* é um passo...

Mas vamos ao que interessa: o batuque sofistifunk do mestre abriu o leque. Deu um descanso à pontuação feita a naipe de metais, à la James Brown, e à predominância de teclados eletrônicos, para fazer um disco em que o suíngue é cool, as musas são rainhas e a sutileza impera. Para isso, contribuem muito a participação do piano de João Donato (em "Pancada de Amor Não Dói", um dos pontos mais fortes do disco) e dos teclados de Mu (A Cor do Som). Outro convidado cinco estrelas é o baixista Jamil Joanes.

A participação de Big Ben em um festival de música afro na Argélia também o inspirou a meter novas escalas na ponte África-Brasil, na qual é velho peregrino. Em "Dança que isso Aí é Sambafoxé" (parceria com seu pai), absorve a influência como rei do sincretismo pop. *J.A.L.*

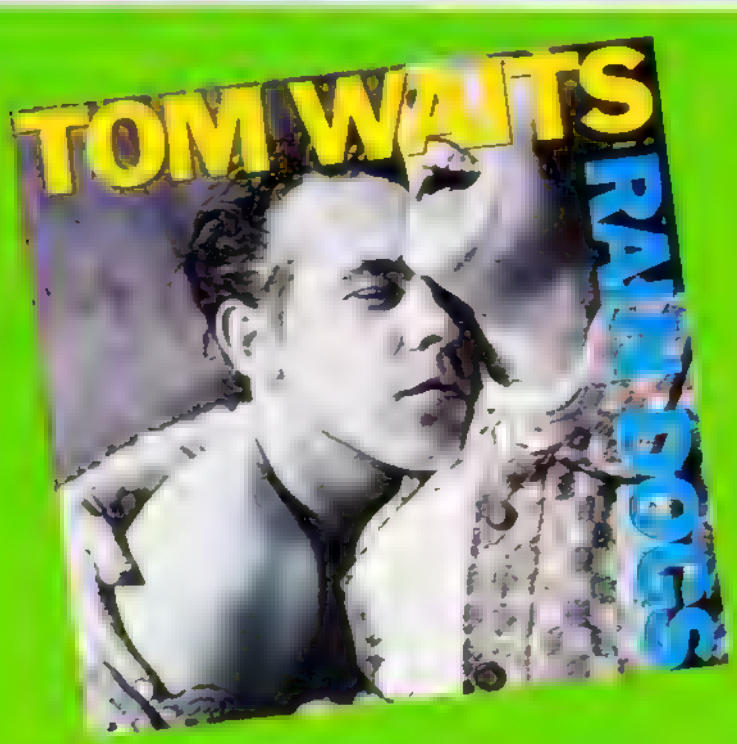
TOTALMENTE DEMAIS — Caetano Veloso (Polygram)

Caetano é, seguramente, um dos grandes poetas da música brasileira. E também um de seus melhores intérpretes, passando da timidez dos tempos de "Alegria, Alegria" aos deslumbrantes vôos vocais de seus últimos trabalhos. Por isto tudo, espanta um pouco esta gravação feita ao vivo no Copacabana Palace, no Rio. Em outras ocasiões Caetano, munido como aqui apenas do banquinho e o violão, mostrou-se mais apaixonado e apaixonante — como provou em sua série recente de shows no Palace, em São Paulo. Mas, mesmo aquém do esperado, o LP é obrigatório — pela estupenda poesia de "Quereres" ("Onde queres família/ sou maluco/Onde queres romântico/burguês"), pela redescoberta da belíssima brejeirice de "Kalu" e pela ternura de "Nature Boy". *J.E.M.*



AXE ATTACK / BRITISH STEEL — Vários (Top Tape)

Essas duas coletâneas podem significar que um acordo ocorreu com alguns selos independentes ingleses e que, em breve, grupos metálicos ainda desconhecidos podem ter seus trabalhos lançados no Brasil. São os casos de Avenger, Deadringer, Bernie Tormé, Persian Risk, Twelfth Night, Tysondog, Alaska, Waysted e o diabólico Venom, com temas distribuídos nos dois discos. Outros já são manjados por aqui como o Hawkwind, Motorhead, Demon, Rox e Bronz. Para os mais chegadinhos, são coisas interessantes, porém é bom lembrar que alguns desses grupos já não são tão independentes e que os mais inteirados já estão ouvindo outras coisas bem mais violentas *L.R.*



RAIN DOGS — Tom Waits (WEA)

Mais por seus trabalhos recentes, principalmente este disco, Tom Waits pode ser considerado um discípulo de Kurt Weil a julgar por suas letras extremamente criativas e que contam histórias interessantíssimas como se fossem operetas. Não foi à toa que ele gravou uma versão de "Waha Keeps Man Alive", de Weil, para o disco em tributo ao genial compositor alemão, *Lost in the Stars*, editado em fins do ano passado lá fora. Mas, muito mais que isso, Waits é a versão moderna dos cantores de cabaré estilizados, um menestrel dos vadios e outsiders.

Lançado meio de surpresa no Brasil, onde seus reduzidos fãs já o possuem desde o ano passado, *Rain Dogs* é o 12.º disco de sua carreira, incluindo duas antologias, a trilha sonora do filme *One From the Heart*, um álbum duplo ao vivo, de uma carreira iniciada em 73 e que atualmente expandiu-se para as telas de cinema. Waits acabou de filmar *Down by Law*, de Jim "Stranger Than Paradise" Jarmusch, ao lado do saxofonista John Lurie (presente aqui na faixa "Walking Spanish"), que conta na trilha com duas faixas de *Rain Dogs*.

A defasagem de treze anos é compensada um pouco por *Rain Dogs* trazer dezenove faixas nos mais variados ritmos e estilos (não incluindo ritmos pop como funk e rock). Mas quem quiser conhecer mais a fundo o trabalho de Waits, pode encomendar as antologias importadas que foram lançadas ano passado.

Tom Leão

PLEASE — Pet Shop Boys (Emi-Odeon)

Neil Tennant, ex-editor da popular revista inglesa *Smash Hits*, é um apaixonado pelo gênero "brega-hit". Chris Lowe gosta de música dançante e do rock new wave. Juntos eles formam o Pet Shop Boys. A serviço deles, toda a tecnologia a que têm direito e o resultado esperado: primeiro lugar nas paradas de sucesso americanas e inglesas. *Please*, LP de estréia da dupla, já é disco de ouro no Canadá e na Inglaterra. O hit "West End Girls" emplaca onde quer que toque. Nos primeiros versos da faixa "Opportunities" a seguinte frase: "Tenho cabeça, você tem o visual, vamos faturar muito dinheiro". E vão faturar muito mais, dependendo de você. *C.A.*

MEU LADO — Djavan (CBS)

Não se sabe bem qual lado é este depois da espontaneidade inventiva de seus trabalhos anteriores. Se Djavan conseguiu fundir com êxito o samba ao afro e ao jazz, lembrando alguns resultados conseguidos na bossa-nova, por exemplo, pelo Sexteto Bossa Rio, de Sérgio Mendes, parece que aqui não conseguiu ir além da diluição da fórmula. O mesmo aconteceu com sua surpreendente veia poética. A densidade de versos como os de "Açaí" cedeu lugar a um romantismo chocho, permeado apenas por uns parcos achados, como na lenta "Segredo": "O teu beijo/eu invento/na sala escura/do sentimento". Os arranjos são, como sempre, impecáveis, mas os destaques ficam para os belos hinos do Congresso Nacional Africano e da Juventude Negra da África do Sul. *J.E.M.*

TURBO — Judas Priest (CBS)

É o décimo LP da carreira do Judas e vem cheio de truques, efeitos tecnológicos e até guitarras sintetizadas. Por outro lado, tem coisas dos anos 60 (como Troggs) e isso é bom.

É uma nova fase com a qual algumas tribos metálicas se dizem decepcionadas — uma mudança radical no som, nas composições, no visual e no cenário. Nada de *power metal* e poucos vestígios de coisas de motor. Já alguns outros acham que o heavy metal precisa mudar e que o grupo está certíssimo nessas novas tentativas. E não dá para discordar: guitarras sintetizadas têm um som metálico como nunca foi feito. Não será esse disco o melhor da carreira deles, mas que abre novas perspectivas para o estilo, isso abre. *L.R.*

CHARLIE SEXTON (WEA)

À primeira vista, Charlie Sexton é apenas mais um cantorzinho bonitinho tirando onda de rebelde, no estilo de seus iguais Corey Hart, Nik Kershaw e outros tais. E realmente ele é isso mesmo: mais um item para o álbum de fotos de adolescentes carentes de ídolos instantâneos. A vantagem que ele leva dos concorrentes é que tem certa competência, sendo responsável pela maioria das letras e músicas e tocando vários instrumentos. Não é de todo um boneco

Sendo assim, é possível escutar, sem exigir muito, as faixas "Beat's So Lonely", "Hold Me" e "Space", tipo andando de carro e lendo a *Rolling Stone* como se estivesse nos Estados Unidos. *It's too american.* *T.L.*

FINIS AFRICAE (Sebo do Disco)

O melhor grupo da coletânea brasiliense Rumores estréia em mini-LP próprio. Em meio à roquice rebelde militante (os retardadíssimos ecos do punk rock no Brasil), o som do Finis chega a ser surpreendente, desenvolvendo a vertente melódica e climática dos trabalhos anteriores. É lógico que esse é um terreno pantanoso — Guillaume Isnard já os chamou, "elogiosamente", de "filhotes do Zero". Não são. O cuidado da banda em evitar os clichês ditos "românticos" os mantém a uma boa distância do brega.

Só se sente a falta de um pouco mais de *punch* e uma produção mais sofisticada. O som é meio áspero demais para a sutileza pretendida; faltou um estúdio melhor para o grupo conseguir texturas mais delicadas. Mas o bom gosto nos arranjos e os belos vocais não se perdem, e recomendam o disco. *A.A.*

LIKE A ROCK — Bob Seger & The Silver Bullet Band (EMI-Odeon)

O quase quarentão Bob Seger é um homem que equilibra excessos e opostos. É capaz de completar cinco quilômetros de *jogging* após ter consumido quase todo um maço de cigarros. Em termos musicais, combina uma sonoridade fundamentalista e pesada com temas de profunda melancolia. Há dois anos inativo, o veteraníssimo Seger retornou à cena para repartir com Bruce Springsteen (e, agora, John Cougar Mellencamp) o título de principal voz do coração rock da América. Porém, Bob tem à frente uma tarefa árdua: a singeleza de suas canções — com temas deslocados da realidade atual, como os refugiados cubanos de "Miami" — não corresponde à dura realidade dos dias de hoje. Em dois momentos, contudo, Seger recupera a pungência de tempos passados, na autobiográfica faixa-título e na trovejante "American Storm". *J.E.R.*

CABEÇA DINOSSAURO — Titãs (WEA)

Uma bela capa para um belo disco. Conhecidos como a esquizofrenia em forma de banda pop (oito membros, oito compositores), os Titãs foram progressivamente largando seu caleidoscópio pseudobrega pelo rock de uma paulada só. Em termos do segundo LP, *Televisão*, dançou o romantismo banal de "Insensível" e prevaleceu a cacetada hardcore de "Massacre" e o funk pesado de "Pavimentação". A metamorfose foi explicada pelos próprios na BIZZ passada e exaustivamente tratada na imprensa em geral.

Obviamente, os Titãs não são uma banda punk. Apenas se apropriam da coisa para revitalizar seu próprio estilo e *Cabeça Dinossauro* tem coisas muito boas, quando é justamente esse estilo que transparece. É o caso da faixa-título, da hilariante "Porrada" e de "Bichos Escrotos" (que remete aos primeiros shows da banda). Um pouco abaixo ficam os momentos de punk explícito — ataques às instituições "Polícia", "Igreja", "Família" etc. Faz lembrar as Mercenárias — que têm, há anos, músicas intituladas justamente "Polícia" e "Santa Igreja", bem mais afiadas. Mas isso não desmerece este disco potente e corajoso dos Titãs. *J.A.L.*

LIVE AT THE 19TH MONTREUX JAZZ FESTIVAL — João Gilberto (WEA)

Este álbum duplo, gravado em julho de 85, chegou até nós por caminhos tortuosos. João não sabia que estava sendo gravado por Claude Nobs, o organizador do festival, que pretendia manter a gravação em seus arquivos pessoais. Mas, felizmente, acabou oferecendo a fita à WEA, presenteando-nos com uma verdade obra-prima. Dizer de João que é um gênio tornou-se lugar comum. O que impressiona, neste trabalho, é sua capacidade de se superar, de trabalhar à exaustão músicas por ele gravadas e executadas incontáveis vezes até torná-las versões inquestionavelmente definitivas. Caso da italiana "Estate", na qual João supera com tranqüilidade um problema antigo — uma difícil convivência com as notas mais graves. Ou de "Garota de Ipanema" e "Desafinado", entoadas em surpreendentes divisões. Ou, ainda, da recriação da divertida e aloprada "O Pato", um dos primeiros hits da bossa-nova. Há também canções inéditas, como "Pra que discutir com Madame", uma veemente e debochada defesa da música brasileira contra uma cultura que pretende transformar a avenida em um comportado concerto. Imperdível

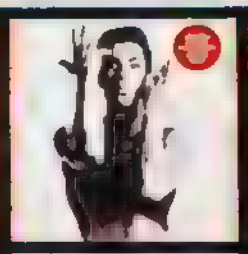
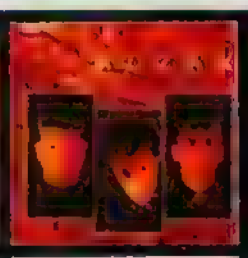
José Eduardo Mendonça

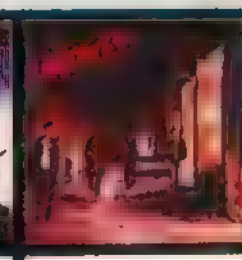
RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPIDO & RASTEIRO

Acredite se quiser... o mês está tão bom, mas tão bom (como você pode ver nas páginas anteriores) que até o Rápido & Rasteiro está recheado de coisas finas. Para começar, o relançamento — uma década depois — da pedra fundamental do punk, **NEVER MIND THE BOLLOCKS, HERE'S THE SEX PISTOLS** (RCA), também *Discoteca Básica* da BIZZ 12. Precisa dizer mais alguma coisa? ⊗ Coincidentemente, é relançada a pedra fundamental do punk brasileiro, **GRITO SUBURBANO** (New Face), coletânea editada originalmente em 82, com **Inocentes, Olho Seco** e **Cólera** abrindo a trincheira do rock independente nacional. Aliás, o **Cólera** — uma das bandas mais prolíficas e consistentes da primeira safra punk, lança seu novo LP, **PELA PAZ EM TODO MUNDO** (Ataque Frontal) —, furiosamente humanista, merece uma conferida ⊗ E dá-lhe punk, ainda o melhor antídoto para o rockinho made in Hong Kong! Também independente, o **Armaggedon** estréia com **SILÊNCIO FÚNEBRE** (Rainbow), enquanto a New Face lança uma coletânea de punk sueco, totalmente produzida por ela: **AFFLICTED CRIES IN THE DARKNESS OF WAR**, com as bandas **Anti Cimex, Crude SS, Fear of War** e **Rovsvett.** Nunca é demais dizer que toda essa fartura é bem-vinda ⊗ Também vale conferir **HUMPE HUMPE** (WEA), com as irmãs alemãs Anete e Hinga lascando um tecnopop safado — na primeira faixa já vão convidando para um *menage-a-trois* — e despretensioso mas com uma mão do genial produtor Conny Plank, eminência parda do melhor rock eletrônico germânico da década de 70 ⊗ Bem, vejamos o que sobrou raspando o tacho. A trilha sonora de **9 1/2 WEEKS** (EMI Odeon) consegue misturar talentos como **Bryan Ferry** e **Stewart Copeland** a "menudos" como **Corey Hart** e a hilariante tentativa solo de **John Taylor** ⊗ Já a trilha de **COTTON CLUB** (CBS) apresenta uma fiel reconstituição do jazz das décadas de 20 e 30, a cargo do veterano "trilheiro" **John Barry** ⊗ Agora a trilha do musical **TIME** (EMI-Odeon), grande sucesso em Londres, é cantada por figuras como **Freddy Mercury, Cliff Richard** (velho cantor pop e beato britânico que vive o papel principal), **Julian Lennon** e **Dionne Warwick.** Mas o melhor mesmo é a holografia que vem na capa

José Augusto Lemos

BOLSA DE DISCOS



	PARADE Prince (WEA)	MUZAK Muzak Emi-Odeon	MACALLA Clannad (RCA)	ELIETE NEGREIROS Eliete Negreiros Copacabana	HOME OF THE BRAVE Laurie Anderson (WEA)	PANICO EM SP Inocentes (WEA)
Carlos Arruda	😊	😐	●	●	😐	😐
José Augusto Lemos	😊	😐	😐	😐	😐	😐
Alex Antunes	😐	😐	😐	😐	😐	😐
José Emilio Rondeau	😊	😐	😐	●	😐	●
Alfredo Borba Jr.	😐	😐	😐	😐	😐	😐
Tom Leão	😊	😐	😐	●	😊	😐
Leopoldo Rey	●	😐	😐	●	●	😐

Sublime 😊

Bom 😐

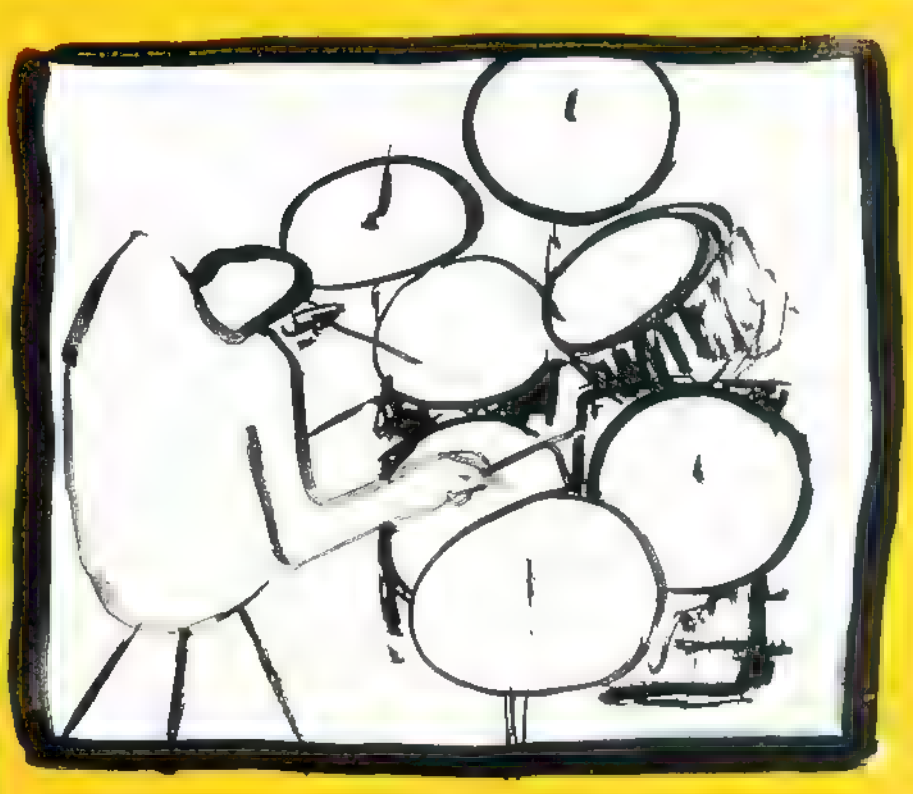
Interessante 😐

Razoável 😐

Lixo 😐

IRA! VIVENDO E NÃO APRENDENDO

IRA!

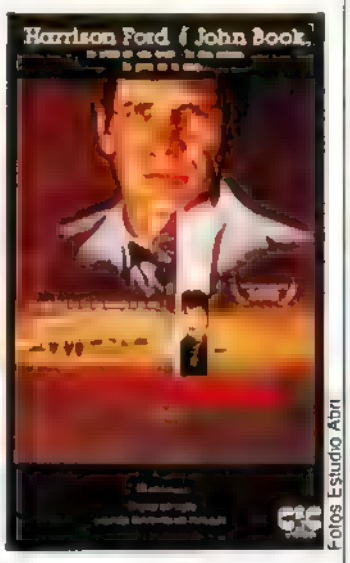


NOVO LP JÁ NAS LOJAS

wea

[LANÇAMENTOS]

A TESTEMUNHA (Witness, 1985)



Fotos Estúdio Abril

Direção: Peter Weir. Com Harrison Ford, Kelli McGillis, Alexander Godunov. CIC

O encontro do brilhante diretor australiano Weir com o cinema de Hollywood deu certo. Menos denso que seus filmes anteriores (*Gallipoli* e *O Ano em que Vivemos em Perigo*, em especial), *A Testemunha* ganha em charme, muito graças a Harrison Ford e à novata McGillis.

Ele é um policial que flagra uma tramóia da própria polícia nova-iorquina, e deve ser eliminado. Acaba se escondendo entre os *amish*, membros de uma seita agrícola que recusa o progresso industrial e a violência urbana — logo ele, um tira durão... E há a deliciosa viúva *amish* para complicar mais. Biscoito fino.

DRAMA

RUMBLE FISH (1983)

Foto Gamma - Sigla

Direção: Francis Coppola. Com Matt Dillon, Mickey Rourke, Diane Lane, Dennis Hopper

Este *cult-movie*, inédito nos cinemas, deve estrear ainda este ano sob o infame título de *O Selvagem da Motocicleta*. Você pode se adiantar e vê-lo em vídeo, *se* a cópia e o seu equipamento forem muito bons: o apuro visual de *Rumble Fish* é mais que um complemento, ele dá sentido à trama.

O elenco traz Matt Dillon, que trabalhou com Coppola também em *Outsiders*, e revela Mickey Rourke (o ator de *O Ano do Dragão*). A trilha sonora, do *policeman* Stewart Copeland, é outro ponto altíssimo, compondo com a imagem um todo inseparável. É o ideal do cinema de Coppola. E o ideal do cinema.

ELENI (1985)

Direção: Peter Yates. Com Kate Nelligan, John Malkovich, Linda Hunt.

Yates, diretor de aventuras como *Bullitt* e *O Fundo do Mar*, é também um diretor sensível para o trato com temas mais complexos. Esta é a história real de Nicholas Gage, um grego radicado desde jovem nos EUA, cuja mãe, Eleni, foi morta na guerra civil. Sua obsessão é retornar à Grécia e descobrir os assassinos.

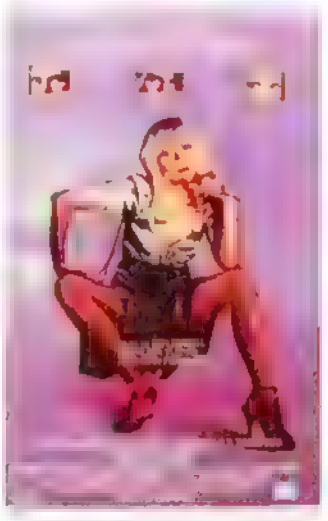
Como repórter do *New York Times*, ele retorna a seu país e toma em suas próprias mãos a investigação e a vingança. O enfoque histórico é muito parcial, pintando os comunistas — responsáveis pela morte de Eleni — como verdadeiros animais. Fora isso, um bom drama.

MAGNICÍDIO (Jubilee, 1977)

Direção: Derek Jarman. Com Jenny Runacre, Little Nell, Toyah Willcox, Adam Ant

Um dos primeiros filmes do diretor inglês, muito festejado por seu *Caravaggio*. A rainha Elizabeth I é transportada pelo anjo Ariel para o século XX. A monarquia e o Estado já não existem. O que resta do poder é detido por um empresário inescrupuloso, que transformou o Palácio de Buckingham em estúdio e controla as bandas que fazem a cultura. Esse é o pretexto para performances de Siouxsie, Adam Ant, Chelsea, Wayne County. Uma reflexão intelectualizada e um tanto indigesta sobre o fenômeno punk, prejudicada pela péssima tradução, com Toyah num bom papel e música de Brian Eno.

CRIMES DA PAIXÃO (Crimes of Passion, 1985)



Direção: Ken Russell. Com Kathleen Turner, Anthony Perkins, John Laughlin.

Estranho filme, talvez o melhor do exagerado (às vezes insuportável) diretor inglês (*Tommy*, *Lisztomania*, *Viagens Alucinantes*). Certos diálogos e partes da trilha sonora (de Rick Wakeman!) ameaçam jogá-lo no ridículo. Kathleen, John e o taradíssimo Anthony Perkins salvam a pátria. É uma espécie de mix de *A Bela da Tarde* — ela é executiva de dia e prostituta à noite — com *Psicose*, o clássico de Hitchcock com o próprio Perkins. Vale ver.

Foto Liaison-Gamma - Sigla

AVENTURA

TUDO POR UMA ESMERALDA (Romancing the Stone, 1984)

Direção: Robert Zemeckis. Com Kathleen Turner, Michael Douglas, Danny DeVito.

O divertido filme que consagrou Kathleen, do mesmo diretor de *De Volta Para o Futuro*. Aqui ela explora sua veia humorística, como a escritora de aventuras românticas que no entanto vive reclusa como uma solteirona. O sequestro da irmã a leva à inóspita América do Sul, onde ela conhece um dos tais aventureiros sobre os quais costuma escrever.

Naturalmente eles acabam apaixonados etc., mas as situações absurdas e a hilária galeria de bandidos que enfrentam renovam o tema, em um ritmo e espírito bem spielbergueanos.

MUSICAL

STOP MAKING SENSE (1984)

Foto Paul Cox - LFI

Direção: Jonathan Demme Com os Talking Heads

Um concerto histórico. David Byrne entra só no palco enorme e vazio, violão e ritmo gravado, para tocar a antológica "Psycho Killer". A cada música um membro da banda se incorpora: Tina Weymouth e seu baixo, Chris Frantz, Jerry Harrison. Operários trazem a bateria, os teclados, o set de percussão, montando o palco durante o próprio show. Vão chegando os convidados: Alex Weir (guitarra), Steve Scales (percussão), Lynn e Edna (vocais), todos muito animados. Truques multimídia, danças espasmódicas... delicioso.

URGH! A MUSICAL WAR (1981)

Foto Mario Bazone - F

Direção: Derek Burbidge. Com o Police, Dead Kennedys, Devo, Oingo Boingo, Gary Numan etc

Um filme recente e no entanto já nostálgico, tão efêmera foi a época em que termo "new wave" não era pejorativo. *Urgh!* é uma memorável coleção de performances ao vivo, reunindo os grupos mais expressivos do início da década, do punk rock do Chelsea ao tecno do OMD. Algumas babas, outras tantas curiosidades (o falecido Klaus Nomi, os vanguardistas Pere Ubu) e várias pérolas: Wall of Voodoo (foto), Magazine, Au Pairs, Cramps, Gang of Four, X, Steel Pulse, UB40, XTC, John Cooper Clark.

THREE OF A PERFECT PAIR — LIVE IN JAPAN (1985)

Foto LF

Direção: Ryuji Sasaki. Com o King Crimson

O canto de cisne do velho Rei Escarlate. Um concerto solene, quase frio, porém marcante pelo aparato e pela técnica dos músicos. Fripp e cia. debulham, trocando de instrumentos (Levin toca baixo, stick e teclados; Belew passa da guitarra para a bateria e percussão; Bruford ataca de percussões diversas, eletrônicas e acústicas) e dando interpretações definitivas a temas menos impressionantes em disco, como "Waiting Man" e "Sartori in Tangier". De quebra, "Larks Tongues in Aspic pte. II", da velha formação, revista e chapante.

SUSPENSE

RAZORBACK (1984)

Direção: Russell Mulcahy. Com Gregory Harrison, Arkie Whiteley

Estréia do diretor de *Highlander*. Com o histórico de magníficos clips que Mulcahy tem não dava outra: muito brilho na elaboração visual e ritmo alucinante *Razorback* é uma paulada.

É a história de uma repórter ecológica americana que vai à Austrália, numa reportagem sobre a matança indiscriminada de cangurus (para fazer ração de cachorro!). Em um povoado ela encontra, além do seu assunto, doidões para texano nenhum botar defeito (dois irmãos tipo os *brothers* tarados de *Texas Chain Saw Massacre*) e o *razorback*, um javali monstruoso e assassino. Pior para o marido da moça, que enfrenta os psicopatas e o bicho tentando encontrá-la. A trilha é de Iva Davies (Icehouse), fora uma música incidental: num momento de perigo, o que toca no rádio é Duran Duran, o maior cliente do clipeiro Mulcahy. .

ARTE

O DISCRETO CHARME DA BURGUESIA (Le Charm Discret de la Bourgeoisie, 1972)

Foto Abril

Direção: Luis Buñuel. Com Fernando Rey e Delphine Seyrig

"Filme de Arte" é uma tentativa de classificar o inclassificável cinema do surrealista espanhol. Este *Discreto Charme* combina uma considerável dose de comédia, de drama e de imponderável. Trata-se de um grupo de pessoas que sempre se encontra socialmente, convidando-se para seguidos almoços e jantares que, por uma razão ou por outra, nunca dão certo. São proprietários de restaurante que morrem, horários e datas que não batem, e um profundo sentimento de inquietação

COMÉDIA

MÉDICO EROTICO (The Man With Two Brains, 1983)

Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin e Kathleen Turner

Mais uma colaboração da dupla Martin Reiner (de *Cliente Morto não Paga* e *Um Espírito Baixou em Mim*). Kathleen é a *vamp* cruel que vira a cabeça do cientista de nome impronunciável, dr. Hfuhruhurr. Quando ele percebe a jararaca com quem se casou, passa a ter um caso com um cérebro em conserva. Ora, a esposa tem um corpo ideal, mas ele está apaixonado por outro cérebro — e já que estamos entre cirurgiões

Vídeos cedidos pelas locadoras 2001 e Rentacom. As resenhas são de Alex Antunes

KATHLEEN TURNER

Foto 20th Century Fox Film

A paixão e o poder medem forças em *A Honra do Poderoso Prizzi*. O pivô desse jogo é a moça da foto, Kathleen Turner, que passeia sua sensualidade com segurança entre as armadilhas perigosas de uma família mafiosa.

A dúbia Kathleen estreou no cinema em *Corpos Ardentes*, ao lado de William Hurt. Um personagem dizia a certa altura que ela devia ser proibida de sair à rua com aquele corpo. A crítica a saudou como uma nova Lana Turner, com a discreção de Greta Garbo. Recusando-se a ser apenas uma *sex symbol*, Kathleen não aceitou as propostas para os papéis de *vamp* que surgiram depois do filme e saiu para uma carreira em busca de novidade e diversidade: "Isto não é uma censura, mas, nos EUA, no cinema, mostram-se geralmente apenas certos tipos de personagens, mulheres, homens e situações, o que limita as possibilidades de escolha de papéis". Pediu trégua, voltou ao teatro e fez *Sonho de uma Noite de Verão*

Filha de um diplomata americano, Kathleen acompanhou a família pelo Canadá, Venezuela, Cuba e Londres. Em 73, com a morte do pai, ela voltou ao Missouri, onde nasceu, e foi estudar arte dramática. Conquistou todos os papéis principais nas peças de Shakespeare do teatro universitário ("Eu devia ser o fim da picada", diz ela hoje)

Em Nova York, começou longe da Broadway, até emplacar nove meses com *Gemini*. Fez também *Travesties* e *The Seagull*. Na televisão ficou mais de um ano na série *The Doctors*, num papel cômico.

Uma revista francesa perguntou-lhe se ela pensara no sucesso ao fazer *Tudo por uma Esmeralda:* "Não, o sucesso é eventual, mas quis o papel porque me excita fazer o inverso daquilo que todos pensam que eu sou".

Em seu mais recente filme, *Peggy Sue Got Married*, com direção de Francis Coppola, ela vive uma mulher que volta no tempo e tenta mudar o próprio destino, uma espécie de *De Volta para o Futuro* sem os efeitos espetaculares de Spielberg. Ela interpreta a personagem dos 18 aos 42 anos. Aí está a chance de vê-la exercitar, num mesmo papel, toda sua versatilidade.

Cesar Garcia Lima

FILMOGRAFIA COMPLETA (os filmes com o sinal * são disponíveis em vídeo): *Body Heat** (*Corpos Ardentes*, 81); *The Man With Two Brains** (*Médico Erótico*, 83); *Romancing the Stone** (*Tudo por uma Esmeralda*, 84); *A Breed Apart* (Inédito, 84); *Crimes of Passion** (*Crimes da Paixão, 85*); *Jewel of Nile** (*A Jóia do Nilo*, 85); *Peggy Sue Got Married* (Inédito, 86).

ROBERT SMITH

"MINHA CARA É ESTÚPIDA, MINHA MAQUIAGEM É ESTÚPIDA!"

PHILIPPE BLANCHET — Rock & Folk exclusivo para BIZZ

O ano de 1986 já é um marco na história do Cure. Depois de quase dez anos compartilhando uma semi-obscuridade fora do continente europeu, com grupos conterrâneos e contemporâneos seus como os Banshees e os Bunnymen, excursionam pelos Estados Unidos com sucesso (ver ***Ao Vivo*** desta mesma edição) decorrente das vendagens imprevistas de ***The Head on the Door*** e da recém-lançada coletânea de compactos, ***Standing on a Beach*** (título extraído de um dos versos do primeiro compacto gravado pela banda, *Killing an Arab*).

Robert Smith já havia dado uma simpaticíssima e abrangente entrevista a Pepe Escobar (publicada na BIZZ n.º 7), que — por sua vez — dera a ficha completa do grupo na edição de BIZZ n.º 5. É pouco? Para o número cada vez maior de fãs do Cure que se correspondem com nossa redação, sim.

Então, aplacando a insaciável sede dos *curemaníacos* brasileiros, segue esta entrevista dada — pouco antes do embarque para a turnê nos Estados Unidos — ao repórter ***Phillippe Blanchet***, da revista francesa ***Rock & Folk***, adquirida com exclusividade para BIZZ.

ROBERT SMITH

BIZZ — *Por que uma coletânea de compactos a esta altura do campeonato? É um balanço da carreira?*
Smith — Não, nem um pouco. De fato, esta escolha não depende de razões puramente artísticas — é que atingimos a marca de treze compactos, o número certo para fazer um LP. Um a mais e seria impossível! Assim, é o momento certo — juntando com o vídeo dos clips para esses compactos *(Staring at the Sea)* e um livro que deve ser lançado em breve, aproveitamos para oferecer ao público todo um material sobre o Cure. Resumindo, estes últimos seis meses foram colocados sob o signo da retrospectiva. Um pouco demais até! Não acho que se deva perder tempo demais com o passado. A gente acaba ficando logo complacente.
BIZZ — *Você está trabalhando para um novo LP?*
Smith — Sim. Já compus uma boa dúzia de músicas...
BIZZ — *Na mesma linha que* The Head on the Door?
Smith — Não, queremos um som bem diferente. *The Head on the Door* é um disco bastante luminoso — o próximo será, sem dúvida, mais agressivo. No momento, as *demos* que temos estão bem *hard*, com um som de baixo bem distorcido. Havia uma ou duas músicas do gênero em *The Top* — "Shake Dog Shake", por exemplo. Quero muito que o nosso próximo disco seja mais pesado, talvez para que sintam mais a nossa presença, um pouco como no palco.
BIZZ — *Quando começam as gravações?*
Smith — No mês de agosto. Em julho, vamos dar um giro de três semanas pelos Estados Unidos, depois daremos alguns shows na França, na Itália e na Espanha. Não mais do que isso: não quero perder tempo demais com turnês. Já sei que é um meio eficiente de matar o grupo. Assim que tivermos acabado essa série de shows, ficaremos isolados durante seis semanas num estúdio no sul da França. O disco deve estar pronto no final de setembro ou começo de outubro. Depois disso, talvez alguns shows, mas pouca coisa. Não vejo por que seríamos obrigados a ficar sempre excursionando só pelo fato de sermos um grupo. Mais uma vez, foi o que destruiu o Cure no passado. Não faço questão de recomeçar. Vamos construir outras coisas, só isso.
BIZZ — *Um filme, por exemplo?*
Smith — Sim, é um dos nossos projetos. A gente gostaria de fazer um filme, um filme estranho para o cinema. Algo mais elaborado que um clip, com enredo e tudo... Incluiremos, sem dúvida, trechos do show em Fréjus, que vamos filmar.

Segunda formação do grupo, no final de 79: sai Michael Dempsey, entra Simon Gallup no baixo. Além disso, o trio inicial recebe o acréscimo de um tecladista, Matthieu Hartley. Logo em seguida, este quarteto gravaria o LP *Seventeen Seconds*.

Foto Paul Cox, LFI

BIZZ — *Vocês têm circulado bastante nos últimos tempos. Você tem a impressão de que o Cure tem públicos diferentes conforme cada país?*
Smith — Uma pergunta difícil de responder. Com certeza, as reações do público são muito diferentes de um país para o outro. Acho que isso se deve antes de tudo à maneira como a imprensa nos apresenta. Na França, por exemplo, fomos vistos com freqüência nestes últimos dois anos — o que pode ter atraído um público que gosta mais da gente pelo nosso visual do que pela nossa música, o que é muito peculiar. Nunca experimentamos antes esse tipo de fenômeno. Para alguns, passamos a imagem de pessoas sombrias. Ao contrário, nos Estados Unidos, somos realmente vistos como um *pop group*. Gosto desses contrastes. Na época de *Pornography* ou de *Faith (os discos realmente mais sombrios do grupo, ao contrário de uma apresentadora da TV brasileira que ousou afirmar em cadeia nacional que o* Pornography *era "mais alegrinho" — N. da R.)*, parecíamos a mesma coisa para todos. Era lógico, naquele momento, mas seria terrível estarmos hoje presos à armadilha de uma imagem, de uma uniformidade de gostos. Atualmente, se você colocar cinco pessoas que gostam do Cure numa mesma sala, cada uma lhe

Foto Gamma/Sygla

dará uma razão diferente por gostar do Cure sem que, ao meu modo de ver, uma delas tenha mais valor que as demais.

BIZZ — *A curemania a que assistimos no momento tende a irritar os fãs de primeira hora. O que você acha disso?*

Smith — É muito esnobismo acreditar que o Cure mudou porque tornou-se um grupo popular. Não sei por que a nossa popularidade fora da Inglaterra de repente se multiplicou por dez. Não fizemos nada de especial para isso. Eu não mudei, continuo dizendo as mesmas coisas e me comportando da mesma maneira. *The Head on the Door* não foi gravado para ganhar novos fãs. Era apenas o LP seguinte do Cure. Nunca fizemos nada-que me tirasse a vontade de estar no Cure. Nada que seja desprezível. Há tão poucos grupos assim, além do Cure! Sem dúvida: New Order, Echo & the Bunnymen, os Banshees... Acho que, na sua maioria, as pessoas percebem que sempre tivemos a mesma atitude. Pode-se gostar do A-Ha, mas por trás não há nada, é vazio, não existe. Somos diferentes.

BIZZ — *O que não impede vocês de aparecer no* Champs-Elysées *(programa popular da televisão francesa)!*

Smith — Sim. E fizemos a mesma coisa na Alemanha, num programa com o Limahl, um troço horrendo. Sabemos que são uma merda todos esses lances. Mas, quando você faz discos para os outros, tem de participar de alguns desses programas, de vez em quando. Senão, você fica tocando sozinho no seu quarto, e isto é horrível. Chegamos no *Champs-Elysées* completamente bêbados, recusamos o aceno idiota ao sair do carro e permanecemos fiéis ao que somos, durante as gravações. Podemos participar até um certo ponto, mas nunca tivemos nada em comum com o chamado mundo pop. A única coisa interessante nesse programa era o nosso grupo. O resto era terrível. Agora, se tivesse acontecido alguma outra coisa boa durante o programa, eu teria apreciado. Não acho que sou o melhor, mas o Cure é melhor que a maioria das coisas que se ouve por aí. Isto dito, não sou um bom crítico na matéria porque não costumo assistir a esse tipo de programa. Sei que são muito populares, quem sabe alguém descobriu o Cure justamente nessa ocasião. Quando eu era garoto, vi Alex Harvey, Roxy Music ou David Bowie na TV. Eu devia ter uns treze anos e me lembro bem. Eram, sem dúvida, diferentes do resto.

BIZZ — *Como você reage quando cruza com fãs fantasiados de Robert Smith, com o mesmo cabelo, a mesma maquiagem?*

Smith — Tenho sentimentos divididos, muito confusos. Será que eu devo me orgulhar disso?

BIZZ — *Você dá muita importância à sua imagem, seu visual?*

Smith — Acho que estou melhor

Na foto acima, a apresentação do Cure no programa *Champs-Elysées*. Abaixo, o trio que gravou os LPs *Faith* (81) e *Pornography* (82): Simon Gallup, Lol Tolhurst e mr. Bob. Com a saída de Gallup, em julho de 82, fecha-se o primeiro ciclo da banda.

Foto Paul Cox, LFI

com este corte de cabelo do que na época do *Seventeen Seconds* (80), em que eu parecia um *skin head* agressivo e maldoso. Mas não levo meu visual muito a sério. Vou cortar meu cabelo curtinho neste verão, para as filmagens. Minha cara é estúpida, minha maquiagem é estúpida... Para ser honesto, não ligo a mínima!

BIZZ — *A mesma coisa para as roupas?*

Smith — Sim. Por outro lado, devem ter certa importância para os fãs, porque na nossa última visita a Paris fotografaram os meus sapatos! *(risos)* De fato, temos um traje de palco, confeccionado por um amigo, que vestimos sem parar durante um ano e meio. A calça que estou vestindo neste exato momento data de *Seventeen Seconds* — desde então, eu a levo e só... Também sempre calço tênis porque gosto de jogar futebol. Na escola eu já usava só isso. É confortável! Há anos que eu não piso em uma butique de Londres. Antes, eu ia na Johnson's, em King's Road, comprar ternos. Hoje, tudo que eu uso é Mary quem compra. Ela me diz se fica legal ou não.

BIZZ — *Você fala de Mary, a sua garota. Ela tem alguma influência sobre o grupo?*

Smith — Não diretamente. Ela não se interessa pelo Cure. Ela foi a Paris com a gente e se sentiu horrorizada com tudo aquilo. Não a incentivo a vir comigo. Pelo contrário, procuro mantê-la afastada do Cure. Ela é muito crítica com tudo que faço — detesta alguns LPs, embora tenha gostado do último. Quando gravamos "Charlotte Sometimes", pedi que ela fosse comigo. Ela nunca tinha estado num estúdio. Ela sentou num canto enquanto eu cantava... A influência deve acontecer em outro nível. É verdade que a maioria das coisas que andei compondo ultimamente foram diretamente influenciadas por Mary.

BIZZ — *Você é visto com bastante freqüência na companhia de crianças. Por quê?*

Smith — Adoro ficar com a molecada. Não consigo acreditar que eu tenho vinte e sete anos. Se você se sente completamente espontâneo e natural, você vive em outro tempo. Com as crianças é perfeito. Tenho seis sobrinhos e sempre fico com eles. Jogo futebol com eles.

BIZZ — *Você também poderia ser pai!*

Smith — Não, não! Nunca terei filhos — prefiro os dos outros. Ser pai me faria crescer. Não tenho nenhum senso de responsabilidade. Com os moleques do meu irmão não tenho esse tipo de problema. Posso ter com eles uma relação privilegiada. Eles assistem a muitos dos meus shows, sobretudo na Inglaterra, e viajam numa velha caravana. Freqüentemente, após os shows, eles fazem comentários sobre a minha voz ou a respeito da música. São meus melhores críticos.

BIZZ — *Dizem que de vez em quando você pode ser muito agressivo, colérico até. É verdade?*

Smith — Era mais no passado, principalmente com Simon (Gallup), meu melhor amigo. Penso que, quanto mais próximo você está de alguém, mais você pode ser violento com essa pessoa. Mas sempre evitei ser agressivo em público, numa casa noturna por exemplo, mesmo quando estava bêbado. Acho isso detestável.

BIZZ — *Você tem tempo de ler e ir ao cinema?*

Smith — Sim. Acabo de ler *Convite ao Suplício* de Nabokov. Fora isso, hoje à noite, com o grupo, vamos ver *A Volta dos Mortos Vivos* e *Re-Animator* no cinema. Adoro! Boto a mão na frente dos olhos quando é horrível demais e peço para os outros me avisarem quando a cena acabar! Buuu!

Ao lado, um flagra da turnê americana deste ano. Robert Smith colhe em fama e sucesso internacionais a longevidade e consistência de uma das mais importantes bandas da história do rock inglês, fundada na cidade de Crawley, em outubro de 1976.

Foto Retina

ROBERT SMITH

O Tears For Fears acaba de pendurar mais um disco de ouro na parede. Especial, muito especial. Esse saiu do Brasil mês passado quando Curt Smith e Roland Orzabal ultrapassaram a barreira das cem mil cópias do Lp Songs From The Big Chair. Cem mil brasileiros acreditaram na proposta de uma das maiores revelações inglesas ao assobiarem Shout, Everybody Wants To Rule The World, Head Over Heels e, agora, I Believe. Estourar no Brasil sempre foi um sonho para Smith e Orzabal. Um sonho que pouco a pouco foi ganhando contornos e acabou virando objetivo. Não é à toa que os dois, quando souberam do disco de ouro, telegrafaram imediatamente. O texto, simples e direto, resumia tudo:

"Thank Youuuuuuuuu, Brazil!"

De nada, vocês merecem.

PolyGram

IRA!

VIVENDO E APRENDENDO

"Os homens e as mulheres ou se devoram rapidamente, no que se convencionou chamar ato de amor, ou se entregam a um longo hábito a dois", diz Albert Camus em seu romance *A Peste*.

Expressar os entraves do coração e das relações entre os indivíduos — um dos grandes mistérios para a juventude dos anos 80 — é uma das mais claras bandeiras do Ira! . Eles fazem rock com uma rebeldia implosiva, movidos por um coração vitalizado e esperto. E foram à luta, como traçava a letra de "Gritos na Multidão", que consta do primeiro compacto que foi gravado pelo grupo, em 83, e que retrata sua fase mais radical.

Neste compacto começa, também, uma trilha bem peculiar para uma banda de rock brasileira. Interessada em abarcar mais um grupo para seu filão roqueiro, a WEA contratou o Ira!, em 83, justamente pela sua fama de "grande banda do underground paulista". Concederam-lhe um compacto simples e nada mais. Com um disquinho mal gravado e mal divulgado, o grupo manteve suas apresentações ao vivo e firmou o terreno em melodias pop, carregadas de um estilo personalizado. Foi nesta estrada que o ex-Ira ganhou uma exclamação: Ira!

Desta certeza criaram o LP *Mudança de Comportamento*, gravado em 85, em apenas nove dias, e que não mereceu maiores atenções por parte da gravadora. "Mas o Ira! já nasceu grande", como afirma Edgard, sem modéstias. Foram conquistando um público fiel e créditos da crítica, chegando, assim, à marca de 20 mil cópias vendidas desse LP.

Hoje parece que as coisas melhoraram — tiveram um tempo razoável de estúdio e esperam um apoio maior em termos de divulgação do trabalho. Eles entram no final de 86 com o LP *Vivendo e Não Aprendendo*, que, além da força natural, traz as músicas do primeiro compacto — "Pobre Paulista" e "Gritos na Multidão" —, gravadas ao vivo. O som você ouve no disco. O que eles têm a acrescentar como mensagem você lê aqui.

Foto Rui Mendes

BIZZ — *Falem um pouco do novo LP.*

Nasi — Este disco é uma continuidade do primeiro. Mesmo no lance de como surgiu o repertório. Tem músicas que já vínhamos tocando há quase um ano ao vivo, outras que já fazem parte de uma fase mais antiga do grupo e coisas novíssimas, inéditas. Tudo isso formou um painel muito claro do nosso trabalho.

Edgard — A gente queria fazer um compacto à parte de "Pobres Paulistas" e "Gritos na Multidão" que acompanharia o LP.

BIZZ — *E por que não deu certo?*

Edgard — Sempre há choques em relação a idéias novas. Esse é um grande problema com as gravadoras. Elas sempre dão um tempo, até a idéia perder um pouco a graça...

Gaspa — Quando todo mundo fizer, aí é viável.

BIZZ — *Mod... Vocês querem falar sobre mod?*

Edgard — Não sei. Não, não...

Gaspa — Ninguém segura um mod!

André — Uma coisa curiosa. Uma vez vieram aqui uns rapazes de Osasco e contaram que tinha uma banda lá que se chama Mod, que toca todas as músicas do Ira!. Uma banda toda! Achei mau...

Edgard — Outro dia um cara me falou que tinha uma banda (outra) que tocava todas as músicas do disco anterior, menos "Ninguém Entende um Mod" e outra que não me lembro...

BIZZ — *E o que vocês acham des-*

IRA!

sas bandas?
Edgard — Acho legal. Fazemos músicas não só para mostrarmos. Elas são feitas para serem tocadas. Eu não me envergonho de falar que sei tocar um disco inteiro dos Beatles, Clash ou Jam. Nós nos colocamos como uma banda a nível internacional.
Nasi — Pelo menos para mim é uma forma de realização.
BIZZ — *Será que está realmente surgindo espaço para a cultura jovem no Brasil?*
André — Agora chegou numa hora em que tudo está na mídia. A Rádio Cidade é dona da 89, que é rádio alternativa! Tem hora que dá uma sensação de que está faltando um certo terrorismo cultural.
Edgard — Essa preocupação de difundir muito o rock acaba diluindo um pouco o rock — entra na esfera do consumismo. E o rock precisa mais de roqueiros do que de consumidores. Música é uma coisa tão particular, de uma banda! Não é uma coisa para abraçar 8 mil km^2.
Nasi — E as pessoas chegam e perguntam: "E vocês, esses grupos novos, que surgiram com o RPM?". Quer dizer: somos mais antigos que o RPM. Essa confusão que a massificação e desinformação cria faz com que achem que somos um grupo novo, porque nossa música fez sucesso o ano passado. A história da banda é a história do sucesso de *uma* música!
Edgard — Ainda bem que não votaram na gente como revelação na *BIZZ* o ano passado.
Nasi — Não é só no Brasil... O número de grupos lá fora que estouram só com o lance da publicidade... Mas hoje isso já é um *estilo de rock*. O que aconteceu com Frankie Goes to Hollywood, Sigue Sigue Sputnik? São bandas armadas em cima de um projeto de imagem, divulgação...
Edgard — Essas bandas são feitas como armação e conhecidas mundialmente como tal. Aqui no Brasil essas coisas são enrustidas. Parece que é sério!
BIZZ — *E como vocês se sentem no meio dessa diluição? Vocês sentiram esses reflexos de sonoridade americana neste LP?*
André — No nosso caso, tentamos quebrar totalmente esse padrão americano de gravação. Nossa influência no disco foi no sentido de tirá-lo dessas viagens.
Edgard — O anti-padrão puta som *(risos)*.
BIZZ — *Voltando ao trabalho de vocês. Não tinha uma história de lançar o disco ao ar livre aqui em São Paulo?*
André — Queremos fazer o show ao ar livre de qualquer forma. A única coisa é se vai ser o primeiro ou não. Mas que vai ter, vai.
BIZZ — *E o resto do Brasil?*
Nasi — A novidade é irmos para o Norte e Nordeste, também. Vai ser uma excursão pelo Brasil mesmo.
BIZZ — *Como pintou a idéia do quarteto de cordas em "Flores em Você"?*
Edgard — Tem uma música do Jam que foi passada para cordas. Eu ouvi e depois ouvi também uma versão deles tocando ao vivo — guitarra-baixo-bateria. E é um lance superlegal, porque você transforma as cordas num instrumento de rock também.
BIZZ — *E o nome do disco:* Vivendo e Não Aprendendo?
Edgard — Esta frase é mais para cada um pensar sobre ela. O que ela quer dizer é o que está escrito.

"Se a gente quer falar com o mundo, então não pode ficar fazendo folclore"

Nasi — A intenção é parecida com *Mudança de Comportamento* — para deixar as pessoas com a pulga atrás da orelha. Para dar margens: tipo "as pessoas estão cometendo os mesmos erros".
BIZZ — *Vamos falar um pouco de política. São Paulo tem Jânio Quadros na prefeitura e a possibilidade de Maluf no governo. Teoricamente esta é a cidade do Brasil onde mais fervem as coisas, culturalmente falando. Como vocês vêem essa discrepância?*
Nasi — Esse lado de vanguarda em São Paulo é o reflexo desse lado superconservador. É uma cidade muito louca, tem todo tipo de gente, de todas as idades, muitos problemas. Como combater isso?!?!... Pobre paulista!
Edgard — Eleja Marcos Valadão *(o Nasi)* para governador! *(irônico)* Mas eu acho que o Brasil ainda vai ser um exemplo para o mundo inteiro, pegando pelo lado positivo.
BIZZ — *Por quê?*
Edgard — Porque é um país novo, que sempre quebra a cara com as coisas. Desde o esporte até a política. E esse desencontro todo é por pura ingenuidade das pessoas. Elas vão tentando uma coisa e não têm uma raiz profunda em tudo o que tentam. É: ou vai ou racha! Sempre uma esperança nova que pinta e todo mundo vai atrás com tudo!
BIZZ — *Mas onde estaria o potencial brasileiro para influenciar as coisas lá de fora?*
Edgard — Está na novidade. O que sair do Brasil e não for totalmente brasileiro — que seja uma coisa internacional. Quando as pessoas se tocarem de que estão num planeta e não em Minas, São Paulo... aí vai estar a mensagem. E também, quando pensarem no lance individual — as pessoas têm de se preocupar mais com seus próprios problemas. Eu, particularmente, estou mais preocupado com minha calvície do que com o próximo governador.
André — A criatividade aqui é o grande lance. É muito forte. Você vê: mesmo quando o futebol no Brasil está mal, ele está lá como um dos melhores da Copa.
Nasi — O futebol é um quadro bem característico para mostrar o Brasil — um país que tem um plantel infinito de jogadores bons, mas, quando chega na hora da organização, entra a política, interesses e f... tudo! Um potencial totalmente mal usado.
André — Se a gente quer fazer uma coisa que vai falar com o mundo, tem de levar em consideração outras culturas. Não fazer folclore.
Edgard — O brasileiro gosta muito de ter aquele grande líder. O que estraga muito a política daqui é que todo político que quer ser um cara popular se esconde muito atrás do nacionalismo e fica naqueles chavões: "Vamos ter o que é nosso". E isso é uma coisa que gera um atraso cultural! Porque para uma pessoa tornar sua arte internacional, vai encontrar essas barreiras pela frente. É bem típico da América Latina, que se esconde atrás do nacionalismo mas que, no primeiro problema, já fica devendo milhões de dólares para um país desenvolvido.
Edgard *(levanta, com a discussão ainda fervendo, e brinca)* — Mas Argentina tem o Maradona, que é um puta cara. Podia ter jogado sozinho.
Nasi — É! A criatividade do sul-americano é isso — ele vai ganhar sozinho!

Sônia Maia

A Giannini está lançando sua nova guitarra e baixo eletrônicos Shark que irão revolucionar o mercado nacional.
São instrumentos musicais de alta tecnologia com os mais significantes avanços na área de design e componentes, para que o músico tenha a seu dispor o que há de melhor a nível de beleza e sonoridade.
O corpo apresenta uma concepção totalmente nova, com fibra de vidro e madeira:
união perfeita entre tecnologia, design e leveza. Guitarra e Baixo Shark:
Instrumentos feitos sob medida para quem quer a perfeição.

Giannini

ROD STEWART

Foto A. Vaiecke LFI

Depois de um sumiço dos estúdios que durou dois anos, o inimitável mestre da rouquidão está de volta com um disco — surpresa, surpresa — muito bem recebido pela crítica. O primeiro compacto extraído da bolacha, você com certeza já ouviu. É "Love Touch", música do filme *Legal Eagles*, já estourada nas rádios do planeta.

Pouco antes do lançamento do compacto — às vésperas de embarcar para o México, onde testemunhou a desclassificação de sua amada Escócia — Rod deu esta rara entrevista, cedida à BIZZ com exclusividade pela agência Stills.

"APENAS UM CANTOR POPULAR"

BIZZ — *Você também correu no Sport Aid (movimento beneficente para os atletas, organizado por Bob Geldof e Tears for Fears, entre outros)?*
Rod — Não, eu só mandei uma contribuição.
BIZZ — *Você acha importante estar engajado em uma causa, quando se é um* rock star?
Rod — Acho sempre importante, não importa se a pessoa é um *rock star*. É importante!
BIZZ — *Por que, então, nas letras de suas músicas você nunca toca em assuntos políticos?*
Rod — Provavelmente porque não sou este tipo de compositor. Sou mais do tipo que compõe sobre a vida, casos amorosos e amores perdidos. Se eu pudesse, eu faria. Talvez, quando ficar mais velho...
BIZZ — *Você acha que o rock'n'roll tem o poder de mudar a mentalidade das pessoas?*
Rod — Acho que não. Acho que ele torna as pessoas conscientes e espelha os eventos sociais ocorridos. Não acho que o rock'n'roll vá mudar, ou já tenha mudado, o mundo. Apenas torna as pessoas conscientes do que anda acontecendo.
BIZZ — *Seu último LP,* Camouflage, *é de 84. O que você andou fazendo nos últimos dois anos?*
Rod — Eu tirei um ano para cuidar dos meus filhos — eu tenho dois. Também fizemos uma excursão pelos Estados Unidos, que durou nove meses. Também demoramos seis meses para fazer este último disco. Aí estão os dois anos...
BIZZ — *No* Camouflage, *a maioria das composições são suas. Este novo compacto ("Love Touch") não. É uma mudança de atitude?*
Rod — Não, isso só ocorreu porque, sendo o primeiro compacto, foi composto por um cara fenomenal, Holly Knight, que teve — acho — uns dez hits nos Estados Unidos em dezoito meses. Fora isso, nove composições do novo disco são minhas — um total maior do que em *Camouflage*.
BIZZ — *O disco está pronto?*
Rod — Sim, prontinho *(ar de grande satisfação)*, completamente terminado.
BIZZ — *E o* Legal Eagles? *Você pode falar alguma coisa sobre o filme?*
Rod — A canção "Love Touch" foi composta para o filme e Holly Knight, o autor, me pediu para cantá-la. É só o que sei.
BIZZ — *Você gostaria de ser um ator?*
Rod — Ainda não. Quem sabe no futuro...
BIZZ — *Como você descreveria o estilo musical desse novo LP?*
Rod — Está muito, muito parecido com o tipo de música que fazíamos com os Faces em 72/73. Mais orientado para a guitarra do que para o sintetizador. Não usamos nenhum computador rítmico, apenas bateristas de verdade. Acho que é o melhor disco que eu fiz nos últimos dez anos, eu não costumo falar esse tipo de coisa. Estou muito orgulhoso dele.
BIZZ — *Como você descreveria a "alquimia musical Rod Stewart"?*
Rod — Nós nunca planejamos nada de antemão. Se eu fosse descrever em poucas palavras, diria apenas que é uma música honesta. Humilde e muito honesta. A palavra definitiva seria "vertebrada".
BIZZ — *As pessoas dizem que você compõe sempre a partir de uma idéia mínima. Aí você a desenvolve com os músicos. É verdade?*
Rod — É, nós trabalhamos assim. Os caras ficam sentados, só usamos bateria e guitarra, e eu canto o que me vem à cabeça. Por exemplo, quando compomos "Baby Jane", os caras estavam tocando "da, da, da, da, da, da", e a primeira coisa que cantei foi "baby jane", e todo mundo disse: "É isso, esse é o coração da música". É simples assim. Acho que qualquer um pode fazer. Com um pouquinho de bom senso, qualquer pessoa pode compor.
BIZZ — *E você trabalha também a sós?*
Rod — Quando faço as letras, prefiro ficar sozinho. Para fazer as músicas, gosto de estar com a banda.
BIZZ — *E como você trabalha, de onde vêm as idéias?*
Rod — Bem, neste último, por exemplo, tem várias canções relacionadas à minha adolescência e meu amadurecimento. São experiências de vida do passado e casos amorosos. Coisas que aconteceram comigo...
BIZZ — *Seus filhos ajudam, de alguma forma?*
Rod — Não, nem um pouco. Eles sabem fazer uma ótima imitação do pai, mas não me ajudam.
BIZZ — *A sua experiência ajuda a levar sua carreira?*
Rod — Acho que sim. Como em qualquer profissão, para falar a verdade. Quanto mais você faz uma

coisa, melhor você fica.
BIZZ — *Quais são suas influências? Você ouve bastante música?*
Rod — Sim, eu não compro discos mas ouço bastante rádio.
BIZZ — *E que tipo de música?*
Rod — Rock'n'roll!
BIZZ — *Que tipo de rock'n'roll?*
Rod — Bem, também ouço bastante jazz. Mas, em termos de rock, gosto dos Eurythmics, de Robert Palmer e Paul Young. Bons cantores, são meus favoritos.
BIZZ — *Como você explica seu sucesso?*
Rod — Não sei. Acho que, talvez, com um pouco de talento e muita sorte... não sei ao certo!
BIZZ — *Você acha que é um* rock star?
Rod — Você acha que eu sou? Bem, eu suponho que seja, não sei como eu me classificaria. Gosto de me considerar apenas um cantor de canções populares, mas, se você quiser me chamar de *rock star*, tudo bem, não vou criar nenhum problema por causa disso!
BIZZ — *O que é um* rock star?
Rod — O que é um *rock star?* Deus do céu! Acho que podem ser pessoas maravilhosas, mas há também idiotas. Acho que estou tentando ser uma pessoa melhor do que era há dez anos atrás. Naquela época, acho que eu era quase o pior.
BIZZ — *E o que mantém você um* rock star?
Rod — O fato de eu não querer ficar desempregado. Eu adoro isso. Existem duas coisas que eu sei fazer bem — espero que três. Uma é compor e cantar, a outra é jogar futebol e a terceira é ser pai. Não ganho para ser um pai, estou velho demais para jogar bola, por isso continuo tentando fazer boa música.
BIZZ — *É difícil para uma estrela ter 40 anos de idade?*
Rod — Não muito. Se você faz bons discos, não é difícil. Além disso, acho que não pareço nem me comporto como um quarentão. Ainda tenho todo meu cabelo. Não sou como o Elton John!
BIZZ — *Então, não é difícil?*
Rod — Não, era mais difícil quando eu tinha 36. Enquanto eu tiver cabelo, vou continuar cantando.
BIZZ — *Em seus próximos shows, você vai continuar correndo de uma ponta do palco para a outra? Assim, uns oito quilômetros?*
Rod — Ah, sim. Talvez... Estamos começando os ensaios. Por isso não sei ainda o que vamos fazer. Posso também ficar parado, porque gostaria que as pessoas viessem me ver por causa de minha voz e minhas músicas. Mas provavelmente estarei dando uns piques...
BIZZ — *Você continua um adolescente?*
Rod — No coração, sim! Acho que todo mundo deveria ser um adolescente no coração.
BIZZ — *Os sentimentos são o ponto de partida de suas canções?*
Rod — É o modo mais fácil de compor. Canções que vêm do coração. Se alguma coisa pudesse definir meu estilo, seria "soul music", soul de olhos azuis.
BIZZ — *Você acha que seguiu uma evolução musical lógica?*
Rod — Eu não chamaria de lógica, pois comecei com amor pelo folk e depois comecei a ouvir blues. Não, eu passei por altos e baixos, sem nenhuma lógica. O rock'n'roll não tem lógica, na verdade, quando se começa a pensar nisso...
BIZZ — *Você chegou a ser influenciado pela moda na música? Quero dizer, coisas como discô, funk, punk, new wave...*

"Só procurei um professor de canto porque eu queria fortalecer a minha voz. Agora consigo cantar três horas durante cinco dias"

Rod — Não. Quando gravo um disco, quando me sento para compor, evito ouvir qualquer coisa, para não ser influenciado.
BIZZ — *Então, você tem um estilo próprio?*
Rod — Sim, especialmente a minha voz. É por isso que tem tanta gente tentando cantar como eu.
BIZZ — *Você ainda vê as pessoas com quem trabalhou no passado? O Ron Wood, por exemplo?*
Rod — Sim, é engraçado você perguntar isso. Estamos tentando organizar uma reunião dos Faces para esta excursão, eu, Kenny Jones e Ron Wood. Converso bastante com Woody pelo telefone.
BIZZ — *Você comprou uma casa nova?*
Rod — Sim, na Inglaterra.
BIZZ — *Você está começando uma vida nova?*
Rod — Bem, estou dividido ao meio. Minha família mesmo mora na Inglaterra. E minha outra família, meu filho e minha filha, mora na Califórnia, por isso estou dividido. Não chamaria de vida nova. Eu adoraria passar mais tempo aqui na Grã-Bretanha, onde nasci.
BIZZ — *Você tem medo do futuro?*
Rod — Pessoalmente, não, acho que vamos durar um bom tempo.
BIZZ — *Qual você acha seu melhor disco?*
Rod — Este novo. É o que eu gastei mais tempo para gravar e acho que é o disco mais honesto que eu já fiz. Ele tem profundidade também.
BIZZ — *Por que você gosta tanto de futebol?*
Rod — Acho que porque eu venho do proletariado. Adoro o jogo em si, fui profissional uma época. Para mim, é mais que um esporte. Quando bem jogado — por alguém como Kenny Dalglish *(craque escocês que, machucado, não foi à Copa)* ou Platini —, é arte. É uma forma de arte!
BIZZ — *Em 81, você teve um professor de canto. Continua com ele?*
Rod — Não, eu só o procurei porque queria fortalecer minha voz e ele fez isso comigo. Agora eu consigo cantar durante três horas por cinco dias seguidos, cinco shows.
BIZZ — *Se eu dissesse "dinheiro", o que você responderia?*
Rod — Bem, não traz felicidade, não traz saúde, mas elimina a infelicidade de viver na miséria.
BIZZ — *Se eu dissesse "esposa"?*
Rod — Aaaaah! *(pula para trás do sofá onde está sentado)* Ainda estou à procura de uma!
BIZZ — *Se eu dissesse "mulheres"?*
Rod — Aaah! *(tom de prazer sensual)* Minhas melhores amigas.
BIZZ — *Se eu dissesse "diversão"?*
Rod — A minha vida inteira, diversão todo dia!
BIZZ — *Rock'n'roll?*
Rod — Todo dia!
BIZZ — *Felicidade?*
Rod — Continuo à procura.
BIZZ — *Show-business?*
Rod — Engodo!
BIZZ — *Escocês?*
Rod — De coração e alma!
BIZZ — Rock star?
Rod — Não conheço nenhuma!
BIZZ — *Geldof?*
Rod — Santo, auréola...
BIZZ — *Futebol?*
Rod — A linguagem da classe trabalhadora!

Billboard. HOT 100 SINGLES

1	2	6	8	INVISIBLE TOUCH GENESIS (M.PADGHAM/T.COLLINS, M.RUTHERFORD, A.BANKS)	★★ NO. 1 ★★ 1 week at No. One ◆ GENESIS ATLANTIC 7 89407

Billboard. HOT 100

1	2	6	12	SLEDGEHAMMER G.LANOIS,P.GABRIEL (P.GABRIEL)	★★ NO. 1 ★★ 1 week at No. One ◆ PETER GABRIEL GEFFEN 7-2[illegible]718/WARNER BROS.

OS PRIMEIROS, SÃO OS PRIMEIROS...

GENESIS

PETER GABRIEL

O RESTO É CONVERSA!

FELLINI

"DOIS PASSOS ADIANTE, UM ATRÁS"

Foto Ru Mendes

O irrequieto grupo muda de membros, de estilo, lança um novo LP e parte para a próxima

"Vamos fazer a entrevista lá na padaria", sugere Thomas. Entram os atuais quatro *fellinis* e o balconista pergunta: "Quantos seis copos vai?" Cadão, já acostumado, responde: "Cinco". Coincidência ou acaso providencial, o *nonsense* da cena tem muito a ver com o pique do grupo.

Na entrevista anterior (publicada no *Porão* da BIZZ 5), o Fellini já havia passado por quatro metamorfoses musicais em apenas um ano e meio de formação. Antes mesmo de lançarem seu primeiro LP, *O Adeus de Fellini*, já preparavam outro repertório, recheado de delírios acústicos e raízes da MPB. Estas idéias foram levadas para o estúdio na gravação do último disco, o recém-lançado *Fellini só Vive 2 Vezes*. Sem Jayr e Ricardo (ex-guitarrista e baterista do grupo), Cadão e Thomas gravaram, sozinhos, este LP. Cadão fez voz e efeitos e Thomas tocou todos os instrumentos.

Hoje, acrescidos de Minho K (guitarra) e Walter (bateria), o Fellini retoma o rock, num repertório totalmente novo... e já pensam em outro trabalho, voltado novamente para o acústico! As peças-chave desta incessante máquina de fazer música são Thomas e Cadão.

Chamar Thomas Pappon de Prince germânico do rock tupi não é exagero. Não no estilo musical, mas na versatilidade: ele toca bateria, baixo, teclado, guitarra, produz, compõe, mixa, além de escrever sobre música e produzir alguns programas de rádio para a Cultura de São Paulo. Cadão é pesquisador na *Veja*, poeta de humor pitoresco e portador de um vocal de lamentos irônicos, de fazer rir até viúva no enterro do marido. Enquanto passavam o repertório para os próximos shows, ele rascunhava as letras, modificava algumas já prontas e prometia para o final da semana todas em sua versão final.

Minho K é mais um fantasma do rock paulista. Idealizador do grupo que muitos comentavam, mas quase ninguém viu — o N.º 2 —, ele entrou para o Fellini com o nível de qualidade que aquelas duas cabeças necessitam. A unidade salta aos olhos. A música é indefinível e seus ecos evocam algo que se poderia chamar de *Mutantes anos 80*. Walter era baterista do Ness. A convite de Thomas passou a fazer parte do Fellini.

Do atual repertório, três músicas são de Minho K, cinco são de Thomas e uma é do penúltimo disco — "Rock Europeu". "Afinal, toca na 89 FM", fala, maroto, Thomas. Ela começa assim: "Rock europeu/rock europeu/rock europeu. Você não imagina/o que você não conheceu./ Agora é tarde/é tarde/meu saco já encheu".

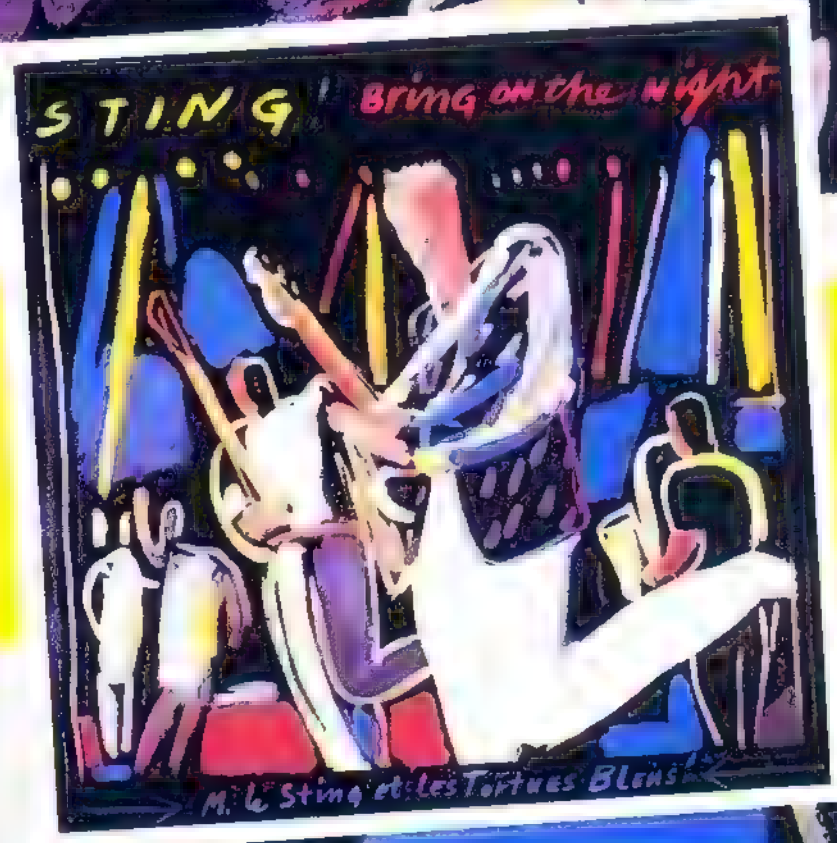
Do próximo trabalho, fala Thomas: "Vamos retomar o acústico. A informação elétrica limita muito o desenvolvimento de idéias musicais". "Abaixo a General Eletric", emenda Cadão. Ele mesmo comenta as letras: "Todas elas têm elementos de blues. Não conheço muito, mas imagino o que se passa. Seria como uma metáfora da música negra — meio piada, meio canção de catador de algodão. Quero causar um efeito de estranhamento. É um saco seguir só a inspiração, que muitas vezes desagua em lugares inseguros". E finaliza passando um dos versos: "Ela trouxe na mão um cactus/enquanto a cidade dorme ouvindo um cha-cha-cha". *Sônia Maia*

STING!

STING!

STING

Milhares de pessoas gritaram o nome de um dos mais importantes talentos da música popular. Esses gritos de Sting! Sting! Sting! se misturam a uma avalanche de sons e imagens que parecem saltar da vitrola. Bring On The Night, *um álbum duplo, registra em gravações ao vivo (processo digital) a estonteante passagem de Sting pela Europa. Mais do que um disco, um atestado de reconhecimento público.*



PolyGram

SETE DRINQUES COM

Foto Sipa Press

BRYAN FERRY

Uma aventura de
Pepe Escobar

Ele é o Rei do Cool. E chega. Ou chegaria, se estivéssemos em outra era. Acontece que esta é a era — definida há cerca de três anos — do *designer* como personalidade de mídia. Ou seja: todos que se orientam e copiam *looks*, imagens, consideram-se ditadores do estilo da época. Errado. São palhacinhos pobres de espírito. Quem vive querendo saber o que é cool jamais poderá se pretender cool.

Cool pode ser desde *Kind of Blue*, de Miles Davis, escutado no apartamento certo, com a Audrey Hepburn certa, com o drinque certo e *Lolita*, de Nabokov/Kubrick, no vídeocassete, até o correto paletó ou os 2m 45 de uma pop song atemporal. Aos interessados na cosmogonia cool, convém mirar-se no exemplo de um certo filho de mineiro de Newcastle, norte da Inglaterra, nascido quando acabava a Segunda Guerra Mundial, crescido com ambições audiovisuais e convertido — por talento próprio — em Árbitro e Parâmetro de estilo a partir de 72.

Para começar, a mini-história de Bryan Ferry revela-se fundamentalmente cool. Ele é conterrâneo de outra fera — D.H. Lawrence, mestre literário. Como Lawrence, largou a terra para escapar de um imperativo. Um aventureiro. Transpôs conceitos de pintura para a música e a partir daí forjou o look — e 50% do som — do Roxy Music. Os 70 foram dominados — até o molotov punk — pela blitzkrieg Zeppelin. Isso em termos de massa. Em termos de influência, só dois se habilitaram: Ferry e Bowie. Bowie foi sempre um outro, eterno camaleão. Ferry foi sempre Ferry. O Roxy era emoção e ironia. Glamour e humor. O estilo como escape à miséria cotidiana — um conceito-chave que Bowie também formalizou, mas por vias muito mais tortuosas.

Os punks tomaram o Palácio de Inverno. Apedrejaram Ferry — um Luís 16 sofisticado *demais*. Ele se retraiu. Álbum-solo de fracasso comercial, ligação frustrada com uma rameira texana (Jerry Hall, agora Jagger), voltou com Roxy, acabou com Roxy, achou a impecável Lucy, teve seu pequeno Otis (homenagem ao *soul man* Redding), retirou-se para o campo e reapareceu com um *Boys and Girls* de fa-

zer qualquer cool abaixo de zero tacar fogo na roupa.

Sua figura é cool, suas roupas são cool, seu corte de cabelo é o mais cool do planeta desde Eddie Cochrane. O mais cool em Ferry é que ele não faz a menor questão de falar sobre isso. Por uma cool intervenção de um Espírito Santo idem, no caso de uma aristocrática amiga londrina, de repente me surpreendi em uma mesma festa ao lado do Rei do Cool, o próprio. Uma *drinks party* inglesa (ao final da tarde, só coquetéis e conversas), com pouca gente, sem carnaval de mídia. Provavelmente é o mais próximo que se pode chegar de um tête-à-tête com o verdadeiro Bryan Ferry, casual, bem-humorado e de finíssimo senso de humor. Em entrevista, pelo que soube, é um iceberg. Mary Sackville-West, a amiga cool abaixo de zero, obviamente não me apresentou como jornalista.

O Rei estava de paletó amarelo Comme des Garçons, camisa branca sem gravata abotoada — provavelmente Yamamoto, e calça preta. Discretíssimo. Lucy estava ao lado, em um cool Alaska — conjunto cinza linha Katharine Hamnett, masculinizado. Entre umas sete ou oito pessoas, a conversa naturalmente correu em fragmentos — e Bryan, elegante fez o possível para *não* se manter no centro. O topete desapareceu de vez, e a curva do cabelo também é discreta até o meio da testa.

Ou seja: ao vivo, o homem é mais cool ainda do que a persona. O assunto principal da conversa, sem dúvida, foi moda, estilo, a ascenção dos yuppies sem estilo, a mediocrização do gosto, tudo regado com uísque e coquetéis leves. Bryan define-se como um clássico. Gosta de roupas clássicas, resolveu morar de vez no campo — nada mais classicamente inglês —, não quer mais saber de se modelar, ou se projetar como ícone da moda. Não quer nem mesmo aparecer muito: "É uma pena que para promover um disco eu seja obrigado a me mostrar de vez em quando. É um contraste interessante, porque em casa eu não escuto música nenhuma, muito menos a que gravo..."

Bryan, vivendo no campo, também abandonou as peregrinagens noturnas. Diz que tomou "overdose" de "barulho infernal e conversas das quais você não lembra uma só palavra cinco segundos depois". E quanto à imagem de símbolo sexual? "Eu faço tanta questão de não aparecer muito que as pessoas já esqueceram que um dia eu fui símbolo sexual. Também acho que perdi a fama só por causa do corte de cabelo..."

"É uma pena que, para promover um disco, eu seja obrigado a me mostrar de vez em quando"

É impossível saber de Bryan Ferry o que ele acha deste idiótico e multibilionário exército pós-punk, os modelitos linha Duran Duran ou Howard Jones. Ele diz que não ouve, só liga o rádio de vez em quando, no carro — e não anda muito de carro... Em termos musicais seu termo-chave é *qualidade*. Prefere fazer um disco que mude a vida de uma pessoa do que vender dez milhões de unidades de um mau pedaço de vinil.

Sua relação com vídeo também é evasiva. Alguém elogia o chiquíssimo vídeo de "Slave to Love", dirigido pelo francês Jean Baptiste Mondino. Bryan também gostou: "Mas se eu fosse fazer vídeos do jeito que eu quero, com todos os detalhes, precisaria de dois anos para cada um". Quando a conversa resvala para MTV, o Rei do Cool circula lá pelos píncaros do sorriso irônico.

Para pegá-lo na esquina, só falando de soul. Ele queria gravar uma disco só com *standards* de soul — Otis Redding, Pickett, Aretha —, "esse foi o som que me impressionou quando eu era garoto". É com esse tipo de som que ele gostaria de estourar na América. Bryan Ferry é muito sutil para os americanos? "É curioso, mas eu nunca me inseri na idéia preconcebida que eles têm de música pop. Eles acham que o meu trabalho é muito, digamos, fora do previsível."

Bryan está trabalhando em um projeto com Johnny Marr. Newcastle e Manchester, juntas, poderiam tomar conta da barbárie *made in USA*? "Não é possível... Estamos pesquisando música celta, irlandesa, e vai ser um trabalho muito especial, nada que um disc-jockey tenha coragem de tocar às oito da manhã para tirar os ouvintes da cama..."

Lembrando de "Slave to Love", digo que no Brasil ela seria usada como trilha de novela ou como música de motel — e explico as circunstâncias. O Rei do Cool acha *very funny*: "Eu acharia muito divertido que uma composição minha fosse usada desse jeito, para o puro prazer das pessoas. Bem, nos EUA usaram "Slave to Love" para a trilha de *9 and a Half Weeks*, que é uma superprodução erótica..."

E depois de mais circunlóquios dissolvidos em um pôr-de-sol de verão londrino e vários uísques com pouco gelo, acabou a *drinks party*, e o Rei do Cool e sua Lucy voltaram para o campo, a duas horas de Londres, a calma do campo que ele preza mais do que tudo, seja em sua própria casa ou nas costas da Irlanda e da Escócia. Um aristocrata retirado, depois de incendiar aspirantes a cool de todas as latitudes? Não. Haverá outros álbuns de Bryan Ferry — "eu não consigo passar muito tempo sem gravar um disco, embora dê um trabalho enorme, e eu sempre queira fazer em uma semana o que geralmente me toma seis meses, oito meses, um ano..." Ele se considera um "sonhador introspectivo". Mas, ao mesmo tempo, alguém que não perde uma só chance de viajar até os limites do novo. Saí da *drinks party* e fui beber mais um drinque em sua homenagem, ao lado de uma juke-box tocando "Slave to Love". À sua, Bryan Ferry, em quem tudo que brilha é cool.

Foto LFI

"Se tem um lance que eu detesto é esse pessoal careta vestindo roupinha da moda. É tudo igual, tudo com cara de múmia, saca? Daí eles ficam apontando pra gente na rua como se a nossa tribo fosse extraterrena. "Puxa, olha lá o cabelo daquela!" e vão logo tachando a gente de alienado, irresponsável, sujo, etc. Eu acho que ser jovem é escapar desse estereótipo que o sistema faz da gente. É uma vontade de mudar tudo. De buscar novas alternativas. Sei lá, acho que o lance é se apaixonar por uma causa como a gente se apaixona por uma pessoa".

A moda do mundo da rua.

ALTERNATIVA®

Aqui e Agora. Só na Mesbla.

Tour Brasil 1986

REALIZAÇÃO: WR PRODUÇÕES ARTÍSTICAS
São Paulo (011) 264-5566

PATROCÍNIO: PANDA
ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER

ESMALTES E BRILHOS
RISQUÉ

CENTRO - OESTE / NORDESTE

Dia 12/09/86 - CAMPO GRANDE - Guanandizão
Dia 14/09/86 - CUIABÁ - Estádio Liceu Culabano
Dia 16/09/86 - GOIÂNIA - Ginásio Rio Vermelho
Dia 17/09/86 - BRASÍLIA - Circo Show
Dia 20/09/86 - BELÉM - Ginásio da Escola Superior de Educação Física
Dia 22/09/86 - TERESINA - Ginásio Verdão
Dia 24/09/86 - FORTALEZA - Ginásio Paulo Sarazati
Dia 25/09/86 - NATAL - Palácio dos Esportes
Dia 26/09/86 - RECIFE - Centro de Convenções
Dia 27/09/86 - CARUARÚ - Forrock
Dia 28/09/86 - JOÃO PESSOA - Ginásio Astréia
Dia 30/09/86 - MACEIÓ - Estádio Rei Pelé
Dia 31/09/86 - ARACAJÚ - Ginásio Constâncio Vieira
Dia 03/10/86 - VITÓRIA - Ginásio Álvares Cabral

Aguarde a continuação da tournêe na próxima edição de BIZZ

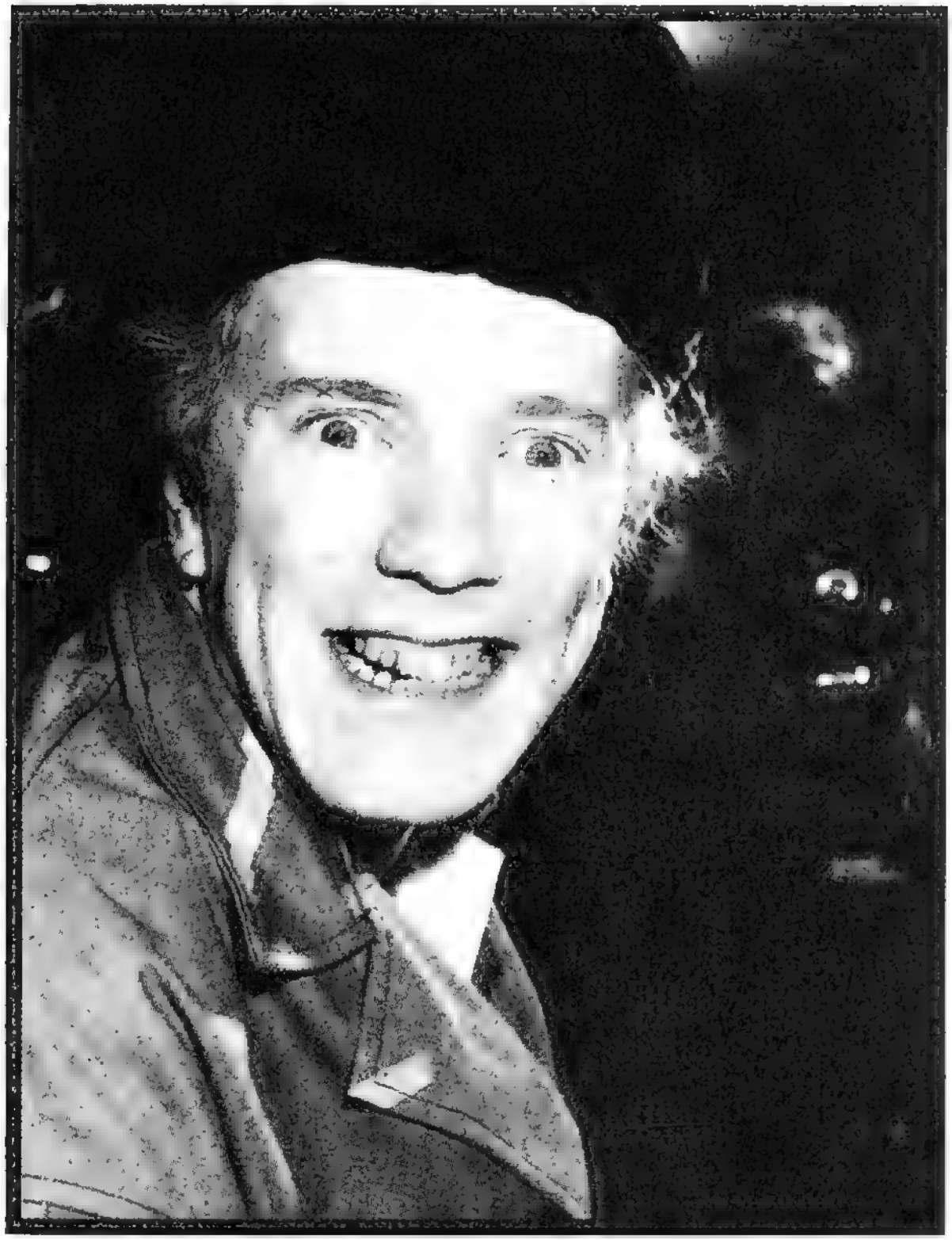


Foto LFI

JOHN LYDON

Esta entrevista é uma coisa muito séria. Ela reflete — pelas suas ênfases, silêncios e ausências — a história de uma guerra. Dois olhos azuis como duas bolas de fogo delimitam o campo de batalha. O guerreiro tem um olhar letal, ao qual todas as interrogações se submetem. John Lydon, 30 anos, londrino, ícone, face pública e imagem idem, tem o estofo de que são feitos os Átilas e Alexandres. Junto com o ladino camaleão David Bowie, pode ser considerado como o mais crucial artista pop desta época. Ele é *cool,* cáustico e nada concede. Bowie maneja cálculos. Lydon é um espadachim de fúrias.

Como Johnny Rotten, líder dos avassaladores Sex Pistols, Lydon esguichou o anárquico sêmen punk na sebosa, auto-suficiente e multibilionária indústria do disco. O maquiavélico pirata Malcolm McLaren teve o gênio de descobri-lo, e de forjar a cosmovisão e a *soundscape* punk. Lydon adicionou explosões com o virtuosismo de um terrorista do IRA. Entre 20 e 21 anos, em 76 e 77, pisou na passarela do planeta como o ícone máximo da Raiva e da Negação. O Satã da Anarquia, com slogans e alfinetes nos lóbulos. O totem descarnado da geração *no future.* O niilista ativo que detonou um renascimento — o da cultura pop internacional.

Esgotada a vertigem, iniciado um novo ciclo, John Lydon partiu para uma nova vida pública. Em sentido inverso, ou seja, perpetrando uma série de fugas. Lydon livrou-se de todas as etiquetas que público e crítica grudaram em sua persona. Deu um nó na influência ubícua do ubícuo Malcolm McLaren — o Lênin do punk. Controlou sua imagem pública para não ser encaixado como um previsível e desnecessário "rebelde". Adotou sua "verdadeira" identidade — John Lydon — e fundou sua antítese, o Public Image Ltd. (PiL), em 78: uma banda/conceito em constante mutação de músicos e estilos. Em dez compactos e sete LPs, Lydon, com uma paciência zen, reconstituiu todos os fragmentos espalhados pela bomba nuclear punk. Fez a primeira fusão punk/funk (depois retomada e estilizada com Afrika Bambaataa), experimentou com metalismos inaudíveis, chupou do serialismo, delirou com alucinações e meditações orientalizantes, incorporou bits de eletrônica, fundiu a cabeça no Japão (também em disco e em vídeo) e chegou a um aperfeiçoamento heavy metal intelectual com sobretons de dub esquizo-urbano.

Esse nome, *Imagem Pública Limitada,* já é um acinte proposital. O fantástico é que Lydon pegou a sua imagem pública — um punk anárquico e raivoso — e a deixou *em aberto.* Como se dissesse: façam dessa imagem o que quiserem, porque nunca vão decifrar o que ela oculta. Lydon transformou-se em uma empresa impessoal, que está vendendo um produto como qualquer outra no supermercado. O conceito ficou explícito na campanha de lançamento do último LP (o primeiro a ser lançado no Brasil): tudo está embalado em branco, com rótulos genéricos em azul: "Álbum", "Cassette", "Excursão", "Anúncio", "Camiseta"... É a mordida de tubarão de Lydon nas solertes técnicas de marketing e propaganda. A mídia também não escapa do seu ácido nítrico: exímio jogador, ele não perde oportunidade de lhe devolver seu próprio vazio e espetacularização barata. Quando a mídia fala com Lydon, é como se falasse com um espelho: recebe de volta o que jogou.

Por essas e outras esta entrevista é uma coisa séria. É Brasil, é uma coisa longínqua para seu universo de referência, por isso Lydon foi capaz de tirar máscaras. O retrato é emocionante. Vemos uma figura de lucidez absoluta, que surpreende por não se adaptar a nenhuma classificação — ou seja, como qualquer ser humano brilhante. Lydon agora carrega um certo ar de playboy e milionário — depois que ganhou seu cheque de um milhão de dólares, vencendo Malcolm McLaren na corte pelos direitos do nome *Sex Pistols.* Mesmo assim, continua um *outsider.* A mediocridade é o seu maior inimigo. A amargura, suavizada pelo sarcasmo, é uma companheira recorrente. O senso de humor é um amigo do peito. Lydon bebe como uma esponja, e chega a se classificar de *cervejaria.* Essa conversa anfetamínica — publicada em compacto em *O Estado de S. Paulo* e mixada em versão original para *Bizz* — só poderia ter transcorrido em um decrépito pub de esquina.

Foto Abril

"Eu sou um anti-cristo, eu sou um anarquista!" o grito-de-guerra de Johnny Rotten que — em 1976 — salvou o rock'n'roll da senilidade, da apatia e do reumatismo

Foto Dennis Morris/LFI

John Lydon no papel de Joãozinho Podre (76)

Foto Ray Stevenson/Rex Features

A primeira formação dos Pistols, ainda com Glen Matlock no baixo

Foto Virgin Records

A segunda formação dos Pistols: Sid Vicious, Rotten, Steve Jones (atrás dele, Paul Cook)

JOHN LYDON

BIZZ — *Dez anos depois, você, Malcolm McLaren e Billy Idol estão vivendo em Los Angeles, símbolo de tudo que o punk odiava.*

Lydon — Não, eu estou vivendo em Londres e na América. E em diversos outros lugares. Eu não paro de andar pelo mundo inteiro. Malcolm é que está em Los Angeles, parece que agora ele quer virar cineasta...

BIZZ — *De onde vem o seu fascínio pela América?*

Lydon — É uma terra completamente louca. Não tem história. Lá tudo com mais de vinte ou trinta anos é pré-histórico. Tudo é cultura. É muito divertido. Não tem nada a ver com a estagnação da Europa. Aqui está tudo acabado. Tem gente que ainda pensa como na época feudal. A América não pára de evoluir.

BIZZ — *Você consegue viver em paz em Los Angeles?*

Lydon — Claro. É um lugar louco mas civilizado. As pessoas têm o que fazer e não ficam se importando com o passado. Isso é coisa da Inglaterra.

BIZZ — *Você foi o símbolo da geração* no future. *Agora parece mais preocupado em romper com o passado. Você tem esperança no futuro?*

Lydon — Não acredito em ficar por aí espalhando mal-estar e desespero. A América, por mais calhorda que seja o seu governo, tem chance de um grande futuro. As pessoas estão olhando para a frente. Aqui (na Inglaterra) não tem jeito. É uma ilha. Todo mundo só olha para o seu umbigo ou para trás. Ninguém sabe nem quer saber o que acontece no resto do mundo. Sofrem... Como sofrem esses pobres coitados... E ainda por cima têm complexo de superioridade.

"Não entendem nada. Vivem reclamando. Acham que são revolucionários. Muitos queriam ser eu. Não são e vivem frustrados"

BIZZ — *Mas a garotada aqui te idolatra. Eles te escutam, quando você fala o que pensa da Inglaterra?*

Lydon — Aqui as pessoas confundem tudo. Acham que o relógio parou em 76. Todo show tem uns cretinos jogando garrafas, taco de bilhar, pedaço de pau, cerveja, cuspindo no palco. Sempre tem uns satãzinhos na platéia.

BIZZ — *De quem é a culpa? Da mídia, que vive escavando o passado com nostalgia?*

Lydon — É coisa do *New Musical Express* (semanário musical londrino "radical"). Eles não entendem nada. Vivem reclamando de tudo. Acham que são revolucionários. Muitos queriam ser eu. Não são, e vivem frustrados. Quanto mais eles vão para a esquerda, mais eu vou para a direita, só para irritá-los.

BIZZ — *Então você se incomoda com as provocações da imprensa...*

Lydon — Não. É para irritar. Gente como a do *NME* se acha superior a todo mundo. Eles acham que podem ser a polícia secreta de Khomeini. É por causa de gente assim que esse país está no fundo do poço.

BIZZ — *Eles acham que você traiu o espírito do punk, ou coisa do gênero. O que é que os americanos acham dessa história?*

Lydon — Não se incomodam. Eles estão certos. O punk aconteceu há dez anos. É uma coisa do passado.

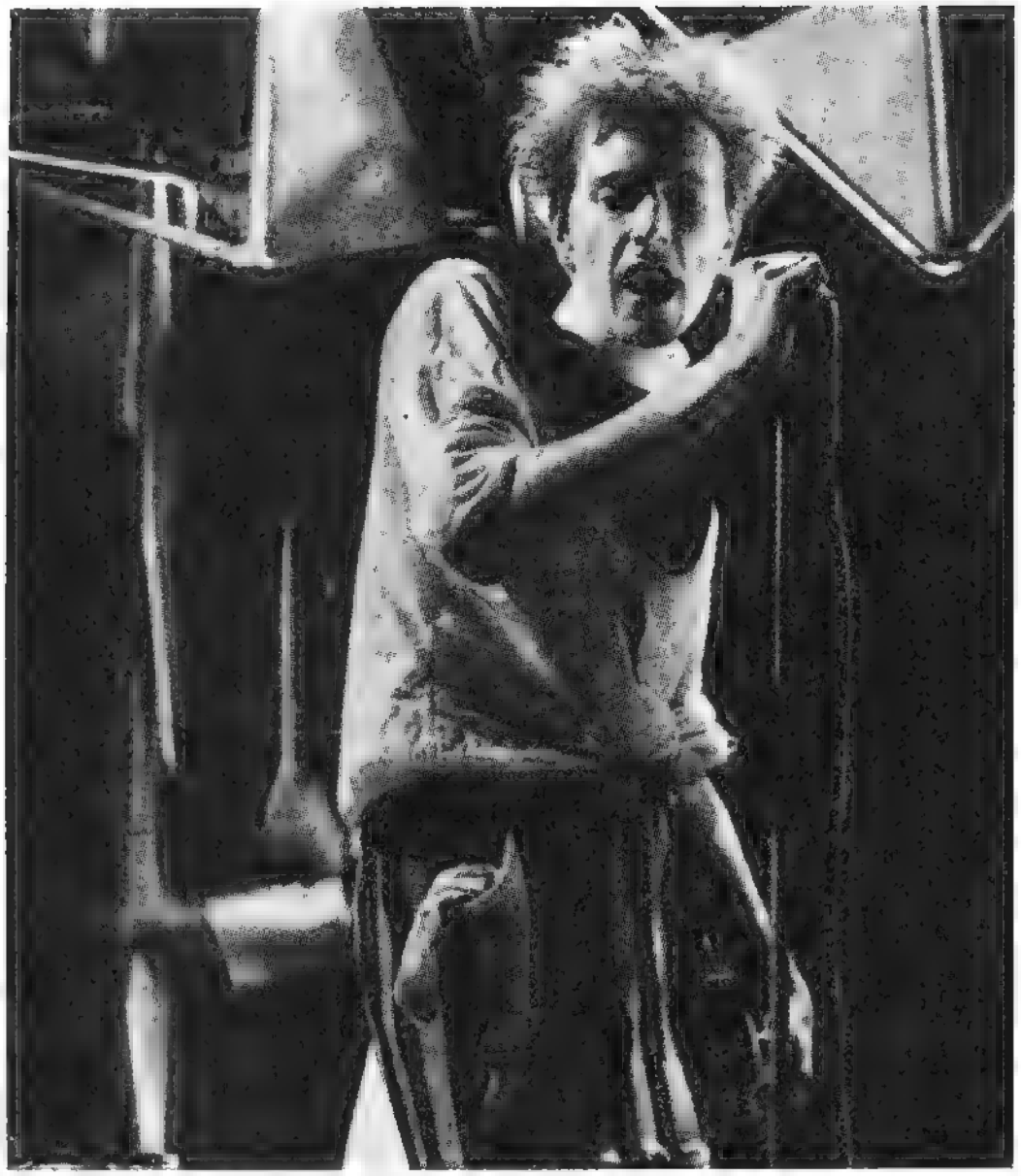


Foto Simon Fowler/LFI

Com o PIL, ainda na fase Metal Box/Second Edition *(79): morte definitiva do rock*

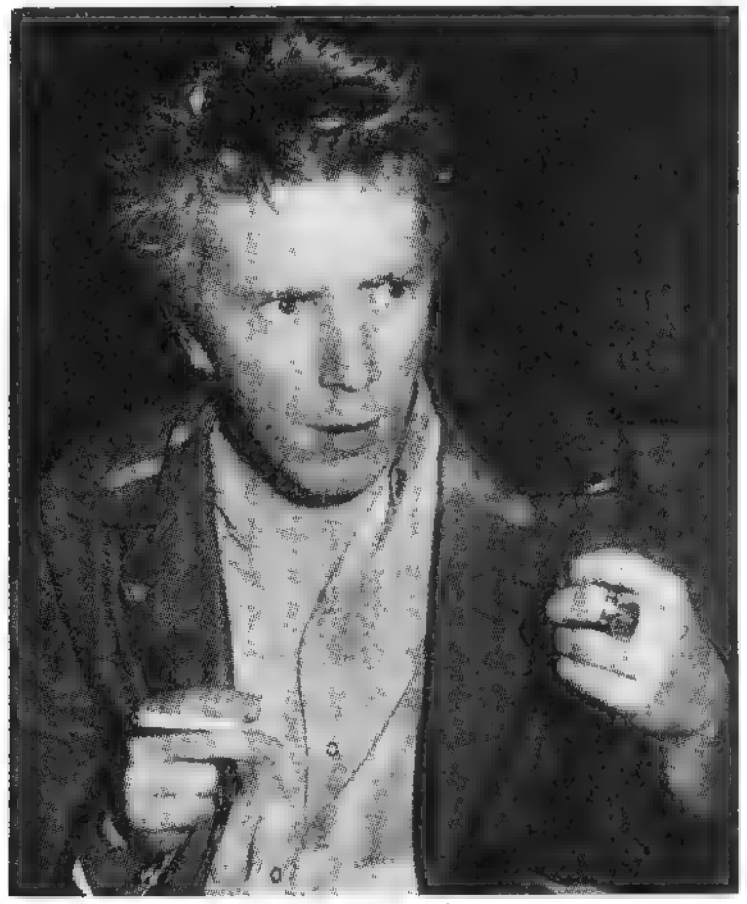


Foto LFI

Já com o PIL, morando nos Estados Unidos

JOHN LYDON

Eu mesmo, quando apareci, falava nisso. Ir para a frente, progresso, nunca regredir.

BIZZ — *Você diria que a garotada — e as bandas que restaram daquela época —, continuam vivendo de memórias?*

Lydon — É um bando de estéreis. Tem gente que vai gravar e se subproduz de propósito, para ficar com um som igual a 76. É ridículo.

BIZZ — Album *é um disco ultra bem produzido.*

Lydon — Tem que ser. Usei os melhores músicos de estúdio. A minha banda em L.A. não tinha experiência de gravação, então fui atrás dos melhores músicos do mercado. Eu já tinha trabalhado muito bem com Bill (Laswell, o baixista e produtor dos melhores experimentos avant-funk dos últimos anos, pelo selo novaiorquino Cellulloid).

BIZZ — *Nos únicos créditos de* Album, *vocês constam como produtores.*

Lydon — É, mas eu dei a última palavra. Bill entrou com os "efeitos especiais".

BIZZ — *Como é que Ginger Baker, notório hippie, foi parar na bateria? Você foi buscá-lo na sua fazenda lá na Itália?*

Lydon — É uma piada que eu fiz há muito tempo. Eu dizia que um dia ele ia tocar comigo. Depois deixou de ser piada. Ele é um excelente baterista — perfeito para a batida forte que eu queria no disco.

BIZZ — *Você é sempre uma ameaça aos preceitos da indústria do disco. Como conseguiu convencer sua gravadora a fazer essa campanha promocional de* Album, *onde tudo é genérico, não há nenhuma imagem sua e o impacto depende de quem reconhece a sigla PiL?*

"É uma nova ameaça em cima de mim. Estão querendo me tornar popular... Ficaria envergonhado se virasse, de repente, um grande sucesso internacional"

Lydon — Não convenci. Eles soltaram a campanha porque fui irredutível. Sem a campanha não tinha disco. Não me ajudaram nessa excursão. Estou pagando quase tudo do meu bolso. Faço porque gosto, porque gosto do disco...

BIZZ — *... Que por sinal está sendo o maior sucesso do PiL. É o primeiro LP da banda a ser lançado no Brasil.*

Lydon — É uma nova ameaça em cima de mim. Estão querendo me tornar popular.

BIZZ — *O que você faria se de repente virasse um grande sucesso internacional?*

Lydon — Ficaria envergonhado.

BIZZ — *Em* Album *há uma série de referências a dinheiro. É uma obsessão ou um problema?*

Lydon — Sempre foi um problema.

BIZZ — *Esse cheque de um milhão de dólares é uma mudança radical na sua vida?*

Lydon — É o fim de um problema.

BIZZ — *É verdade que Malcolm McLaren pagava uma miséria a vocês no tempo dos Pistols?*

Lydon — Malcolm parecia um banco judeu. Eu ganhava acho que 20 libras por semana. Vivia pedindo para ele me pagar cerveja.

BIZZ — *Como é que vocês dois foram parar na justiça?*

Lydon — Pergunte a ele. É óbvio para qualquer um que os *royalties* de

Foto Mark Preston/LFI

Um raro sorriso na face da fúria: quando deu adeus aos Pistols, Johnny voou até a Jamaica. Na volta a Londres, deu partida ao Public Image Ltd, uma revolução sonora

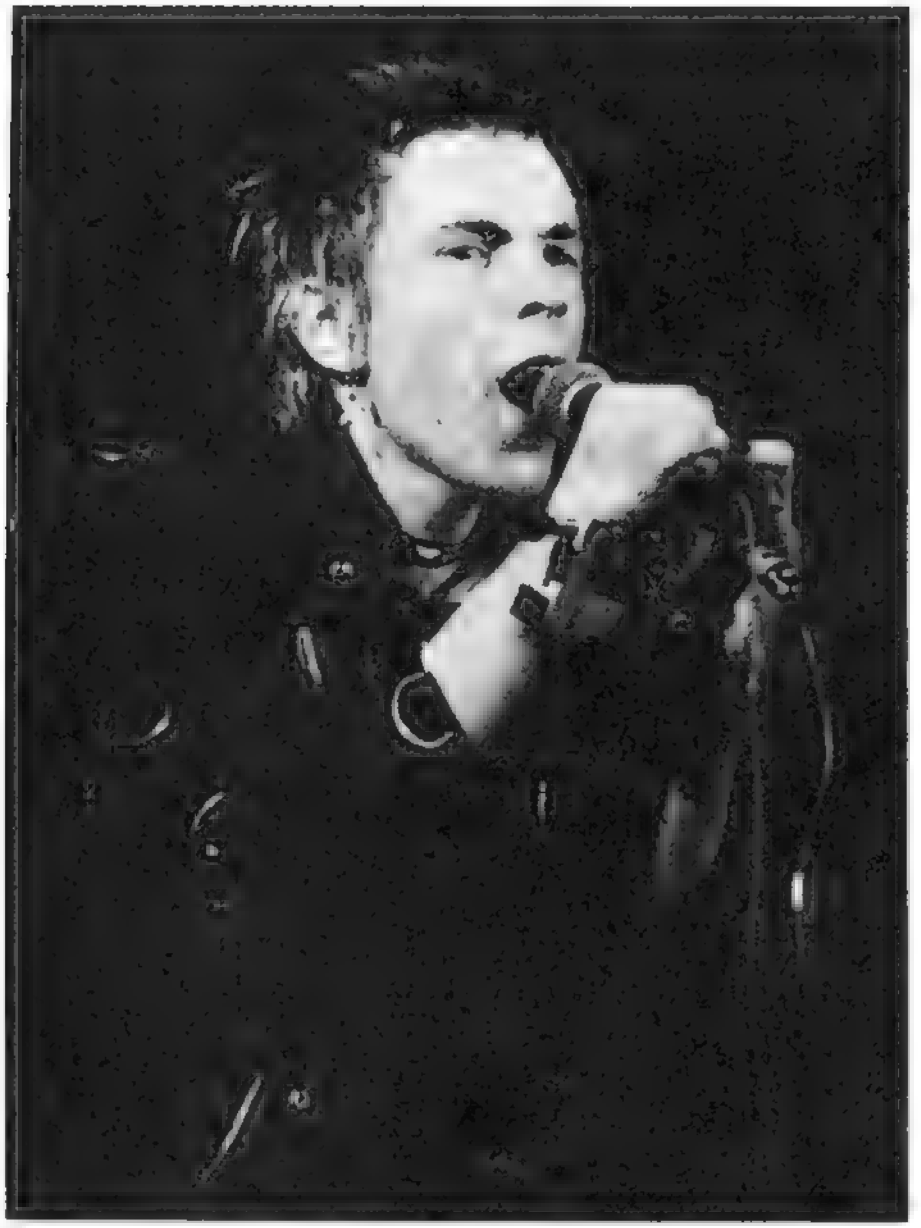


Foto Jill Furmanowsky/LFI

Uma das primeiras fotos com os Pistols, cuspindo ódio e desprezo

Foto Youn Lenquette/Stills

Na recente excursão do PIL: trancinhas e alguns quilinhos a mais

JOHN LYDON

uma banda pertencem apenas à banda. Ele disse que tinha inventado o nome Sex Pistols, a banda, tudo.

BIZZ — *É verdade?*

Lydon — Claro que não. Nós — Steve, Paul, Sid e eu — inventamos o nome.

BIZZ — *A pergunta é meio incômoda, mas todo mundo quer saber: quem inventou o punk?*

Lydon — Malcolm, os Sex Pistols, Vivienne Westwood. Foi tudo muito rápido.

BIZZ — *A letra de "Anarchy in The U. K." tem vários slogans situacionistas de maio de 68. É uma coisa de Malcolm McLaren, não?*

Lydon — Ele mexia nas letras, claro. Mas tudo era basicamente nosso. Dos Sex Pistols. "Anarchy" é uma coisa do passado. Eu não quero saber de nostalgia.

BIZZ — *Você ainda canta alguma música dos Pistols, ao vivo?*

Lydon — "Pretty Vacant" mas porque a música é muito boa. Não tem nada a ver com nostalgia.

BIZZ — *Você acha que é possível se conceber — e agir — com anarquia, hoje? Você cresceu, deu a volta ao mundo, ficou muito mais sábio e experiente, conhece todas as armadilhas da indústria, mas continua tendo uma força anárquica que perturba tremendamente...*

Lydon — Anarquia é um jeito de ter esperança no futuro. Mas hoje não passa de um joguinho na cabeça de gente acomodada. Acham que podem fazer uma revolução sentados na poltrona da sala de frente para a TV. Se a anarquia fosse mais do que isso...

"Já demos um chute no saco do rock'n'roll. Depois, tudo ficou tão trágico quanto era antes. Ou pior... Não sei, nem quero saber, o que se salva hoje"

BIZZ — *Você acha que com os Pistols conseguiu anarquizar uma indústria cínica, que corrompe e engole todo mundo?*

Lydon — Nós demos um chute no saco do rock'n'roll. Depois tudo ficou tão trágico quanto era antes. Ou pior.

BIZZ — *Para você, o que é que se salva, hoje?*

Lydon — Não sei nem quero saber.

BIZZ — *O que, na sua opinião, a garotada mais aprecia em você, depois de todos esses anos?*

Lydon — Integridade. Outros preferem ficar cuspindo e posando.

BIZZ — *E por que você acha que a mídia continua lhe pregando essa imagem de satã?*

Lydon — É a fantasia deles. Para mim tanto faz.

BIZZ — *Os Pistols e McLaren, manipularam todas as técnicas de marketing possíveis para conseguir visibilidade.*

Lydon — Fomos tão cínicos quanto eles.

BIZZ — *Sim, mas o que você acha dessas bandas hoje que estão fazendo a mesma coisa, desde Frankie Goes to Hollywood a Sigue Sigue Sputinik...?*

Lydon — É uma piada. E não são eles que vão rir por último.

BIZZ — *Esse ritual de entrevistas, falar com a mídia, fazer clip, isso deve te encher o saco. Qual é a sua atitude?*

Lydon — Minto o tempo todo.

BIZZ — *Inclusive agora?*

Lydon — Quem sabe.

Foto Abril

Antológico flash de um show dos Sex Pistols, com seu amigo de escola Sid Vicious

JOHN LYDON

BIZZ — *Você viu* Sid and Nancy, *o filme de Alex Cox?*

Lydon — Não. Presta? Não sei se pode prestar...

BIZZ — *Alex Cox, no Festival de Cannes, disse que vocês dois se encontraram e reescreveram a maior parte de suas falas.*

Lydon — Um dia, em Nova York, mas os dois estávamos bêbados. Não sei o que aconteceu. Não vi o filme, mas não sei se fala a verdade.

BIZZ — *Você acha esse filme importante — como um documento pelo menos do espírito do punk? O que você acha de virar uma figura histórica?*

Lydon — Ninguém pediu minha autorização. Acho uma grande falta de respeito.

BIZZ — *Você acha que a sua imagem pública, para a maioria absoluta das pessoas, continua sendo a do Johnny Rotten nos posters de 77?*

Lydon — Isso é coisa de gente apática que não tem a menor energia para enfrentar o futuro, avançar. É patético, me dá raiva, mas não adianta se incomodar.

BIZZ — *Você acha que um dia pode soltar um livro, ou um filme, contando a sua versão dos fatos? Todo mundo, no mundo inteiro, quer saber o que realmente aconteceu, como o nascimento, ascensão e morte do punk.*

Lydon — Será que querem? As pessoas gostam é de escândalo, de *Daily Mirror* (um tablóide sensacionalista londrino). Vou terminar fazendo alguma coisa, mas não sei quando. Esperem ansiosamente.

"Tudo é relativo porque cada um vê o que quer, e o que pode. E sem raiva não dá para mudar nada dessa merda que virou o mundo"

BIZZ — *Em* Round, *você fala de "cogumelos no horizonte" e holocausto nuclear. Parece uma profecia, algo que vai acontecer daqui a pouco.*

Lydon — Prefiro que seja uma profecia e ficar discutindo, em vez de sentar pateticamente e pensar como era bom viver no passado, lendo esses jornais idiotas, vendo televisão, engolindo todo esse lixo. Pode ser que eu esteja errado, mas esses putos desses militares podem mandar todo mundo para a fogueira.

BIZZ — *Em* Rise, *que é uma admirável canção anti-racista, você fala que "pode estar certo ou pode estar errado", e "podia ser negro como podia ser branco". Tudo é relativo. E acaba com uma profissão de fé na raiva: "a raiva é uma energia". É quase um resumo de sua filosofia de vida, não é?*

Lydon — Tudo é relativo porque cada um vê o que quer, e o que pode. E sem raiva não dá para mudar nada desta merda que virou o mundo.

BIZZ — *Você acha que tenta tudo o que pode?*

Lydon — Faço uns discos de vez em quando.

BIZZ — *Algum recado para a garotada que acompanha e respeita o teu trabalho?*

Lydon — Continuem com raiva e nada de nostalgia.

BIZZ — *E para os que te acusam de "traidor do punk", "playboy americano" e coisas do gênero?*

Lydon — O mesmo de sempre: comam merda e morram.

BIZZ
SIMPLE MINDS

SIMPLE MINDS

Os 'Mentes Simples" vieram de uma banda de escoceses chamada Joãozinho e os Masturbadores (Johnny & the Self Abusers). Dá para notar a diferença! Inconformados em ser mais uma entre as centenas de bandas que frequentavam o circuito escolar e pequenos clubes fundam, em 78 o Simple Minds. Do grupo anterior ficaram Jim Kerr (vocal), Brian MacGee (bateria) e Charles Burchill (guitarra). Michael MacNeil (teclados) e Derek Forbes (baixo) juntaram-se a eles. Com esta formação, a mudança de nome e estilo, começaram a chamar a atenção de público e crítica.

O LP de estréia, *Life in a Day*, foi no entanto, uma decepção inclusive para o próprio grupo, arrancando a exclamação de Burchill, assim que o ouviu: "Que p* é essa?!"

Foto: Vincent Shits

Seis meses após estavam no estúdio da Arista para gravar outro LP que os satisfizesse. Saem de lá com o brilhante *Real to Real Cacophony*. Apesar do efeito de estranhamento que causou à crítica e ao público, o grupo ganhou um fã. Peter Gabriel, que os convidou para abrir os shows de sua turnê. Aproveitando o ensejo, deram uma esticadinha até Nova York.

Daí pra frente, nada mais seria como antes. Provavelmente transformados pelos ares americanos, partiram para um som mais internacionalizado. Para a crítica, *Empires and Dance* é uma obra-prima, assim como os posteriores *Sons and Fascination* e *Sisters Feelings Call*, lançados simultaneamente em agosto de 81.

Em 82 83, começam as novas transformações e a debandagem. MacGee, cansado das excursões, saiu do grupo. Gravaram *New Gold Dream* com bateristas convidados, sendo que um deles, Mel Gaynor acabou integrando-se à banda. Assim, partem para uma excursão com o U2, cujo resultado é uma segunda transmutação. Mesmo sem querer, Jim começou a imitar Bono no palco. O LP conseqüente, *Sparkle in the Rain*, tem o mesmo produtor do U2 (Steve Lilywhite) e reforça essa tendência.

Em abril de 84, Jim Kerr se casou com Chrissie Hynde, vocalista e guitarrista dos Pretenders. A banda grava, logo depois, o sucesso "Don't You Forget About Me", tema do filme *The Breakfast Club* (que seria de Brian Ferry, mas ele não quis gravar). O LP *Once Upon a Time* traz um som mais diluído, mas consagrou a banda mundialmente. John Giblin (ex-Brand X e Kate Bush) substituiu, neste disco, Derek Forbes, que partiu para a carreira solo.

Discografia
Life in a Day (1979)
Real to Real Cacophony (1980)
Empires and Dance (1982)
Sons and Fascination (1981)
Sisters Feelings Call (1981)
Themes of Great Cities (1982, coletânea)
Celebration (1982, coletânea)
Dream (1982)
(1984)
(1985)

* Enquanto gravavam o atual *Turbo* nas Bahamas, o pessoal do **Judas Priest** foi abordado por **Júlio Iglesias** (sim, o próprio bolerento) nos estúdios e que, amigavelmente, se prontificou em transpor para o castelhano a balada do grupo "Prisoner Of Your Eyes" para que eles pudessem lançá-la no mercado de língua castelhana. Com tantas mudanças que andam realizando, esses pregadores de Judas bem que poderiam estar armando agora algo como um... *bolero-heavy?* Já para aqueles que gostam de metalizar suas telinhas é bom ir importando o vídeo do grupo, *Fuel For Life*, contendo "Living After Midnight", "Breaking The Law", "Don't Go", "Hot Rockin'", "Love Bites" e outros sucessos de sua carreira inclusive dois do mais recente: "Locked In" e "Turbo Lover". Segundo Halford "é ótimo estar em ação novamente. Nós não brincamos de metal. Nós o vivemos!!!"

Foto Barrdorf Sipa Press

Julio Iglesias??!!? Bolero-heavy?!

* Corrigindo: o novato americano substituto de **Glenn Hughes** no Black Sabbath é **Ray Gillen** — e não Gillan como nós e outros tantos informaram. Gillen já anda se apresentando com o grupo e já está até em alguns vídeos de shows da banda que alguns afortunados fãs conseguiram assistir.

* Por falar em sangue, isso é coisa que não falta no novo trabalho do *death-trash* **Slayer** realizado no Def Jam (selo subsidiário da CBS) e que já pode ter saído — a essa altura — naqueles famosos países *lá de cima*. É *Raining Blood*, contendo temas como a faixa-título e "Angel Of Death", "Necrophobic", "Criminally Insane", "Post Mortem", "Altar Of Sacrifice" e "Jesus Saves" (ué, será que estão atacando dos dois lados?)

* Novas mudanças: 1) O LP novo do **Motorhead** (independente) se chama agora *Orgasmatron* e foi lançado em julho na Inglaterra precedido de um compacto contendo "Deaf Forever"; 2) No Rising Force de **Yngwie Malmsteen**, que está trabalhando novo álbum, **Wally Voss** substitui o baixista **Marcel Jacobs**; 3) Já no holandês **Vandenberg** existe novo vocalista: **Peter Strujk.**

* Toda vez que dão entrevistas sobre seu novo trabalho, *Final Frontier*, os americanos do **Keel** fazem questão de citar seu produtor, **Gene Simmons.** Ron Keel diz que todos têm boa razão para isso, já que "Gene é realmente um amigo envolvente, ouve nossos problemas e tenta sempre ajudar-nos contando os seus. Ele já faz parte da banda e não podemos imaginar nosso próximo álbum sem ele, nosso sexto elemento". Quem diria, hein? Gene já tem onde se encostar caso o Kiss fique com mau hálito

* Sobre a possível volta do **Led Zeppelin**, recentemente **John Paul Jones** declarou: "Nunca disse ser isso impossível, qualquer coisa do tipo Live Aid do ano passado, pode acontecer. Porém, eu estou muito bem e por que sacrificar a carreira solo de Robert Plant ou The Firm (de Page e Rodgers) que estão indo muito bem assim como eu com meus trabalhos". Mais uma vez, no entanto, corre um zum-zum-zum de que Jones, Page e Plant, o batera **Tony Thompson** (ex Chic) e o baixista de Plant, **Paul Martinez**, estariam num estúdio gravando. Aos que perguntam sobre o assunto a um enfastiado Page, a resposta é um sonoro "NÃO". Será mesmo?

Foto LFI

Plant e Page no Live Aid: o Led voará de novo?

Foto Mazuro - FI

Nas horas vagas Gene (esq.) produz o Keel

* O **WASP** vem alcançando muita notoriedade com os objetos com que são presenteados em cena durante seus concertos. Então anotem: crânios, posters eróticos, postas de carne crua, miolos de cachorros e uma cabeça de porco decapitada. Segundo **Blackie Lawless**, o fato desses presentes serem jogados ao palco não os surpreende pelo tipo de espetáculo que apresentam. Só não entendemos como eles conseguem adentrar os recintos de espetáculo com esses presentes." Talvez devessem mudar o nome para Blood, Sweat & Tears.

* Os caras do **Van Halen** não gostam de comentar qual formação deles é melhor, como já fazem muitos de seus seguidores, se a anterior, com David Lee Roth ou se a atual, com Sammy Hagar. Eu acho que, técnica e musicalmente, a atual é melhor, mas alguns números alcançados por eles nos States falam melhor (embora isso queira dizer muito pouco). Com Roth, o LP *1984* vendeu 7,5 milhões de cópias e obteve quatro sucessos em compacto com "Panama", "I'll Wait", "Hot For Teacher" e "Jump". Com Hagar o *5150* explodiu de cara em primeiro lugar nas paradas. Foi o primeiro trabalho do grupo a conseguir isso em oito anos da história dos Halen.

Leopoldo Rey

NO MEIO DA RUA TEM UMA PEDRA ROLA

"Tem gente que diz que o rock é um sonho. Uma utopia de transformação disso tudo que taí e a gente já sabe que não vai levar a lugar nenhum. Eu só sei é que ele não pode parar de rolar. Pra mim, o rock é uma real que eu vivo todo dia no estúdio, na rua e onde quer que a rapaziada chame a gente pra se apresentar. Eu tô sempre a fim do novo, aquela estória do bizarro e do inusitado, manja? Agora, isso é uma alternativa de cada um. Acredita quem quer".

A moda do mundo da rua.

ALTERNATIVA®

Aqui e Agora. Só na Mesbla.

CAPITAL INICIAL

A HORA DA VERDADE

Ocupantes da primeira trincheira que o rock cavou às margens do Palácio do Planalto, lançam enfim o primeiro LP

Certamente os leitores que acompanham a BIZZ já ouviram essa história mais de uma vez — de como Brasília começou a exportar um rock de boa qualidade, com vigor juvenil, para o resto do país.

E não foi necessariamente num artigo sobre o Capital Inicial, porque o começo da sua história é comum ao Legião Urbana e ao Plebe Rude. É a história de alguns garotos de Brasília que acabaram injetando uma expressiva dose de energia no rock nacional.

Vamos lembrar alguns pontos capitais desta aventura.

Tudo começou quando estes garotos descobriram o punk rock em 78. Alguns, como os irmãos Felipe e Flávio Lemos (baterista e baixista do Capital), moraram na Inglaterra em 77. Outros, atentos aos parcos lançamentos em dia da indústria fonográfica nativa, conheciam o disco dos Sex Pistols. Bem, além de gostar de punk, eles acreditaram no punk, e algum tempo depois montaram suas próprias bandas. As primeiras apresentações — Felipe diz que a palavra certa é "intervenção" — aconteciam onde era possível. O Aborto Elétrico (os Lemos mais Renato Russo) se apresentou pela primeira vez numa lanchonete, em um centro comercial. Imagine Brasília em 1980 — os ventos da abertura não passavam de débeis sopros, militares no poder, meninas-veneno e babas da mesma espécie no rádio. Agora imagine uns garotos com buttons, alfinetes, pulseiras de tachas e instrumentos chegando numa lanchonete e fazendo uma barulheira. Ninguém entendia nada. Muitos odiavam. Outros ficavam absolutamente seduzidos. O Dinho foi um que ficou tão seduzido que virou o vocalista do Capital Inicial, filho do casamento do Aborto Elétrico e da Blitz 64, onde tocava o guitarrista Loro Jones.

"Uma das metas da nossa música no começo era criar nosso próprio *entertainment*, a gente não precisava de nada do mundo comum." A tribo foi crescendo, o entretenimento foi ficando cada vez mais uma "necessidade vital" e Brasília cada vez menor. Quando vieram para São Paulo em 83 para tocar num show do Sesc, *A Hardcore Rock Night*, sacaram que tudo aquilo não era uma brincadeira solitária: "A gente se sentiu encaixado num contexto de vanguarda", diz Fê. Discussões teóricas à parte, o fato é que isso deu uma força para eles decidirem levar a aventura até o final. No Rio, que vivia ainda da Blitz, o impacto foi maior. Ao longo de 83/84, continuaram com os shows, a *demo* tocando na Fluminense e o desejo de parar de fazer shows só para os

Fotos Tucci

O Capital, da esquerda: Felipe (bateria), Loro (guitarra), Dinho (vocal) e Flávio (baixo)

amigos. Em 85 assinaram com a CBS e só agora, no meio de 86, estão lançando seu LP de estréia pela Polygram. Esta estréia retardada por um ano e meio e a troca de gravadora é mais um episódio da sempre repetida mas igualmente sempre criticável estreiteza das gravadoras. O Loro conta como aconteceu: "A gente era uns burros. O cara disse que nós não éramos acessíveis e tentou ensinar para a gente a fórmula do sucesso". Eles acabaram conseguindo um contrato que garantia a gravação de um compacto e a promessa de LP. As coisas começaram a ficar pretas quando eles se recusaram a ir nos programas de Hebe Camargo e Flávio Cavalcanti – a gravadora respondeu fechando as portas da divulgação em rádio e televisão. "Eles não levaram em conta a autenticidade", reclama o Dinho, entre outras imprecações menos publicáveis. O LP foi ficando uma promessa cada vez mais longínqua, e, depois de um ano de indefinições, resolveram sair da CBS. Várias gravadoras já tinham feito propostas; escolheram a Polygram. Dinho fala do *lado bom da bomba:* "Depois de um ano de batalha, dando shows só com um compacto, a gente saiu vencedor. Mas eu não passaria por isso de novo".

Uma bela capa envolve os quatros anos de existência do Capital Inicial. As pérolas da primeira fase estão todas lá — "Psicopata", "Leve Desespero" e a censuradíssima "Veraneio Vascaína". O disco é um registro desta trajetória — do divertido anonimato em Brasília aos últimos shows, em que um respeitável público (falo de quantidade) ficou de pé o tempo inteiro. Como o Capital vê sua própria trajetória? Esta questão provocou uma certa polêmica. O Flávio acha que mudou a MPB, que o rock passou a existir. O Loro discorda, citando as bandas dos anos 70: "O que mudou foi a transa do rock. Quem fazia o rock mais radical, quando começou a ser divulgado, passou a pensar de maneira mais liberal. A gente tá caindo no que a gente não acreditava no rock. Isto é supersério até na gente". Palmas para a sinceridade. Esta discussão sobre a relação com a mídia cai sempre em formulações ambíguas, mas isto é próprio da natureza da relação rock-mercado. O Fê conclui de alguma forma: "O que mudou foi a mídia. As bandas não mudaram, cresceram fora da mídia e ela teve que aceitar o rock. Taí o Cure na novela das oito". O Capital ao menos se mostra seguro em estar fazendo uma coisa autêntica, não abrem mão de, por exemplo, incluir "Veraneio Vascaína" no disco.

A música, feita em 80, foi vítima tanto da censura da Velha República quanto desta vaga conservadora mais recente. Com o respaldo da Polygram, conseguiram liberar a música para o disco, mas ela continua proibida para a execução pública e, veja só, para menores de 18 anos.

A censura, na verdade, mais promoveu a banda do que qualquer outra coisa, como demonstra a apresentação que fizeram no aniversário de Brasília. Tocaram "Veraneio" para 25 mil pessoas (!!), na frente do Congresso Nacional.

O selinho que vem na capa do LP ("proibido para menores de 18 anos") mais contribui para o charme da banda do que impede alguém de comprar o disco. Vai aí uma dica do Flávio para os fãs menores que toparem com vendedores implicantes: "Levem o irmão mais velho". A música é uma "homenagem" à polícia de Brasília — "assassinos armados, uniformizados/... com uma arma na mão eu boto fogo no país/e não vai ter problema eu sei/estou do lado da lei".

Como a conversa ameaçava voltar para o passado, o Fê insistiu mais uma vez: "Isso já acabou". Fala do presente: "Não dá para fazer uma 'Psicopata número dois'. Agora é uma fase de compor boas canções. O que a gente gosta é de compor música para os pés, mas com letras que não são para os pés". Futuro? "O futuro é funk", anuncia Loro. A aventura continua.

Bia Abramo

— Cara, eu andei na pior. Crise de identidade, manja? Tentei de tudo: análise, astrologia... De manhã era um horror, eu nunca sabia que roupa vestir. E minha mãe dizia — coisa da idade, quando casar passa. O problema é que eu não queria aceitar que o caos é bom. Daí agora eu ando vestida de conflito interior!

— Isto me faz lembrar um poema. "Caminhante não há caminho, o caminho se faz ao andar".

— Puxa, que bonito. É seu?

— Não, mas é pra você do mesmo jeito.

— E você, já se resolveu?

— Eu? Eu estou vestido de nada.

-ESTOU VESTIDA DE CONFLITO INTERIOR.
-E EU, DE NADA.
A moda do mundo da rua.
ALTERNATIVA®
Aqui e Agora. Só na Mesbla.

RATOS DE PORÃO

DA VILA PIAUÍ PARA O MUNDO

Foto Rui Mendes

Do subúrbio paulistano, uma das mais conceituadas bandas hardcore do globo

[redacted]1981, Vila Piauí, periferia de São Paulo — uma bateria a mil quilômetros por hora, uma guitarra suja e um baixo podre quase punham abaixo um barracão de fundo de quintal. A vizinhança não entendia. Nem Jabá entendia muito bem aquele som que o DJ de seu clube preferido colocava para rolar em 77 na Vila Leopoldina. "No começo eu detestava o punk. Achava que ia acabar com meu clubinho de rock", explica ele.

Mas Jabá acabou gostando e levou discos e mais discos para a "vila" Jão, que tinha aprendido violão através daquelas revistinhas toque-toque, topou montar um grupo. E aí eles mudaram para a zona sul, fizeram sucesso pelo Brasil inteiro e hoje vou entrevistá-los no luxuoso escritório de seu empresário... Epa! Nada disso. Jão não sai da Vila Piauí por nada desse mundo, a não ser para tocar em algum palco. Os Ratos de Porão *nunca* ganharam um níquel pelos shows ou gravações independentes. As pilhas para manter o pedal da guitarra em funcionamento são roubadas em supermercados. Os instrumentos não melhoraram muito e a amplificação idem. O local de ensaio passou a ser o quarto do Jão, o guitarrista.

João (vocal, letras) entrou para a banda em 83. "Eu ia encher o saco nos ensaios e cantava enquanto o Jão descansava. O Betinho saiu e ele e Jabá (baixo) me convidaram para entrar na banda. Aceitei porque era fã dos Ratos." E se tornou um membro ativíssimo. No meio do ano passado a banda estava por um fio. Por quê? "Não tem grana, instrumentos, local de ensaio, amplificadores... Como continuar?" Mas continuaram. Decidido, João procurou o Luiz Calanca, do selo Baratos Afins, e sugeriu um LP. Ele topou imediatamente. Reerguido, o grupo lança este mês *Descanse em Paz*.

Do curto e grosso hardcore, os Ratos de Porão alongaram suas faixas e horizontes no que João denomina estilo "Trashababa", ou, simplesmente, "Xababa". O que é isso?! "Hardcore feito por bêbados", explica ele. Espagueti Jr. (bateria) vai mais além: "Um disco que mistura humor, ódio e violência". E quem leu o manifesto publicado na BIZZ 12, na seção *Showbizz*, já sabe quase tudo sobre o som destes caras que exalam ódio por todos os poros, cordas, peles e vozes. O tiro atinge vários alvos: a atual juventude, em "Juventude Perdida"; as drogas ("as injetáveis", esclarece João) em "No Junk"; o prefeito de São Paulo Jânio Quadros, em "Velhos Decrepitus"; os detentores do poder em "Cérebros Atômicos"... "Embora a gente fale dessas coisas no disco, estamos pouco nos importando com os problemas do Brasil. Somos contra futebol, política, novela, religião. Tocamos pelo puro prazer de fazer barulho", diz João.

Ele é conhecido no meio artístico pela sua forte crítica ao rock que se faz no Brasil. "Não tem peso nem energia, é vazio."-"Uma banda xerox da outra", acrescenta Jabá, que, junto com Jão, fecha sua preferência em Ratos de Porão — e só. "A única que presta é o Violeta de Outono", concede João. Espagueti concorda: "São *muito* bons". Por quê? "Me sinto como um bêbado num parque enevoado", explica o primeiro. "É cintilante", conclui Espagueti

É isso aí. Sem papas na língua, fazendo o que gostam, quer a censura goste ou não, esta banda estourará no Brasil este ano. Alguns endereços esperam pelo novo disco: Jello Biafra (Dead Kennedys), *New Musical Express* (semanário londrino), *Maximum Rock'n'roll* (fanzine norte-americano) e mais uma centena de outros espalhados pela Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Finlândia, Itália... "E Marte e África do Sul", ironiza Jabá.

Sônia Maia

GK SEGURE ESSA BARRA!

eu talento e um
untam, alguns
vitavelmente
surge
dos da linha GK
representam a primeira geração de teclados eletrônicos digitais portáteis de alta tecnologia no Brasil. Só eles possuem Presets PCM, que reproduzem com o maior realismo o som dos instrumentos reais, Interface MIDI*, que permite acoplar o teclado a um micro-computador ou a outros instrumentos com recurso MIDI, e mais uma infinidade de recursos técnicos que dão, ao seu talento, possibilidades praticamente ilimitadas de expressão. Por tudo isso, é bem provável que você não consiga passar despercebido cada vez que alguém escutar o seu som. Afinal, talento e tecnologia, sempre chamam a atenção. Conheça um GK. Vale a pena segurar essa barra.

(*) Disponível nos modelos GK 6110 e GK 4920

Giannini

Biondi, Vieira & Associados

ESTILO ROCK

O chamado gênero "vagabonde-chic" com que MADONNA arrepiou o ano de 85 encontra em CYNDI LAUPER outra adepta fervorosa. Saias de cigana, mil pedaços de pano em sobreposição, fitas e turbantes na cabeça, maquiagem Sítio do Picapau Amarelo e bijuterias e quinquilharias a rodo: este estilo não nasceu ontem. Por isso mesmo, resolvemos colocar a história a limpo. Quem veio primeiro?

Foto Lynn Goldsmith. Sbhs

Foto Ann Summa

Bem, NINA HAGEN é uma séria candidata a pioneira do "vagabonde-sideral-vale-tudo" — principalmente no Brasil, onde foi adotada como Diva da New Wave. Pois na Europa, ninguém cansa de dizer que Nina chupou tudo (o estilo! o estilo!) de sua amiga LENE LOVICH (fotos desta página), uma cantora iugoslava que contracenou com ela no filme holandês *Cha Cha*. Parte disso é folclore: Lene é, na verdade, americana de Detroit, mas faz o gênero "camponesa eslava" desde 1978, quando lançou em compacto sua versão para "I Think We're Alone Now", de Tommy James & the Shondells, pelo selo independente inglês Stiff. Ela teve ainda vários hits na Europa, como "Lucky Number", "Say When", "Bird Song" e seu maior sucesso — "New Toy"(81), da autoria de seu então tecladista, um garotão com pinta de cientista maluco, que ficaria famoso como produtor e artista solo. Seu nome? Thomas Dolby.

Foto Susan Phillips-LGI Stills

Foto Claude Gassian

EM VEZ DE UMA
FIQUE LOGO COM UM

Agora, Hot Tape tem nova embalagem, idêntica à vendida na Europa.

Serviço de Orientação ao Consumidor BASF (SOC) · Tel. (DDG - Brasil) 800-8006 · S. Paulo (011) 258-3291

FITA COMUM, A HOT TAPE DA BASF.

A fita que esquenta qualquer som está de cara nova. Mas não foi só a cara que mudou.
A Hot Tape ficou ainda mais apimentada.

Agora, a Hot Tape que você compra aqui no Brasil é idêntica à Hot Tape que os europeus compram na Europa. Por dentro e por fora.

Compre logo a fita que esquenta qualquer som.
Aqui ou na Europa.

Fique com a Hot Tape da BASF. Agora, ainda com mais pimenta.

BASF

NÃO SE CONTENTE COM MENOS.

Smith, de look *novo: preocupado com o cabeleireiro, mas afinado com as angústias do mundo*

THE CURE

A dor

The Pier (NY) — 8/07/86

"Noite passada eu tive um sonho terrível. Sonhei que eu era o chefe dos carrascos, e tinha de escolher quem ia morrer e quem ia viver. E tinha de executar os condenados. Acordei suando."

Robert Smith

Eu só queria saber quem é que cuida do cabelo de Robert Smith. Afinal de contas, são dez anos de existência do Cure e o cabelo dele ganha ainda de todo punk que queira chegar à lua com suas madeixas. Sob os efeitos de luz mais pirados do mundo, o cabelo de Smith brilhava na noite de verão, e o sol nem tinha conseguido sumir no horizonte. Tudo ao ar livre, no Pier 84, um dos lugares mais cheios de ar para o rock respirar nesta cidade sufocada.

Depois de meia hora com os 10 000 Maniacs, a entrada do Cure foi um alívio. Os Maniacs têm de aprender, ou vão ficar a vida inteira enchendo tempo antes do concerto dos outros. Uma chatura, mesmo com uma composição todinha em ritmo de samba. Aí, às margens do Rio Hudson, com um porta-aviões de um lado e os prédios de Nova York ao fundo, começa a máquina de fumaça do Cure, luzes azuis, sons de outro planeta, crescendo, crescendo. Nem parece que rock é uma invenção americana. Os garotos de Sussex, Inglaterra, têm mais força que ninguém, quando atacam "Strange Times", "Killing an Arab", "Let's Go To Bed", "Speak my Language", até "Boys Don't Cry", cheia de concessões pop.

O Cure fala de um mundo sem esperanças, mas sua música é exatamente o contrário, uma esperança puramente sonora. Ao contrário do U2, que tem aquela cara de quem fez corretamente suas lições para o professor de Ciência Política. O U2 faz hinos. O Cure berra de dor.

Não sei se Laurence Tolhurst devia ter trocado a bateria pelos teclados. Ele e Smith, os dois únicos que restam do Cure de dez anos atrás, continuam pondo os trilhos por onde a locomotiva da banda viaja. Mas, ao contrário da voz eletrônica e da guitarra rouca de Smith, os teclados de Tolhurst parecem querer mais virtuosismo que tragédia. O Cure é uma banda trágica, não uma banda teatral. O punk era teatral, o pós-punk não pode ser. Quando Smith estava na rua, em Veneza, ele quase foi apedrejado. Depois, comentou: "Meu Deus, eu não sou um músico de rock. Eu sou uma pessoa do jeito que sou, o Cure é apenas a forma como eu me expresso". Dá para entender. Mas, quando o Cure fizer sucesso demais, é claro que essa capacidade dança.

Não acho possível fazer qualquer restrição ao Cure, a não ser esta: dez anos depois, eles estão fazendo uma coisa que ainda se parece muito com rock'n'roll. E, do Cure, o que a gente espera nem é mais música: é amor. Lógico que escutei os momentos de bobeira da banda, como "The Lovecats", "The Catterpillar", "In Between Days". Só que a força do resto é maior.

Pode ser até que Robert Smith leve seu cabeleireiro mais a sério do que a decadência do mundo ocidental. Não interessa. A música que ele faz é muito maior que ele. Nem depende dele. Se ele assina em baixo e recebe os direitos autorais, melhor para ele. Mas o verdadeiro compositor dos melhores momentos do Cure não é Robert Smith, não é ninguém. Somos todos nós.

Marco Antonio de Menezes

BOB DYLAN & TOM PETTY

Cantando no vazio

Indianápolis (EUA) — 24/06/86

Eu estava enfiado em um inferno, purgatório e paraíso country em Nashville, Tennessee, e só tinha uma chance para pegar o (suposto) maior acontecimento pop do verão americano. Cair na estrada, atravessar o Kentucky de madrugada — perseguido por alucinatórias galinhas fritas em neons tentaculares — e cair na manhã seguinte na porta de um estádio de beisebol para morrer com inúmeras verdinhas no câmbio negro e ter o privilégio de ver Bob Dylan e Tom Petty *together:* vale uma tal *via crucis* voluntária? Antes do show, pelo puro e simples frisson *on the road*, parecia valer. Havia algo de épico, similar aos velhos e antológicos tempos do rock'n'roll, no simples fato de sair como louco *across the USA* — como uma canção de Chuck Berry ou dos Beach Boys — em busca de uma iluminação estética de duas horas e alguns bis. Mas *the times they are changin'*, como sinalizou o próprio profeta no meio dos anos 60.

Saber eu sabia: só queria comprovar. Dylan estava fazendo esta tour com Petty por dinheiro, puro e simples, como já havia reconhecido. Este definitivamente não era o Dylan cool de 65, época daquela antológica excursão inglesa imortalizada no documentário *Don't Look Back*. Quando lhe perguntavam se sentia muita raiva, respondia: "Raiva? Eu sou uma pessoa adorável". Não tinha banda, e tocava só com seu violão e gaita. Quanto ao mundo, sua mensagem era clara: "Vocês não estão ocupados em nascer; estão ocupados em morrer".

Este também não seria o Dylan de 78, o elétrico, parcialmente imortalizado no álbum ao vivo no Budokan. Eu o vi nessa época em Londres, quando o coquetel molotov punk ainda ardia nas esquinas e nas veias. Bob mastigou a platéia, 50% da qual apunkalhada e sem nunca ter escutado o menestrel em estilo.

Tocou "Highway 61" na estrada, o câmbio negro não me fez strip-tease, os cachorros-quentes com chili caíram bem e o estádio de Indianápolis estava em clima de 500 Milhas, aquela corrida só para suicidas. E lá vieram Tom Petty, sua banda e o velho Bob. A galera — country boys, moçadinha sub-yuppie tipo *De Volta Para o Futuro*, alguns blackinhos discretos linha break, um mar de yuppies quase quarentões e *nenhum* darkinho, nem mesmo de butique — ficou mais para o silêncio respeitoso do que para o urro de aprovação.

Tivemos dois *sets:* dois elétricos, de Dylan com Petty e banda, e um acústico, com Dylan sozinho. Petty até hoje não resolveu se quer ser um country boy de raízes ou fazer rock californiano, indecisão que se revela até mesmo no seu guarda-roupa. É ídolo das garotas. Seus álbuns são sonambulísticos, à exceção de *Southern Accents*. A banda é equivalente a qualquer boa banda de bar. Dylan estava visivelmente entediado. Na seção elétrica, não chegou a um décimo da voltagem dos velhos tempos de 78. Na acústica, tivemos sessão nostalgia, onde a simples menção das músicas provoca um calafrio — mas não a interpretação. Para um dylanófilo irrestrito, foi um tremendo show, por conter "Blowin' in the Wind", "Gates of Eden", "It's All Over Now", "Positively 4th Street" ou a cataclísmica "It's Alright, Ma". Como reflexo do estado de espírito *desta* época, Dylan e Petty caíram no vazio. Talvez a culpa não seja deles. Talvez seja apenas culpa da época. Voltei pra estrada, de volta pra Geórgia, e o rádio do carro tocava Pet Shop Boys.

Pepe Escobar

Foto Manno, LFI

Dylan (secundado por Tom Petty), entre as finanças e a nostalgia

GTR

Foto Claudio Edinger

Howe e seus opacos colaboradores: supergrupo?

Corrida de bigas

Beacon Theatre (NY) — 25/06/86

O Beacon Theatre estava fervilhando de expectativa para a estréia em Nova York do GTR, a superbanda que pretende reeditar a façanha única dos Yardbirds (o grupo, que, antes dos tempos do Led Zeppelin, tinha aquele exagero total em termos de guitarras. Ao mesmo tempo dois nomes lendários: Jimmy Page e Jeff Beck).

No caso do GTR as duas guitarras estão nas mãos de dois Steves, Hackett (ex-Genesis) e Howe (ex-Yes, ex-Asia). Da capa do LP ao cenário do show, tudo fala de guitarra, in-

CAMISA DE VÊNUS

Foto Geraldo Luis Gomes

Marcelo Nova e o Camisa: botando pra f e nem ai com o futuro*

O máximo — e depois?

Projeto SP (São Paulo) — 19/07/86

Embora cheio de intenções espontâneas, o Camisa de Vênus desceu da Bahia com a fórmula do sucesso. Ou seja, não tem armação alguma — eles conquistaram o público exalando por todos os poros chavões que incluem sexo, palavrões e um machismo "não-intencional". Isso, agregado a um som competente e de potência real, os consagrou.

Ao chegar no estacionamento do Projeto SP, um coro de mais ou menos 2 800 pessoas entoava o lema difundido pela banda: "Bota para f*! Bota para f*!". Isso quinze minutos antes de começar o show, e não pararam mais. O Camisa abriu com "Gotham City" (de Macalé e Capinam), música que faz parte de um repertório já exaustivamente repetido pelos vários palcos do país e sempre que-

clusive a abreviatura que dá nome à banda. É uma luta de gigantes, um superespetáculo de arrancadas arrepiantes, alta velocidade, desespero sonoro e eletrônico. Hackett não tem a menor modéstia: ''Em termos de guitarras, vai ser a corrida de bigas de Ben-Hur, aquele velho filme de Charlton Heston''.

Não é bem assim. Vamos e venhamos, a união de Beck e Page, nos Yardbirds, era uma coisa que aconteceu naturalmente, espontânea e livre. No GTR, tudo foi parte de um plano de Geoffrey Downes, o ex-produtor e membro do Asia. O primeiro resultado é que o GTR tem muito mais a ver com o Asia, ou com o Yes, do que com os Yardbirds, o Led Zeppelin ou até mesmo com o Genesis.

Depois, o duelo é meio forçado, uma competição para ver se ''mais'' é sinônimo de ''melhor'' Afinal, se uma banda com um grande guitarrista sempre faz sucesso, não seria a grande jogada comercial formar uma banda com dois grandes guitarristas? Assim se fez. Max Bacon, nos vocais, fica quase esquecido, e também não têm a menor chance o baixo de Phil Spalding e a bateria de Jonathan Mover (recrutados por Hackett de uma multidão de músicos desconhecidos).

Não é propriamente que o concerto não funcione ou que seja apenas um show de acrobacias e fogos de artifícios. O que acontece é que, com Hackett e Howe se revezando, nem dá tempo para a platéia sentir se a coisa é boa mesmo ou se a gente está mergulhando numa anestesia por guitarras. Se essa superbanda tem mesmo algo a mostrar, só o futuro dirá.

Marco Antonio de Menezes

brando recordes de bilheteria.

O Camisa tem um show impecável — no palco, eles arrasam. O público, adrenalinizado, ajudava a performance do porta-voz Marcelo Nova. Mas a qualidade musical ficou a cargo de Gustavo (guitarra solo) que, como uma estátua (foi o único a deixar o palco sem um pingo de suor), viajava o tempo todo pelo instrumento, parecendo não notar o delírio da massa. Karl (guitarra base) não fez nada de excepcional — funcionava mais como uma peça para preencher algum suposto espaço vazio e dar mais energia à banda. Robério (baixo) é uma peça curiosa no palco e desenvolve frases eficientes, melodicamente pesadas. Aldo costura, certeiro, o repertório na bateria.

Aproveitando o cacife, Marcelo concedeu músicas de seus grupos/ídolos preferidos. Assim, desencadearam uma interpretação impecável do hit ''Surfista Calhorda'', dos Replicantes. Depois, chamaram o vocalista Dinho, do Capital Inicial, para acompanhá-los em ''Passatempo''. Hilariante ver o elegante Dinho ao lado do escrachado Marcelo, que pulava e se jogava no chão ao longo do espetáculo, enquanto Dinho, na canja, sensualizava na performance, arriscando alguns chutes para quebrar a discrepância.

O bis foi veementemente pedido. O Camisa estava tão empolgado que não queria mais deixar o palco, apesar dos apelos de Karl, visivelmente cansado. A pedidos, reprisaram ''Lena''. Depois apresentaram uma nova música, ''Mão Católica''. Emendaram com ''Aluga-se'', de Raul Seixas (forte influência da banda), e, finalmente, a versão de ''Negue'', de Lupicínio Rodrigues. A platéia, composta de jovens classe média-média, periferia e punks, teve o show que há muito esperava em São Paulo.

A receptividade pública ao longo de carreira e o êxtase que o Camisa causa, faz com que seus integrantes se autodenominem ''os melhores'' e ''o máximo'' em termos de rock nacional. Mas, como alguns iluminados sabem, quem chegou ao máximo não tem mais para onde ir. A menos que a autocrítica derrube o mito. Neste caso, há salvação.

Sônia Maia

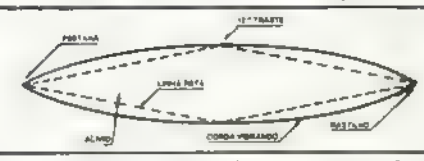
Dolphin

Tudo o que você gostaria de saber sobre guitarras, mas não tinha a quem perguntar.

Parte II
O ajuste da ação

Não existe uma altura ideal para as cordas de uma guitarra, sendo este parâmetro um dado muito pessoal. Alguns guitarristas gostam de uma ação "Alta", outros preferem uma ação "Baixa".
Uma figura "Média" poderia ser:
1.ª corda = 1,4 mm 6.ª corda = 2,0 mm, sempre medida entre a corda e o topo do traste

O alívio no braço



Muitas pessoas entendem que um instrumento deve ter um braço absolutamente reto para ser aceitável. Se o instrumento mostra um ligeiro desvio deste padrão, o braço é considerado "empenado".
Entretanto um instrumento perfeitamente ajustado não tem um braço reto. Ele terá uma sutil curvatura ou "alívio" na escala.
Este alívio, que pode parecer um empenamento, é essencial para uma ação macia na região mais aguda do braço.
Olhando a figura acima, a razão para a curvatura parece clara.
Prendendo a corda no primeiro traste e no traste em que o braço se encontra com o corpo, o alívio medido no 5.º traste deve ser de aproximadamente 0,4 mm. A curvatura é controlada pelo ajuste do "tensor".
Um bom método de verificar o alívio e a ação é deliberadamente forçar um trastejamento tocando bem forte na corda:
1 - Se trastejar no braço inteiro, o alívio está correto. Ajuste apenas a ação ao seu estilo.
2 - Se trastejar apenas na região mais aguda, o braço pode estar empenado.
3 - Se trastejar apenas na região mais grave, o alívio é insuficiente.
4 - Se não trastejar, a ação pode ser abaixada.

Qualquer dúvida consulte-nos:
DOLPHIN IND. E COM. DE INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA.
Av. Nossa Senhora do Sabará, 3771
São Paulo - SP - CEP 04447

A SURPRESA CHINESA

Muita confusão nas filmagens e a volta de Madonna às telas de cinema, desta vez no papel de uma missionária (!)

Madonna reencontra o caminho da perdição com o aventureiro do Oriente (o marido Sean Penn). A gravata dele é jogo duro..

Foto Gamma Sigla

Foto Gamma Sygla

Velhos truques do cinema: a vamp *vira missionária*

Madonna pode ter abandonado seu catolicismo familiar. Mas no fundo, no fundo, parece que ela ainda tem saudade do tempo em que pensava em ser freira. Não é à toa que transformou os crucifixos em seu brinco preferido (embora tenha respeitosamente evitado os crucifixos em seu traje de noiva, no casamento com Sean Penn). Agora, no filme que o casal fez na China, a aventura romântica *Shangai Surprise*, Madonna não se contentou com os crucifixos. Está quase em traje de freira, com um vestido branco à chinesa abotoado até o pescoço, saia batendo no tornozelo, sapatinhos baixos e cabelo preso em coque.

Ela faz o papel de uma missionária no Oriente, embora o modernismo da atual Xangai tenha transportado os cenários para Macau, a colônia que os portugueses ainda mantêm na China, e para Hong Kong, pertinho. Sean Penn faz o papel de um aventureiro, muito parecido com Indiana Jones: chapéu velho, barba crescida, uma gravata com uma *pin-up* nua e a frase "The Road to Run" ("A estrada boa de pegar").

Claro que o contraste entre os dois é fácil, meio sem imaginação, com aquela inevitável atração da "pureza" missionária pelo "pecado" da aventura. Mas a principal personagem de um filme com Madonna não é ninguém inventado pelo roteirista. É sempre a própria Madonna. E, aí, nem é preciso citar o contraste entre sua vida de roqueira, sedutora e *sexy*, e a personagem santinha que ela faz no filme.

Madonna está nas telas — a estréia aqui nos *States* foi em agosto: sucesso garantido.

Se bem que as más línguas digam que a melhor cena de Madonna e Sean, em Macau, não aparecerá no filme. Foi a surra que Sean deu no fotógrafo Leonel Borralho. Quase enforcou o homem com a alça da câmera. A cena foi no 18.º andar do hotel Oriental, um hotel de luxo onde Borralho se escondeu para surpreender Sean e Madonna. Sean, que sempre odiou fotógrafos, reagiu a ponto de ser chamado à delegacia. Foi, com guarda-costas e um casaco de couro escondendo o rosto. Borralho o está processando, quer um milhão de dólares.

E teve mais, em Hong Kong, onde a máfia local bloqueou ruas que davam para os locais de filmagem, extorquindo dinheiro da equipe de filmagem. Os cenários adequados para o filme, que se passa na Xangai de 1938, eram exatamente as favelas mais perigosas de Hong Kong e Macau. Um bandido queria cinqüenta mil dólares só para tirar seu carro, estacionado bem no meio de uma viela essencial à filmagem.

Para contornar estes problemas, o orçamento do filme estourou, chegou aos 15,5 milhões de dólares. O diretor, Jim Goddard, ficou apavorado. E um dos donos da produtora HandMade Films, o ex-Beatle George Harrison, teve de ir a Hong Kong para acalmar a imprensa. Madonna e Sean deram ainda mais trabalho. No aeroporto, o carro de Madonna entrou em conflito corporal com um fotógrafo. Fotos *polaroid* que iam ser usadas no filme foram roubadas, e ela e Sean ficaram cinco horas sem trabalhar, de pirraça.

Enquanto isso, ia crescendo a paixão de Gloria, a personagem de Madonna, pelo Mr. Wade desempenhado por Sean. Garotinha ingênua do interior americano, Massachusetts, Gloria contrata Wade para descobrirem juntos um gigantesco carregamento de ópio. De sócios, os dois vão passando a apaixonados, naquela fórmula previsível do sujeito que não quer nada, acha chato trabalhar para aquela missionária, mas vai ficando apaixonado enquanto a salva de mil perigos. Uma fórmula que começou com o velho filme *Uma Aventura na África*, entre Humphrey Bogart e Katherine Hepburn. Há pouco, este esquema funcionou em filmes como *Tudo por uma Esmeralda* e *A Jóia do Nilo*, sem falar em *Indiana Jones*.

Shangai Surprise, neste sentido, não tem surpresa nenhuma. Mas Madonna é uma atriz muito gostosa, à sua maneira. Como ficou comprovado em *Procura-se Susan Desesperadamente*. Já em seu primeiro filme, *A Certain Sacrifice* (amador meio pornô, lançado nos EUA em vídeo, pois Madonna perdeu o processo para bloquear o lançamento), ela não estava nada má. Acontece que muita gente acha injusto alguém ter talento como cantora e atriz ao mesmo tempo, e aí vem dizer que ela é uma canastrona. Não é. Até Sean Penn, um profissional superexigente, gostou da Madonna atriz em *Shangai Surprise*. E ele não é suspeito, por ser marido. Dizem que os dois já estão na maior brigalhada.

Marco Antonio de Menezes

A GAROTA DE ROSA SHOCKING

É um enredo conhecido: a história da menina pobre e sofrida à espera do príncipe encantado. E ele aparece! Mas não é o sapatinho de cristal a chave deste remix de Cinderela. É todo um guarda-roupa que Andie — a garota trabalhadora que tem bolsa de estudos em uma escola cara — transa com roupas usadas e reformadas, no melhor estilo Madonna.

Foto UIP

A garota Andie (Molly Ringwald), o namorado Blane (Andrew McCarthy) e o melhor amigo, Duckie John Cryer)

O príncipe é seu colega Blane, herdeiro de uma corporação. O problema são seus amigos, que chamam a moça de "gentinha". Mas a trama previsível não compromete o filme — pelo contrário, ele faz comédia com os clichês do gênero — e o elenco é muito afinado.

Molly Ringwald é Andie. É o terceiro filme dela com John Hughes, que a dirigiu em *Gatinhas e Gatões* e no inédito *The Breakfast Club*. Hughes produziu e escreveu este *Rosa Shocking*, dirigido por Howard Deutch. Molly, com seu tipo entre meigo e atrevido, já mereceu matéria de capa da revista *Time*.

Blane é Andrew McCarthy *(O Primeiro Ano do Resto de Nossas Vidas)*, mas quem rouba algumas cenas é Jon Cryer, no papel de melhor amigo de Andie — um humorista nato. Com o "Mr. Infelicidade" Harry Dean Stanton *(Paris Texas)* como o pai, o elenco é o ponto alto. Outro é a trilha sonora, à base de Psychodelic Furs (que regravaram "Pretty in Pink", música que dá o título original ao filme), New Order e OMD.

No disco com a trilha há faixas que não aparecem no filme, com Echo & The Bunnymen , Smiths e New Order. Uma fórmula simpática e certeira: o tema de *Breakfast Club* é "Don't You (Forget About Me)", que projetou os Simple Minds nos EUA. *Rosa Shocking*, além de saboroso, pode prestar o mesmo serviço aos Smiths e companhia. *A.A.*

REMO

Um pouco de Rambo, outro tanto de James Bond e Bruce Lee — esta é a receita de *Remo, Desarmado e Perigoso*. Fred Ward (um dos astronautas de *Os Eleitos*) faz o policial "ressuscitado" por um grupo que procura restaurar a justiça nos EUA, "um grande país, onde o sistema legal não funciona". O patriotismo fácil é o pano de fundo da história.

Remo se torna aprendiz de Chuin (Joel Grey, de *Cabaré*, em uma caracterização perfeita), um mestre oriental pago para treiná-lo nas artes marciais, fazendo dele uma espécie de justiceiro. Chuin é um mestre um tanto quanto inescrupuloso — se for preciso eliminar seu discípulo, ele não hesitará.

A direção de Guy Hamilton, treinado na série 007, marca a agilidade do filme nas tradicionais cenas de perseguição. O insólito fica por conta de Chuin, o oriental em constante choque com a vida moderna (ainda que vibre com a novela lacrimejante da televisão...), que anda sobre as águas como um Jesus Cristo nas terras de Tio Sam.

As contradições estão presentes na fita inteira, colocando de um lado a postura "divina" de Chuin e de outro os EUA. Mas os vilões são os inimigos comuns e os clichês se combinam bem num filme até engraçadinho, feito para ser esquecido. Isto enquanto *Remo 2* não vem, como tudo indica.

Cesar Garcia Lima

Foto Fox

Remo: uma mãozinha para a democracia

9 1/2 SEMANAS DE AMOR

Foto Alvorada

A deslumbrante Elizabeth (Kim Basinger) e o amante/algoz John (Mickey Rourke)

Um homem pode ter tudo? Pergunta estúpida. John tem dinheiro, todo o dinheiro que um alto financista de Wall Street pode ter. Tem tempo. Tem bom gosto. Tem Elizabeth, uma garota deliciosa. Mas que diabo é *ter uma mulher?* John abstrai. Joga. Provoca. Tortura...

É impossível deixar de comparar essas "nove semanas e meia" ao *Último Tango em Paris*. Adrian Lyne, dirigindo seu segundo longa (o primeiro foi *Flashdance*), assume a influência: o casal na relação/limite a um passo da perversidade, desmontando peça a peça, com o instrumento da paixão, a boçalidade frustrante destes tempos.

Não é uma cópia, muito menos um pastiche. Adrian provocou um caso entre os atores, escolhidos a dedo — Mickey Rourke *(O Ano do Dragão)* e a loura Kim Basinger (a vilã predileta de 007 em *Nunca Mais Outra Vez*) —, onde eles se envolveram perigosamente com os jogos sadomasoquistas do enredo. Kim quase se divorciou do marido durante as filmagens. Consagrou-se como mais uma das beldades (pensantes) da última safra — Kathleen Turner, Sigourney Weaver, Rosanna Arquette, Daryl Hannah.

Ela trabalha em uma galeria de artes, no fulcro da contradição sensibilidade-comércio. Ele aparece do nada, galante, misterioso, e a devora de todas as maneiras. Vai apresentando seus brinquedos cruéis, e ela nunca consegue dizer não. Por que deveria?

A boçalidade institucional contra-ataca: as cenas mais perversas e inquietantes foram banidas do filme, sob a ameaça de classificarem-no *x-movie* (filme proibido para menores, em geral pornô) nos EUA; (a versão européia é mais longa, ainda que não integral). Fica o clima agridoce de amor/terror. O filme sobreviveu, e é ótimo.

A câmera de Lyne é cúmplice de John. Ele era diretor de comerciais: as imagens são primorosas, a montagem é ágil, uma visão fria, quase cínica.

A doçura de Kim/Elizabeth retalha esse ponto de vista masculino. Ninguém *tem* uma mulher, muito menos uma mulher dessas.

John sabe disso melhor do que ela. No mitológico Hotel Chelsea ele propõe o suicídio... afetivo. A trilha sonora pontua com pérolas de Bryan Ferry, Roger Eno, Stewart Copeland. Por acaso ou não, a música tema do duran-duran John Taylor ("I Do What I Do", uma bobagem *macho* traduzível por "Foi Bom, Meu Bem?") caiu fora com o corte das cenas mais brutais...

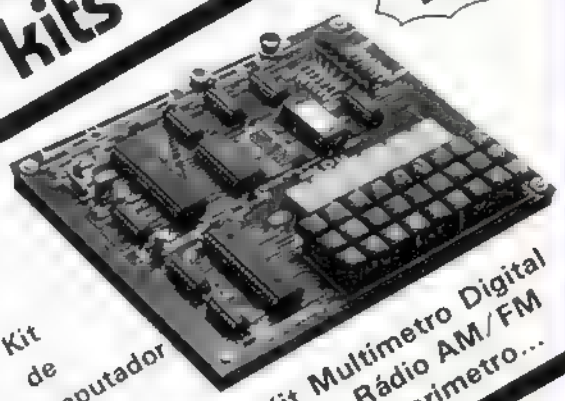
Alex Antunes

cursos técnicos!

- eletrônica básica
- áudio e rádio
- programação basic
- análise de sistemas
- eletrotécnica
- refrigeração e ar condicionado
- eletrônica digital
- televisão pb/cores
- programação cobol
- microprocessadores
- instalações elétricas

kits exclusivos!

Z-80



Kit de Microcomputador e mais

- Kit Multímetro Digital
- Kit de Rádio AM/FM
- Volt Amperímetro...
- Kit de Televisão
- Kit de Refrigeração
- Kit Digital Avançado

cursos por correspondência

intensivos! dinâmicos!

OCCIDENTAL SCHOOLS
cursos técnicos especializados
Alameda Ribeiro da Silva, 700
01217 São Paulo SP
Fone: (011) 826-2700

SOLICITE MAIORES INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO!

BIZZ 14

OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

Desejo receber, gratuitamente, o catalogo ilustrado do

Curso de _____ (indicar o curso desejado)

Nome _____

Endereço _____ nº _____

Bairro _____ Cidade _____

Estado _____ CEP _____

KARATÊ KID II

Foto Columbia

Daniel (Macchio) desce o braço, teleguiado pelo mestre Miyagi (Morita)

O campeão de bilheteria do último verão americano não foi nenhuma superprodução do tipo *Cobra*, com toda sua violência gratuita. Foi, sim, um filme que critica essa violência em tom de fábula. *Karatê Kid II — A Hora da Verdade Continua* é, como o título indica, uma seqüência do filme exibido há dois anos que, sem nenhuma pretensão, alcançou altas bilheterias em diversos países.

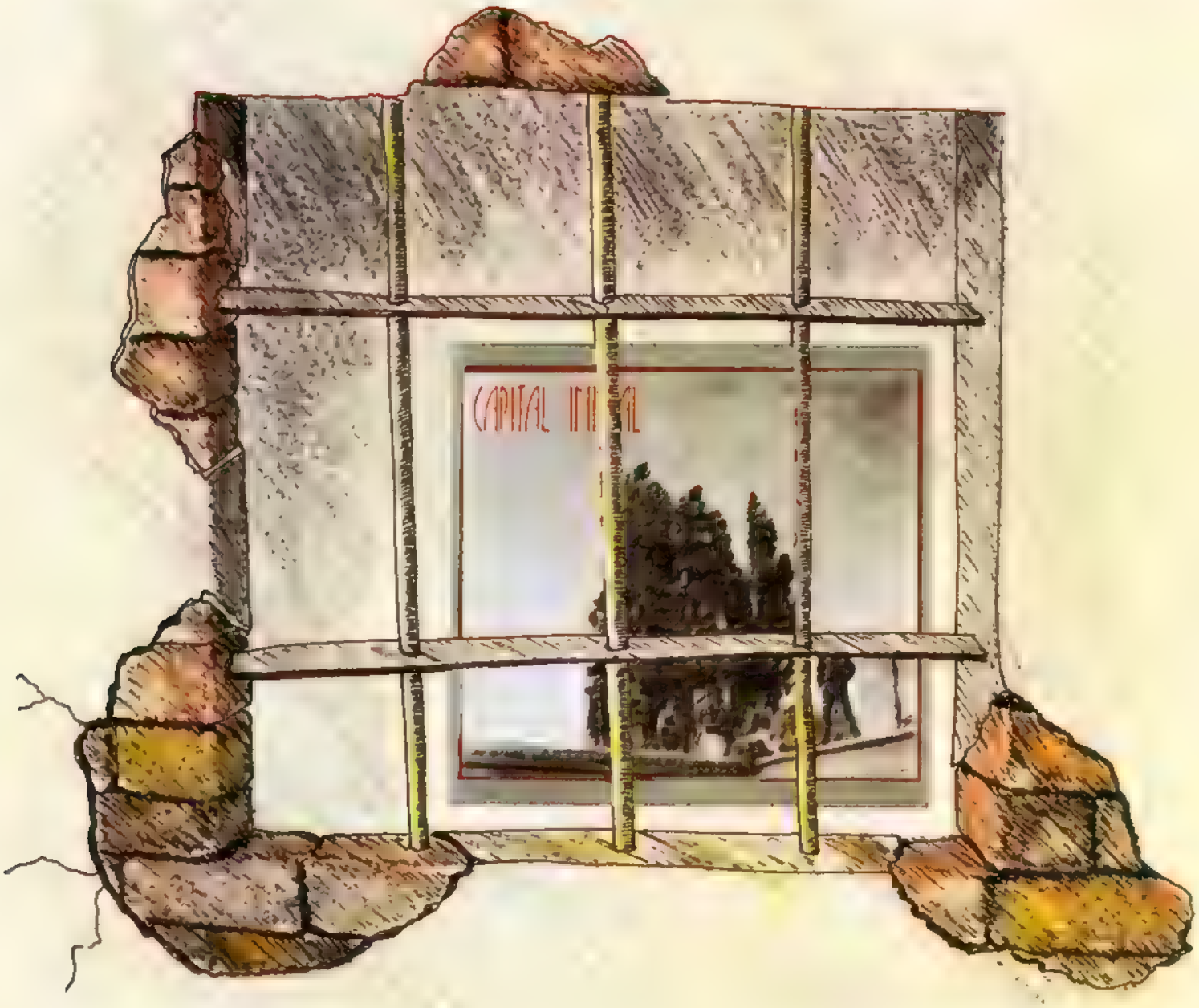
A respeito disso conversei com a atriz Tamlym Tomita, uma japonesinha linda com feições de boneca, que esteve no Brasil promovendo o filme. Tamlym — que interpreta Kumiko, o par romântico do herói Daniel (Ralph Macchio) — comentou a respeito disso: "*Karatê Kid* venceu os outros filmes porque é como um conto de fadas. Os bons são realmente bons e os maus são muito ruins, mas a inteligência e o amor vencem. Eu odeio Sylvester Stallone e, por coincidência, foi o diretor deste filme, John G. Avildsen, que começou tudo, ao fazer *Rocky* I, na verdade um bom filme. Ele mesmo me disse uma vez: 'Criei um monstro!' Acho que essa onda de filmes violentos passará e talvez os próximos sejam bem românticos".

A história do velho mestre que passa sua sabedoria para um jovem discípulo pode até ser manjada, mas aqui é contada de forma diferente, reforçada principalmente pela excelente performance de Noriyuki "Pat" Morita, que faz de seu personagem Miyagi uma figura inesquecível. Seu perfeito entrosamento com Ralph Macchio passa uma empatia tal para a platéia que se o filme tiver dez continuações (a terceira, pelo menos, certamente acontecerá) ninguém reclamará. A ação, desta vez, transfere-se de Los Angeles para Okinawa, e agora é a vez de Daniel retribuir os favores que o mestre lhe prestou, de mostrar tudo que aprendeu, um desafio muito maior que o do filme anterior.

Tamlyn conta que nasceu exatamente em Naha, Okinawa, o local onde transcorre a ação do filme. Só que, para as filmagens, Naha foi reconstituída em um aprazível recanto havaiano.. A ótima fotografia de James Crabe se encarrega de que tudo nos leve a crer que estamos realmente num maravilhoso Japão. Isto é Hollywood!

Tom Leão

Ninguém segura este disco!



Até chegar ao seu primeiro Lp, que vendeu trinta mil cópias com apenas uma semana de lojas, o grupo Capital Inicial percorreu a mais dura das estradas, construída entre as montanhas do moralismo e o abismo da mediocridade.
O Capital Inicial, cercado, acuado, não desistiu. Mais: entrou em estúdio para gravar um disco que tem tudo para fazer história. História limpa, clara, objetiva. Doa a quem doer.

Se você ainda não tem dezoito anos, vale a pena esperar

PROIBIDA A RADIODIFUSÃO E A EXECUÇÃO PÚBLICA DA FAIXA "VERANEIO VASCAÍNA". VENDA PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS.

O estiliugue do ano

PolyGram

LANÇAMENTOS

The Clash — This Is Video Clash — estéreo hi-fi, 31 minutos, CBS/Fox — Entre 1978 e 1982 o Clash foi a "única banda de rock que valia a pena". Depois implodiu. Mas antes de desaparecer criou uma série de videoclips bastante adequados a sua música econômica, urgente e feroz. Esta compilação inclui alguns inéditos ao vivo ("Should I Stay or Should I Go" e "Train in Vain").

Bob Dylan — Don't Look Back — estéreo hi-fi, 90 minutos, Paramount Home Video — Este documentário-rock dirigido por D.A. Pennebaker (o mesmo diretor de *Monterey Pop*) é um clássico do gênero e um importante registro do auge da carreira de Dylan. Aqui estão trechos da lendária turnê inglesa de 1965.

Sting — Bring on the Night — estéreo hi-fi, 97 minutos, Karl Lorimar — O diretor Michael Apted acompanhou com sua equipe toda a gestação da banda que fez com Sting o álbum *The Dream of the Blue Turtles*. Filmou desde um ensaio num castelo setecentista aos primeiros shows em Paris. O resultado deste registro está aqui.

Vários — Piano Players Rarely Ever Play Together — 76 minutos, Stevenson Productions — Esta gema é muito difícil de ser encontrada, mas o garimpo é bem recompensado. Trata-se de um encontro único de gigantes, três legendários pianistas de Nova Orleans: Isidore "Tuts" Washington (veterano do jazz), Henry "Professor Longhair" Byrd (especialista em ragtime que acabou inaugurando toda uma escola de pianistas rock) e Allen Toussaint, o caçula, superprodutor e arranjador.

PARADA

1	THE NUMBER 1 VIDEO HITS — Whitney Houston
2	I CAN'T WAIT — Stevie Nicks
3	IMAGINE — John Lennon
4	DICK CLARK'S BEST OF BANDSTAND — Varios
5	ROCK ME FALCO — Falco
6	MOTOWN 25: YESTERDAY, TODAY, FOREVER — Varios
7	THE VIRGIN TOUR - MADONNA LIVE — Madonna
8	LOOK TO THE RAINBOW — Patti LaBelle
9	GRACE UNDER PRESSURE TOUR — Rush
10	JOHN LENNON LIVE IN NEW YORK — John Lennon

Fonte: Revista Billboard

Fotos Tucc

David Bowie
"LABYRINTH"
Dirigido por Steve Barron

Uma das tarefas mais árduas dos dias de hoje é conseguir criar um clip promocional de filme sem recorrer a surrados chavões do tipo "as melhores cenas num rápido trailler costuradas por aparições do cantor da faixa-tema". Steve Barron — autor de um dos momentos mais geniais de toda a história dos clips, o "Billie Jean" de Michael Jackson — conseguiu superar esta dificuldade inicial transportando personagens do filme para um contexto de clip, criando ações inéditas para os personagens e aproveitando até alguns dos cenários do longa. Também teve a seu favor a experimentada malícia de Bowie, que consegue emprestar suspense a um tema musical bem banal.

Os efeitos especiais e as edições nervosinhas típicas dos clips promocionais de filme também foram deixados de lado. Barron optou por uma linguagem cinematográfica escorreita, quase clássica. A única surpresinha inesperada é a cena final: Bowie se despe de sua "pele humana" e se transforma num desenho animado. *J.E.R.*

NOTAS

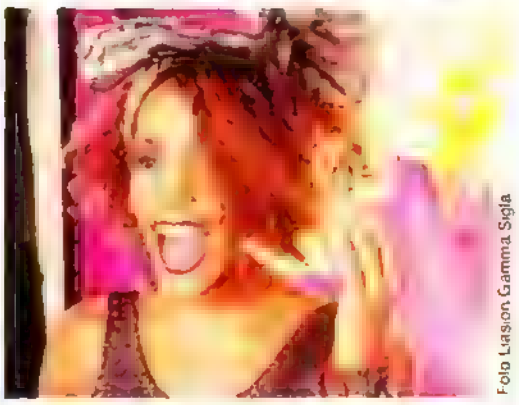


Foto Liaison Gamma Sigla

■ Dia 14 de setembro a **MTV** fará sua Terceira Gala Anual e entregará os prêmios para os vídeos que se destacaram nos últimos 12 meses. Entre os artistas que farão shows durante a entrega, estão **Whitney Houston Tina Turner, Genesis, Mr. Mister,** e os **Moonkees.**

■ Na edição n.º 12 de BIZZ, esta coluna comentou a iminência do primeiro vídeo de longa-metragem a ser feito por uma banda brasileira — no caso, o **RPM.** Foi um erro duplo: nem ocorreu a tal filmagem dos shows do RPM no Ibirapuera (qual foi o motivo?), tampouco seria a primeira incursão do gênero. Os gaúchos **Replicantes** nos mandaram uma cópia de seu *Vórtex*, 60 minutos de pau puro, ao vivo em Porto Alegre, que está no mercado brasileiro desde abril.

■ E parece mesmo que o diretor **David Mallet** — o homem que deu ao mundo o memorável "Ashes to Ashes" de **David Bowie** — está se especializando em heavy metal. Depois de dois clips para o **Kiss,** ele está terminando seu segundo para o **AC/DC,** "You Shook me All Night Long".

■ **Breve em** *home vídeo* a íntegra do especial que o canal de TV a cabo HBO mostrou em julho nos Estados Unidos: **Bob Dylan** e **Tom Petty** juntos e ao vivo, num show gravado na Austrália.

■ Numa recente entrevista à MTV, o jovem diretor Stephen Johnson explicou o significado da intrigante seqüência das galinhas do vídeo que criou para "Slegdehammer" (veja BIZZ 12). Segundo ele, "o martelo põe o ovo e do ovo sai uma forma de vida. E esta forma de vida dá início a uma segunda forma de vida, que é a outra galinha". Profundo, não?

FELT

Delicada atmosfera de uma redoma de feltro. Um trio inglês dissecado por *Pepe Escobar*

Capas dos dois primeiros LPs, Crumbling the Antiseptic Beauty *e* The Splendour of Fear

Foto Estúdio Abril

[redacted] *Felt*, em inglês, é feltro. Felt, o grupo, envolve o ouvinte em uma redoma de feltro. Para os cultores do cool, é uma delicada atmosfera. Para adrenalínicos intempestivos, dá sono. Felt apareceu em 82 com um surpreendente álbum pela independente inglesa Cherry Red: *Crumbling the Antisepctic Beauty*. Melancolias harmônicas, flertes com harmônicos, interplay à la Television primeira fase, e a voz de Lawrence, o vocalista, oscilando entre Tom Verlaine sem porre de uísque e Lour Reed de satori em Coney Island.

The Splendour of Fear e *The Strange Idols Pattern and Other Short Stories* (ambos de 84) e *Ignite The Seven Cannons (85)* seguiram o mesmo padrão. O Felt transformou-se rapidamente em *cult group* no norte da Europa, com distribuição precária e pouquíssimos shows ao vivo. Nessa época, estourava o FM yuppie computadorizado, os darkinhos *ainda* eram levados a sério — chorando sobre as cinzas do Bauhaus — e o interplay de guitarras cristalinas ainda não tinha sido usurpado por modismos e revivals. O Felt trocava de produtor, adicionava clássicas cordas — como na belíssima "Sunlight Strings" —, mas não perdia a pureza.

Nos últimos dois anos, permaneceram em relativa e confortável obscuridade. Trocaram de gravadora — da Cherry Red para a ultra-independentes Creation —, gravaram com a rouxinol Elizabeth Frazer, dos Cocteaus, e no último verão inglês apareceram com *Let the Snakes Crinkle their Heads to Death*, uma pérola para porões escolhidos do Soho londrino. Lawrence continua na guitarra, mais Maurice Deebank na guitarra solo, Mick Lloyd no baixo e Gary Ainge na bateria. O curioso é que este LP é totalmente instrumental. A peça de resistência é "Shakes", com 18m39, o que poderia induzir a retornos pink-floydescos, mas está mais para Incredible Stringle Band com injeções de *brown sugar*.

As letras do Felt seguiam algumas constantes: escuridão sempiterna, Espanha, sonhos, ambições diluídas pela corrupção do mundo, e até mesmo Rimbaud de cabeceira e o "Livro dos Mortos". Mais uma banda *dárki?* Não. Laurence até oscilava entre Lloyd Cole e David Byrne em alguns vocais. Alguém no *Melody Maker* disse que o Felt é mais sensual que o Durutti Column. É óbvio. Mas é um exagero, pois o anoréxico Vini Reilly, no palco, é com certeza a Múmia Máxima do cool internacional. Felt não é sensual: é atmosférico, para poucos — e ligeiramente louco, como no teatro mágico de "O Lobo da Estepe", e original, o que nessa indústria de interplanetária banalidade não deixa de ser um acontecimento. Sabe quando vai sair no Brasil? *Never*.

ARTE NO ESCURO

O clima gótico e a música intimista de mais uma banda brasiliense

Paulo, Pedro, Marielle e Adriano no claro

O clima no palco é quase medieval. Velas acesas e véus negros criam luzes e sombra. O som é aprimorado, montado em cima de dissonâncias. A música é intimista, as letras densas e reflexivas. A voz de Marielle corta o ar num timbre forte, quase um instrumento, fazendo às vezes uma linha melódica independente do instrumental. Esse é o Arte no Escuro.

A banda — Marielle, 22 anos, vocais; Paulo Coelho, 22, bateria; Pedro Hiena, 21, baixo; Adriano Lívio, 21, guitarra — faz parte da terceira geração do rock de Brasília.

O grupo se formou em abril de 85. Naquela época, Luiz Antônio Alves, o Lui — o homenageado no título *O Passo do Lui*, do disco dos Paralamas — era o vocalista. E foi até fevereiro de 86, quando uma paixão o arrastou para o Rio. Marielle, na mesma época, saía de uma crise no Escola de Escândalo.

Eles fogem da violência como tema, que consideram um "apelo fácil", preferindo buscar a saída da sutileza. As letras de Pedro Hiena são fortes, carregadas de críticas, mas moldadas em metáforas: "Nada é verdade absoluta, cada um entende uma coisa", diz ele.

Apesar do visual negro e das volumosas capas pretas, seus integrantes não aceitam o rótulo de *dark*. "Isso é só modismo", atacam. Sem exagero, a estética de palco é importante para o grupo. "O público quer algo diferente, não está a fim de ver o cara com a barba por fazer, vestindo a roupa com que vai pegar o ônibus", explica Paulo.

Ele reconhece que essa irreverência fez o rock de Brasília se destacar, mas acha que hoje isso já não é importante. "Era isso que chocava, mas depois virou moda — as butiques, hoje, vendem calças já rasgadas." *M.A.*

DETRITO FEDERAL

Do punk do planalto para o rock eclético. *Márcia Álvaro* mapeia a trajetória

Fotos Eduardo Tavares

Cascão, Luciano Dobal, Milton Medeiros e Will Pontes: Detrito em nova formação

O Detrito Federal surgiu como legítimo representante do punk rock brasiliense. Liderado por Paulo César Cascão, 20 anos, cabeça raspada, alfinetes nas calças e um discreto cadeado no pescoço, participou do LP *Rumores* (uma produção independente do Sebo do Disco) e prepara o seu individual.

Mas com formação nova, depois de um racha — "para melhor", segundo Cascão — ocorrido dois meses após a apresentação no Mixto Quente, em janeiro, no Rio. Com a saída de Podrão, o antigo vocalista, mudaram todos os músicos. Cascão assumiu os vocais e reuniu Luciano Dobal (bateria), Milton Medeiros (baixo) e Will Pontes (guitarra).

A banda, para quem rock e rebeldia andam de mãos dadas, amadureceu e deixou de ser "tão radical" quanto antes, "para abrir mais e falar para um número maior de pessoas". O visual não é punk, salvo os detalhes cuidados por Cascão.

Para chegar ao seu som pesado, feito para dançar, misturam tudo que chega por essas quatro vertentes tão diferentes que são seus integrantes. Na hora de falar das bandas e ritmos, aos quais estão mais ligados, os nomes quase nunca coincidem. Gostam de funk, rock, samba, reggae, bossa nova, Sex Pistols, Paulinho da Viola, Bauhaus, Noel Rosa, Moreira da Silva. E sentenciam: "Só não gostamos de um tipo de música — a ruim".

As letras falam de injustiça, repressão, política — coisas que explodiram junto com o rock brasileiro, "quando os governos militares não conseguiram mais segurar". Aí surgiu a "verdadeira rebeldia", segundo Cascão, porque até então "mostrar rebeldia no rock era subir a rua Augusta a 120 por hora e fumar onde era proibido fumar".

Madonna

PAPA, DON'T PREACH

Foto Tucci

(© Elliot Madonna)

Papa, I know you're going to be upset
'cause I was always your little girl
but you should know by now
I'm not a baby

You always taught me right from wrong
I need your help dad, please be strong
I may be young at heart
but I know what I m saying

The one your warned me all about
the one you said I could do without
we re in an awful mess
and I don t mean maybe please

(refrão)
Papa don t preach
I m in trouble deep
papa, don t preach
I've been los ng my sleep
but I made up my mind
I m keeping my baby
I m gonna keep my baby

He says that he s going to marry me
we can raise a little family
maybe we ll be alright
it s a sacrifice

But my friends keep telling me to give it up
saying I m too young, I ought to give it up
what I need right now is some good advice
please

(repete refrão)

Oh daddy, daddy, if you could only see
just how good he's been treating me
you'd give us your blessing right now
'cause we are in love
we are in love, so please

(repete refrão)

PAPAI, NÃO PREGUE

Papai, eu sei que você vai ficar aborrecido
porque eu sempre fui sua garotinha
mas a esta altura você já deveria saber
eu não sou um bebê

Você sempre me ensinou o que era errado e o que era certo
preciso de sua ajuda, pai, por favor seja forte
eu posso ser jovem de espírito
mas sei o que estou dizendo

Aquele contra quem você cansou de me prevenir
aquele que você dizia que eu podia viver sem
estamos em uma grande complicação
e não estou dizendo "talvez", por favor

(refrão)
Papai, não pregue
estou metida em um grande problema
papai, não pregue
estou perdendo o sono
mas já tomei minha decisão
eu vou ter o meu bebê
eu vou ter o meu bebê

Ele diz que vai se casar comigo
nós podemos formar uma pequena família
talvez as coisas déem certo para a gente
é um sacrifício

Mas minhas amigas ficam me dizendo para desistir
dizem que sou jovem demais, eu deveria desistir
o que preciso agora é de um bom conselho
por favor

(repete refrão)

Oh papai, papai, se apenas você pudesse ver
como ele vem me tratando bem
você nos daria sua bênção agora mesmo
pois estamos apaixonados
estamos apaixonados, então por favor

© Elliot Music/Jacobsen Music

COM PANDA VOCÊ VIRA FERA.

PANDA®

ALTA PERFORMANCE EM ESPORTE E LAZER.

Adote um Panda. Você vira fera na hora. Panda é gostoso, bonito, colorido. Mais do que tudo, Panda é Vulcabrás. O solado exclusivo, a palmilha de borracha natural, é para você pisar manso e macio. Panda é diferente de tudo o que existe por aí, uma verdadeira fera na resistência, durabilidade e qualidade. Experimente um Panda. Temos certeza de que ele vai ser a sua marca de estimação.

Qualidade VULCABRÁS

AKIRA S

Foto Angelo Pastorello

O descendente de samurais empunha seu stick, *por trás do arsenal de teclados e computador*

O mundo perdeu um samurai e um engenheiro eletrônico para o Brasil ganhar um baixista que cavalga do samba ao funk, ao punk...

José Akira Tsukimoto vem de uma linhagem de samurais que terminou em seu pai, já que ele não quis dar continuidade à tradição. Hoje se confessa arrependido. A família que morava no Japão praticamente se autodizimou na Segunda Guerra Mundial — autênticos kamikases. E o Akira poderia ter ido para a Holanda, depois de quase terminar um curso de Eletrônica, mas preferiu a música. Por dias e madrugadas quentes e frias, muitas vezes de estômago vazio, ele passou pesquisando timbres, harmonias, melodias e ritmos, com base em quatro instrumentos — a intuição, o piano, o baixo e, mais recentemente, o *stick*.

Começou estudando piano aos 16 anos. "Mas este não era o *meu* instrumento", conta. Fazedor de "rolos" — comprava e revendia guitarras —, acabou ficando com um baixo em casa.

Comprou livros, passou para o baixo o que tinha aprendido no piano, mas tudo isso ainda não foi o suficiente. Entrou para a Fundação das Artes de São Caetano e lá terminou o curso de música, com duração de quatro anos. Foi a partir daí que Akira começou seus estudos "a sério" de música.

"Escolhi o baixo porque eu tinha um lance de rítmica muito forte — gostava do som, do balanço e da harmonia. Outro, pelo peso que dava às músicas." O primeiro baixo, que o acompanha até hoje, ele costuma denominar "Hand Made", ou seja, feito pelas próprias mãos. Desmontou o instrumento, jogou tudo fora e ficou só com o corpo. Trocou ponte, braço, captadores e, principalmente, manteve-o sem trastes — *fretless*, como normalmente é chamado. Com este, ele capta timbres mais carregados em harmônicos; "redondinhos", como ele define.

A fase seguinte foi a do baixo com traste. "Você pode desenvolver um negócio mais rítmico e menos harmônico. É mais percussivo." O perfeito para esse fim é o da marca Steinberg, onde Akira consegue melhores resultados com o *slapping* — técnica de batucar no baixo. Ele não usa palhetas, vai só no dedo mesmo.

A outra fase veio com sua mais nova aquisição — o *stick*. "Ele tem outra concepção de construção, afinação, timbre e, também, são dois instrumentos num só — baixo e guitarra. São dez cordas — a parte grave é afinada em quintas e a aguda em quartas. O charme do instrumento é que ele é aberto a uma série de variações — você pode deixar duas partes graves e duas agudas. A princípio é percussivo — você não belisca as cordas, bate nelas. Outra curiosidade é que você pode mudar o encordoamento, usar outra numeração de cordas — isso que o torna um instrumento superpessoal. Sou um dos precursores do *stick* aqui no Brasil. Ele ainda não tem uma linguagem definida e estou desenvolvendo, conhecendo, descobrindo suas possibilidades."

Além disso tudo, Akira ainda pesquisa com teclados e na área de Informática. "Quero sintetizar o *stick*." Na composição, ele procura uma mescla de influências e referências — que vão do samba ao funk; do punk ao pop e do erudito ao oriental. "Acho importante esta diversidade — um bom caminho para se chegar a algo próprio."

Seus instrumentistas e músicos preferidos são: Bill Laswell, Mick Karn, Jah Wobble, Tony Levin, Bernard Edwards, Eddie Gomez, Ryuichi Sakamoto, Arto Lindsay, Robert Fripp, Bella Bartók, James Brown, Bezerra da Silva, Martinho da Vila. Além das escolas de samba, breaks e hip-hoppers em geral.

Sua filosofia: "Vivo procurando o que não sei o que é. A música e a vida são uma escada sem fim — você está sempre subindo e sempre quer saber o que está atrás da porta, no fim da escada. Mas você nunca vai chegar *na* porta. E aí é que está o interessante — nesta procura você está sempre descobrindo algo novo. Isso que não me deixa largar... Ah! Importantíssimo: formação é para se usar, não para ostentar". *S.M.*

FICHA TÉCNICA

TECLADOS, EFEITOS, BAIXOS, CORDAS

Baixos *"Hand Made", ou seja, aquele feito pelas próprias mãos e um Steinberg (emprestado).*
Teclados *Yamaha DX7; computador Yamaha CX5M; computador rítmico Yamaha RX11; sintetizador Roland Juno 106 e um Korg Poly 800 (tudo emprestado).*
Pedais *ZB Custom, que é o de volume; chorus estéreo da Boss CE3; um flanger da Boss BF2 e um analog delay da Boss DM2.*
Encordoamento de baixo *Rotosound Swing Bass — long scale, de numeração 105; 0.80; 0.65 e 0.45. Outro é o Carl Thompson Roundwounds — extra long scale. Numeração 110; 0.80; 0.65 e 0.45. Estas são mais grossas e pesadas. "Dá mais peso e melhores respostas, mas requer mais firmeza", explica.*
Chapman Stick Touchboard *(também emprestado) Instrumento de 10 cordas, espécie de baixo e guitarra numa só peça, utilizado, entre outros, por Tony Levin no King Crimson.*

Stamp
ADESIVOS
CAMISETAS
estampas em silk-screen
TAMANHOS
P (44)
M (48)
G (52)
100% algodão
REF. 260 Cor: vm, pr, az
REF. 224 Cor: br, am
REF. 259 Cor: pr
REF. 243 Cor: br, az
REF. 235 Cor: pr
REF. 263 Cor: am, az cl
REF. 249 Cor: br
Cor: br
REF. 261 Cor: vm, br, pr, az
REF. 241 Cor: br
REF. 250 Cor: br, pr
REF. 264 Cor: am, br
REF. 246 Cor: br
REF. 236 Cor: pr
REF. 229 Cor: br
REF. 244 Cor: az, vd
REF. 254 Cor: br, pr
REF. 227 Cor: br
REF. 258 Cor: br, pr
REF. 240 Cor: br
REF. 233 Cor: az
REF. 206 Cor: br, az, vd
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 204 Cor: br
REF. 252 Cor: pr
REF. 214 Cor: br
REF. 253 Cor: pr
REF. 267 Cor: br, pr
REF. 270 Cor: vm
REF. 256 Cor: pr
REF. 203 Cor: az, vd
REF. 251 Cor: pr
REF. 262 Cor: vm, az
REF. 201 Cor: vd, az
REF. 242 Cor: br, pr
REF. 231 Cor: az, vd
REF. 225 Cor: br
REF. 234 Cor: az, br
REF. 210 Cor: br, pr
REF. 266 Cor: pr, br, vm
REF. 202 Cor: br
REF. 232 Cor: az
REF. 219 Cor: br
REF. 217 Cor: pr
REF. 218 Cor: pr
REF. 237 Cor: pr
REF. 265 Cor: br, vd, az, vm
REF. 238 Cor: br
REF. 207 Cor: vd, pr, az
REF. 212 Cor: vm
REF. 223 Cor: br
REF. 269 Cor: vm, vd, az
REF. 220 Cor: vd, az
REF. 230 Cor: br
REF. 228 Cor: pr
REF. 245 Cor: br, am
REF. 255 Cor: pr
REF. 226 Cor: br
REF. 222 Cor: vd
REF. 268 Cor: br
REF. 247 Cor: br
REF. 257 Cor: pr, az
REF. 215 Cor: vd, az, pr
REF. 248 Cor: br
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS
Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 São Paulo-SP - Destinatário: Stamp. Ponha o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).
GRÁTIS
PREÇOS:
REF COR TAM REF COR TAM
Nome
End
Est
CEP
Envie este cupom ou cópia para Stamp Rua Emb. João Neves da Fontoura 156 CEP 02013 São Paulo SP Santana

ESPECIAL

Pepe Escobar *no Delta do Mississipi, berço dos blues e do rock'n'roll*

Sul dos EUA. Cinco Estados míticos/clássicos na história da música americana: Georgia, Alabama, Mississipi, Louisiana e Tennessee. Mais de quatro mil milhas on the road. *Motéis, neons, desertos, subúrbios, siglas, vazios, blues e soul. Som, fúria, racismo e pobreza nas entranhas profundas do gigantesco holograma "América".*

James Brown, Capo do Soul, o homem que catou o rhyth

Há três constantes em Nashville, Tennessee, a capital mundial da country music: *cowboys, putas e junkies. Todos se reúnem na zona — Broadway —, entulhada de* peep shows, sex shops, *armazéns intermináveis com estoque só de country (se você pedir música "de negro", te olham feio) e lojas decrépitas de instrumentos musicais. Nashville tem um* Hall of Fame *da country music em estilo kitsch transcendental, tours das casas das luminárias e as camisas de seda mais emperiquetadas do planeta. Páreo duro para a última fronteira do oeste.*

Beale Street, Memphis, Tennessee. Na década de 10, aqui foi "inventado" o blues para o grande público, via **W.C. Handy,** *usurpado de um neguinho anônimo em uma estação de trem. Hoje a internacional Beale tem café em homenagem a Handy, outro café favorito de* **B.B. King,** *e vários outros botecos de privilegiado rhythm'n'blues. O outro som de Memphis, o soul da Stax/Volt nos anos 60, fica mais para os subúrbios e discos negros. O efeito fulminante de Beale é às 4 da manhã, com a arquitetura art deco/intimações pós-modernas latejando sob os neons e os últimos blacks uivando para a lua.*

A tour de Graceland — a faraônica tumba do Sumo Sacerdote **Elvis** *— é um espetáculo tão enigmático quanto os da NASA ou Disneylândia. O furacão de Tupelo, Mississipi, continua vivo em sua própria casa, embora a turistada multinacional não perceba. Está tudo lá, desde o primeiro autorama e a primeira guitarra até as últimas roupinhas de babados e os últimos discos de ouro. Os* musts: *o Cadillac cor-de-rosa, os aviões, a sala de estar/estúdio onde gravou várias sessões e algumas gatinhas que trabalham como guias. Lá fora, milhares enriquecem com o comércio presleyano.*

Muscle Shoals, Alabama, tem um dos mais privilegiados estúdios do planeta. Os superstars costumam chegar de avião, no miniaeroporto de Florence. O ideal é chegar de carro, pela estrada, já que Muscle Shoals é literalmente no meio do nada. Uma coleção de feras black abandonou o Sul rural atrasado para fazer fama e fortuna no norte industrializado — e depois voltou para gravar sessões especiais em Muscle Shoals, onde existe o melhor som de baixo do mundo, de acordo com **Wilson Pickett, James Brown, Keith Richards** *etc.*

Foto Paul Canty LF

Muddy Waters, pai do blues moderno

Biloxi, uma prainha no sul do Mississipi. Show dos **Temptations,** *com a formação original, incluindo os* leads *de Eddie Kendricks e David Ruffin. Ainda cantam como anjos. Atacam coisas como "Ain't Too Proud to Beg", "I'm Losing You" e "Get Ready" — que depois geraram milhões para inúmeros artistas brancos. A platéia — garotada branca linha surf e garotada negra linha rap — fica embasbacada. É o brilho do soul vestido de smoking.*

Foto LFI

lues pelo pescoço e criou o funk

Noites nas superhighways, entre uma talagada de Southern Confort e um neon de motel. No meio das FMs yuppies, o swing de certas rádios do sul. Especiais de blues, gospel, soul, rock'n'roll e o pop que fez história. Campeã de preciosidade: WTVL, New Orleans. Durante metade do dia só toca lados B de singles, e à noite vem com quatro horas de blues.

Bourbon Street, New Orleans. Famosa no mundo inteiro, com farta inflação turistal. À parte do marketing da banalidade, é uma das únicas ruas do mundo onde a trilha sonora muda a cada passo sob a luz do luar — e do calor senegalesco. De dixie a rhythm'n'blues, passando por boogie woogie, soul, rock/funk e spirituals de bêbado. Figuras marcantes: os grupinhos juvenis rapeando no asfalto, um jogador de xadrez de eterno smoking e um paquidérmico saxofonista que todo dia chega com o mesmo equipamento: carrinho de feira, malinha do sax, caixotinho de madeira e estéreo de metal. É o Ornette Coleman da rua.

Pau nas marginais dos EUA. Quem é o melhor guitarrista do mundo? Obviamente é um preto, toca blues e pode ser qualquer um, de ***Albert Collins*** *a* ***Clarence "Gatemouth" Brown,*** *passando pelas lendas* ***Muddy Waters*** *e* ***John Lee Hooker.*** *Entre os brancos, só dois são páreo:* ***Lonnie Mack,*** *monstro de Ohio, que surgiu em 62 com uma arrasadora versão instrumental de "Memphis" (Chuck Berry), e* ***Eric Johnson,*** *texano de 29 anos, uma encarnação loira de Debussy e Hendrix. Johnson é um típico caso de "guitarrista de guitarristas". Mack, mais da velha guarda, é o deus de Keith Richards e adora subir no palco para massacrar coleguinhas famosos.*

Cruzar a Georgia é uma cruzada histórica. A começar por Atlanta, sede mundial da água negra do imperialismo ianque. A trilha sonora ideal é "Georgia on My Mind", cantada por ***Ray Charles.*** *Pontos privilegiados: Macon, terra de* ***Little Richard*** *(ex-lavador de pratos) e* ***Otis Redding*** *(ex-chofer), e Augusta, terra de* ***James Brown*** *(ex-ladrão de carros e presidiário). Para completar, Columbus, terra de* ***Robert Cray,*** *o melhor jovem guitarrista de blues da atualidade, prestigiadíssimo na Europa e quase desconhecido nos EUA.*

Os ***Neville Brothers*** *são a melhor banda funk de New Orleans — e, por extensão, do mundo. Mas lá no meio da ação, você só quer saber de escutar as preciosidades históricas. Ou seja: o soul creole do* ***Meters,*** *as endiabradas delinquências de* ***Irma Thomas,*** *a Mahalia Jackson do pântano e a possessão vudu do finado — louvado seja — professor* ***Longhair,*** *o pai do piano boogie woogie encharcado de rhythm'n' blues.*

Cruzar o Mississipi é outra cruzada histórica de arrepiar a alma. Tupelo é a terra de ***Elvis.*** *Oxford/New Albany é a terra de* ***William Faukner*** *— e é preciso parar a toda hora para reler no Faukner de bolso um trecho de "O Som e a Fúria" ou "Santuário". Aí toca um blues no rádio, você olha no mapa e enlouquece na estradinha perdida no tempo.* Todos eles *nasceram aqui:* ***Robert Johnson,*** *o pai do blues libidinal, e mais* ***Elmore James, Jimmy Reed, Bukka White, B.B. King, Howlin' Wolf, Muddy Waters, Sonny Boy Williamson, Albert King...***

Não existe heroísmo, sentido ou transcendência na América pós-tudo. Cortando o Sul, a viagem pela história da música negra é na nossa cabeça e em alguns pequenos signos do caminho. A essência da América é a fascinação da falta de sentido, essa desconexão vertiginosa soberana nos desertos e nas cidades. A América é a violenta e definitiva superprodução corporativa da raça humana. Mas tem que ir lá e ver essa outra coisa: as plantações e os pântanos, o swing dos pretos e a indiferença calculada dos brancos, a mitologia da estrada e a mitologia do sucesso. "O blues teve um bebê e o chamaram rock'n'roll", como cantou ***Muddy Waters.*** *Recorrer esta história ao vivo é pegar esse bebê no colo. E gritar, como James Brown: "Soooooul!" E dançar até desmaiar.*

Foto Sipa Press/Weber

Elvis Presley, Rei do Rock, o homem que catou um violão, torceu o lábio e criou o rockabilly

CARTAS E SERVIÇOS

SERVIÇOS E CARTAS

DECLARE GUERRA

Alô pessoal da BIZZ! O motivo pelo qual resolvi escrever esta carta foi o comentário sobre o novo disco do Barão Vermelho, *Declare Guerra* — para ser mais exato, nosso quarto disco —, feito no mês de junho. Percebi claramente em todo o comentário má-fé evidente do autor. Vejamos algumas partes: 1) Logo na segunda frase ele diz: "Tocam rhythm'n'blues básico, com pouquíssimas variações, e parece que a fórmula dá certo...". O rhythm'n'blues, como o blues, é uma música básica, mas essas pequenas variações a que ele se refere na verdade são a identidade e o charme pessoal de cada música. Assim acontece também no reggae e no samba, excluindo o samba-canção. Além do mais o disco tem vários rocks e um funk. 2) No final de seu comentário, ele relega a uma simples vírgula o fato de, ao ouvir o disco, não sentir a ausência de Cazuza e a constatação da evolução musical do grupo, e termina com a seguinte frase: "Quem não gosta de rhythm'n'blues vai ficar enjoado com o disco". Ora, quem não gosta de rock'n'roll provavelmente vai ficar enjoado com o último disco dos Stones, e quem não gosta de samba idem com o trabalho do João Nogueira ou do Paulinho da Viola. Por essas e por outras críticas é que muitas vezes cria-se um clima ruim entre os artistas e a imprensa.
Roberto Frejat, do Barão Vermelho
(Rio de Janeiro — RJ)

JESUS E OS SOBREVIVENTES

Gostaria de saber a discografia do Jesus & Mary Chain, e também se só saiu o *Psychocandy* por aqui.
Sílvio Rodrigues
(São Paulo — SP)

Gostaria de saber a discografia do Jesus & Mary Chain e a do New Order também. O que o Joy Division tem a ver com o New Order?
Rogério C. Nogueira
(Brasília — DF)

Jesus & Mary Chain tem um único LP lançado no Brasil e no mundo — Psychocandy. Todos os compactos anteriores estão incluídos nesse álbum, exceto "Upside Down", seu primeiro single, *lançado pelo selo independente Creation. Quanto ao New Order, ele foi formado pelos remanescentes do Joy Division — Bernard Albrecht (ou Bernard Sumner), guitarra e voz; Peter Hook, baixo; Stephen Morris, bateria —, após o suicídio do vocalista Ian Curts, em maio de 80. Acrescidos de Gillian Gilbert (sintetizador e guitarra), eles já lançaram três LPs e vários compactos. Confira a discografia dos dois grupos na BIZZ 9, Rogério.*

CORES NEGRAS

Venho através desta corrigir um erro que para mim, amante do reggae, não pode acontecer. Na BIZZ 11, página 26, o sr. José Emílio Rondeau escreve que as cores da Jamaica enfeitam a correia do baixo de Bi Ribeiro. Acontece que as cores da bandeira da Jamaica são verde, amarelo e preto. As cores vermelho, amarelo e verde são as cores que representam a raça negra. É por isso que todas as bandeiras da África do Norte levam essas cores.
Maurício Thiago
(São Paulo — SP)

Obrigado pela correção, Maurício. Você está certo.

MÚSICOS PUNK

Preciso de punks para formar banda. **Plasmódio Podre, av. Fernando Cordier, 568, CEP 45600, Itabuna — BA.**

CORRESPONDÊNCIA

Por acaso comprei uma revista boé de bacana, a revista BIZZ, e estou bastante interessado em corresponder-me com jovens brasileiros para intercâmbio sobre música portuguesa e brasileira. **Luís Manuel Lages, r. Leão de Oliveira, 23, 3.º esquerdo, 1300 Lisboa — Portugal.**

FÃ-CLUBES

Replicantes *Os Replicantes*. A/C Luciana, Caixa Postal 297, CEP 90000, Porto Alegre — RS.

Elton John *Lucy in the Sky*. A/C M. Galli, Guiana Inglesa 577/02, CEP 14100, Ribeirão Preto — SP

Paralamas do Sucesso *Fã-Clube dos Paralamas*. R. Ágata 519, CEP 89200, Joinville — SC.

DeFalla *DeFalla Fã-Clube*. R. Santana, 43/71, CEP 90040, Porto Alegre — RS.

B-52's e Madonna *The B-52's & Madonna Crazy Fan Club*. R. Min. Raimundo de Brito, 1891, CEP 59075, Natal — RN.

U2 *You Too Fan Club*. R. Cardoso de Almeida 1165/133, CEP 0513, São Paulo — SP; av. Cons. Aguiar, 4405/203, CEP 50000, Recife — PE.

Black Metal *Poison by Blood Fan Club*. Al. Armando C. de Magalhães Rodrigues, 42/12, CEP 12243, São José dos Campos — SP.

Tokyo *Toque o Tokyo*. A/C Maria C. Giglio, av. Angélica, 177/114, CEP 01227, São Paulo — SP

Ozzy Osbourne *Fan Club The Rescuer*. A/C Sharon Osbourne, r. Rubens de Souza, 322, CEP 04653, São Paulo — SP.

Rolling Stones *Stones Story Club*. Caixa Postal 212, CEP 06000, Osasco — SP.

Camisa de Vênus *Fã-Clube Camisa de Vênus*. Av. Sto. Amaro, 2108, casa 17, CEP 04506, São Paulo — SP.

Alta Tensão *Fã-Clube Alta Tensão*. R. Ricardo Franco 660, CEP 79100, Campo Grande — MS.

Plebe Rude *Fã-Clube do Plebe Rude*. A/C Sabrina e Liliane, r. Ceará, 853/1405, CEP 40000, Salvador — BA.

Prince *Fã Clube Purple Prince*. A/C Clodoaldo, r. Alexandre Martins, 15, CEP 11025, Santos — SP.

RAYCES

Moda jovem para gente jovem. Malha 100% algodão.

Entre nesta moda e conquiste quem você ama.

Camisetas por apenas **Cz$ 89,00** cada

FAÇA JÁ o seu pedido por carta ou telefone: (011) 520-0611 c/ Idalina.

GARANTIA: Você receberá sua camiseta bonita, como na revista. Caso contrário poderá devolvê-la, que restituímos seu dinheiro.

Envie o seu cupom para: JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - SÃO PAULO - SP

À JR SOUSA RIBEIRO - CAIXA POSTAL 66.088 - CEP 05390 - São Paulo - SP

TAMANHOS
P.M.G.

De 1 a 5 peças, apenas pelo preço à vista.

CONDIÇÕES ESPECIAIS - Para pedidos de 6 ou mais peças

☐ Anexo Cheque Nominal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Anexo Vale Postal à JR Sousa Ribeiro com 10% de desconto ☐ Prefiro pagar ao retirar a mercadoria no Correio de minha cidade. Pagarei + Cz$ 25,00 de despesas com remessa.

REF	QUANT.	TAM.	PREÇO
VALOR DO PEDIDO			
DESCONTO ESPECIAL			
VALOR A PAGAR			

Nome

End

. . . . . n

Bairro . . . . . .

CEP . . . . . Cid

Est

Para receber sua encomenda sem atraso, ESCREVA o CEP corretamente no cupom resposta

Preços especiais para REVENDEDORES E ATACADISTAS, fale com MIRIAM pelo tel.: (011) 520-0611
Peça, também, **catálogos** com as últimas novidades

RIZZ 14

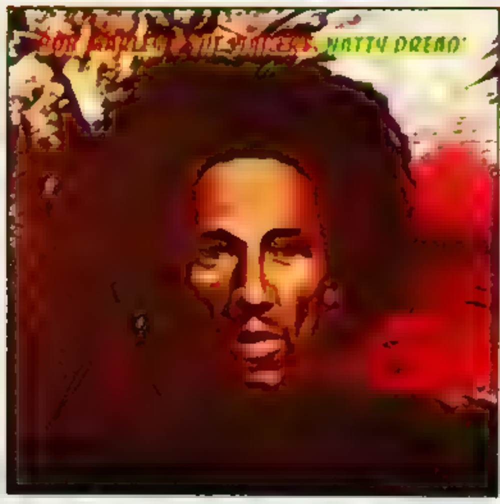


Foto Estúdio Abril

BOB MARLEY & THE WAILERS *Natty Dread (1975)*

O pop negro contemporâneo, em raros e intensos momentos, cometeu o pecado mais temido por qualquer religião: destruir a fronteira existente entre o sagrado e o profano. Durante toda a primeira metade do século XX, as culturas afro-americanas pareciam distinguir claramente a música divina da música demoníaca. Tanto que vários cantores de blues, no final de suas vidas, se transformaram em reverendos protestantes e passaram a cantar *spirituals*. Nunca vice-versa.

O soul modifica esta situação. Ray Charles, Sam Cooke e James Brown uniram o gospel ao rhythm and blues, sem cerimônias. Na Jamaica, final dos anos 60, aparece outra combinação explosiva: os cânticos da religião rastafari se unem aos ritmos sedutores do ska e do rock-steady produzindo o reggae. Bob Marley foi o principal artífice e divulgador desta nova música. Devoção ou sacrilégio?

Natty Dread é um disco decisivo na carreira de Bob Marley, seu primeiro passo "solo" em direção ao megaestrelato. Inicialmente, os Wailers foram um trio vocal composto por Marley, Bunny Wailer e Peter Tosh. Com esta formação, mais a famosa seção rítmica dos irmãos Barrett (Aston, no baixo, e Carlton, na bateria), eles chegaram a lançar dois LPs internacionais, já pela Island, extremamente bem recebidos pela crítica e pelos músicos de rock (como Eric Clapton, que gravou "I Shot the Sheriff"). Mas, em 74, tanto Peter Tosh quanto Bunny Wailer abandonaram o grupo, falando em divergências ou religiosas, ou políticas, ou profissionais. Bob Marley assume a liderança do que restou dos Wailers (os irmãos Barrett) e começa imediatamente a gravar o álbum *Natty Dread*, com a participação dos teclados de Bernard "Touter" Harvey, da guitarra do americano Al Anderson, um naipe de metais e o vocal das I-Threes.

Política e religião, diversão e militantismo convivem problematicamente nos discos de reggae. A tensão entre estes opostos é fonte de toda a riqueza musical de Bob Marley. O rastafarianismo tem aspectos interessantes (a reinterpretação subversiva dos textos bíblicos, o combate a todas as formas de opressão, o abandono da esperança no paraíso celeste), mas também possui facetas ingênuas e até mesmo ridículas (maniqueísmo — a Babilônia é a origem de todo mal, milenarismo político, culto a Hailé Selassié). Marley não escapa destas contradições. *Natty Dread* é a melhor prova: seu disco mais brilhante, mais furioso, mais sincero. Ao mesmo tempo, seu disco mais frágil e mais poderoso.

Vários clássicos de Bob Marley estão aqui presentes: a conhecidíssima "No Woman No Cry", a incandescente "Lively up Yourself", o hino *rasta* "Natty Dread". "Lively up Yourself" e "Bend Down Low" são regravações de hits jamaicanos dos anos 60. "Rebel Music (3 O'Clock Road Block)" é um ataque direto contra os abusos policiais: poderia ser um retrato fiel das favelas brasileiras. "Them Belly Full (But We Hungry)" poderia ser mais uma ressentida denúncia da desigualdade social. Mas Bob Marley dá a volta por cima com versos surpreendentes para quem pensa que reggae é exaltação do sofrimento ou puro lamento: "Esqueça seus problemas/ Esqueça sua tristeza/ E dance".

Instrumentalmente, *Natty Dread* é um disco límpido, cristalino. Muitas das inovações produzidas pelo reggae posterior, do *dub* à utilização de baterias eletrônicas, já estão anunciadas em suas faixas. Foi através de suas ousadias rítmicas e instrumentais, e não pela filosofia rastafari, que o reggae influenciou todo o cenário pop dos anos 70/80. Mas isto na verdade não é tão importante. Bob Marley, em discos como *Natty Dread*, transcendia as limitações do rastafarianismo e o dogmatismo reggae. Bob Marley fez músicas excelentes. Isto basta. *Hermano Vianna*

Editora Abril

Editor e Diretor VICTOR CIVITA

Diretores Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plác do Longgio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente Angelo Rossi

Diretor de Grupo Carlos Arruda

REDAÇÃO

Editores: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Consultor Especial: Alex Antunes
Secretário de Redação Roberto Wagner Pereira Perucci
Assistente de Redação Sônia Maia
Editora de Arte: Cristina Canabrava Arruda **Chefe de Paginação** Rodolfo Tucci, **Diagramadores:** Cleber V. Garcia, Moema B. Figueiredo
Produtor de Texto. Jorge Toth
Atendimento ao Leitor. César Garcia Lima
Colaboradores Alexandre Dines, Alfredo Borba Jr., Alita Sá Rego, Arthur G. Couto Duarte, Bia Abramo, Claudette Poodle, Eva Joory, Hermano Jr., Jean Yves Neufville (tradução), José Eduardo Mendonça, Lauro Machado Coelho, Leopoldo Rey, Marcia Alvaro, Marco Antonio de Menezes (New York), Mariana Simonsen (tradução), Pepe Escobar (Londres), Peter Price, Silvano Michelino (Paris), Thomas Pappon, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Dantas, Geraldo Luis Gomes, Lineu Barreto Filho, Mauricio Valadares, Rui Mendes

SERVIÇOS EDITORIAIS

Abril Press - Gerente Miriam Milioni **Escritórios - Milão** Laura Censi, International Business Centre Corso Europa, 12, Phone 02 54 56331 e 54 56212 20122, Milano, Telex 331585 e 332809 **Nova York:** Odillo Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex. 237670 Phone (212) 5990 5993, **Paris** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysees, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone 42 25 58 65, Telex ABRIL-PA 660731f
Departamento de Documentação - Gerente Auta Rosas Barreto
Serviços Fotográficos - Gerente Pedro Martinelli

Gerente Comercial Sandra Cameller
Gerente de Publicidade e Promoções Carlos Alberto F. de Araujo
São Paulo - Supervisor de Publicidade Ricardo Corte Real
Representantes: Jandir Benetti Jr., Marcia A. de Andrade
Coordenadora de Publicidade Rosângela Garcia de Souza Lima
Assistente de Promoções: Ana Lucia Dip Dellon
Interior de São Paulo. Hélio Scavone Jr.
Rio - Supervisor de Promoções Fernando Mendonça, **Representante** Lidia Camarate
Belo Horizonte Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Ângelo A. Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza. Alcysio Canette Filho
Porto Alegre. Elcenho Engel
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador Fernando Loureiro
Gerente de Anuncios para Terceiros Vitório Cestaroli Filho
Diretor de Propaganda Roberto Pedroso
Diretor Administrativo Pedro Frazão

EDITORA ABRIL

Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Cosi Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço Haydee Gomes Guersoni
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado Sonia Novinsky
Diretor Adjunto de Circulação. Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília, Luiz Edgar P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro Sebastião Martins
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais Dreyfus Soares

Diretora Responsável Liége de Lima Dória Castell

Bizz é uma publicação da Editora Abril S.A. **São Paulo - Redação Publicidade e Correspondência,** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel. (011) 545-8122, Telex (011) 2 227, 23312 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas Edabril Abrilpress **Administração:** r. Jaguaretê, 213, CEP 02515, tel. (011) 858 451 **Escritórios - Belo Horizonte:** r. Aimorés, 388, 2.º andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel. (031) 224 4855, Telex [illegible] **Brasília** [illegible] **Curitiba** [illegible] **Florianópolis** [illegible] **Fortaleza** [illegible] **Porto Alegre** [illegible] **Recife** [illegible] **Rio de Janeiro** [illegible] **Salvador** [illegible] **Distribuidor em Portugal** [illegible] **Números atrasados** [illegible] DINAP [illegible] Osasco [illegible] SP [illegible] de Publicações, São Paulo

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

RALPH MACCHIO
PAT MORITA

Eles têm mais uma lição a compartilhar.

Karate Kid II

A Hora da Verdade Continua

COLUMBIA PICTURES Apresenta
UMA PRODUÇÃO JERRY WEINTRAUB UM FILME DE JOHN G. AVILDSEN
RALPH MACCHIO NORIYUKI "PAT" MORITA
THE KARATE KID – PART II
Música de BILL CONTI Supervisão Musical BROOKS ARTHUR Desenhos de Produção WILLIAM J. CASSIDY
Direção de Fotografia JAMES CRABE, A.S.C. Produção Executiva R.J. LOUIS Montagem DAVID GARFIELD
Escrito por ROBERT MARK KAMEN Baseado em Personagens Criados por ROBERT MARK KAMEN
Produção JERRY WEINTRAUB Direção JOHN G. AVILDSEN

DOLBY STEREO

TRILHA SONORA EM DISCOS E FITAS WARNER/WEA

10 ANOS

LANÇAMENTO NACIONAL 4 DE SETEMBRO

Chegou o som que vai fazer sua cabeça.

É o novo "ANTENINHA", AM ou FM STÉREO, da Embracom. Funciona com 3 pilhas pequenas, e você pode escolher entre as cores amarel vermelho, preto, azul, verde e bege. É muito fácil conseguir o seu, basta preencher corretamente o cupom abaixo e enviar para:

YELLOW & RED
Av. Prof. Vicente Rao, 1864
CEP: 04636 - São Paulo - SP

Preço de lançamento:
AM - Cz$ 550,00
FM STÉREO - Cz$ 700,00

Nome: _____

Endereço: _____ nº _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

"Quero receber _____ ANTENINHA (S) conforme especificações abaixo".

☐ Amarelo ☐ Vermelho ☐ Preto ☐ Azul ☐ Verde ☐ Bege

☐ FM STÉREO ☐ AM

☐ Estou anexando cheque
☐ Estou anexando Vale Postal (Ag. Sta. Cecilia - cod. 4039111)
☐ Prefiro pagar ao retirar no correio de minha cidade

OBS: Despesas de correio - Cz$ 10,00

BI22

Oudette Poodle ©

& SUA POLAROID

Depois vêm falar do teor de veneno da minha rosácea, aveludada e delicada lingüinha! Pois não é que o porta-estandarte dos *new-romantics* do terceiro mundo, vocalista e arremedo de saxofonista de uma banda chamada "estaca zero" ou coisa parecida (sim, aquela mesma que pegou carona no sucesso dos Paulos Ricardos por Minuto), este mocinho até bem-intencionado em suas infindáveis dores-de-cotovelo, aproveitou a deixa de uma entrevista em certo jornal de São Paulo para descer a ripa em bandas como **Titãs, Paralamas do Sucesso** e **Akira S & as Garotas que Erraram.** Até aí tudo muito bem e divertido. Como diz outro desbocado por natureza, o senhor Lobão: "Sem atrito, o homem não teria feito fogo" (uma bela metáfora, se me permitem mais esta manifestação de prolixidade). Só que o **Guilherme Isnard** não se contentou com essas inocentes farpas e resolveu atacar o selo e a pessoa **Baratos "Luiz Calanca" Afins,** usando para isso o santo nome de um dos meus grupos favoritos, o **Violeta de Outono.** Mais engraçada ainda é a conclusão da entrevista, quando afirma que os **Mutantes** foram "a melhor de todas as bandas que eu curti na minha infância". Ué, Guigui, que ingratidão com a Família Dó-Ré-Mi!!

Foto Geraldo Luis Gomes

Uma peça chave em minha internacional rede de intrigas, informantes e comadres cochicha que a ternurinha da *oh-so-new wave* paulistana, **Virginie** — aquela mesmo que gralhava no Metrô —, prepara seu disco solo sob a tutela do compositor, arranjador, dodecafônico de plantão e mestre-de-marionetes **Arrigo Barnabé.** Já ouviram falar no mito do eterno retorno? Pois essa aparentemente exdrúxula e insólita justaposição Escola de Viena/Escola de Brega/Internato de Meninas Virgens me faz lembrar de quando — no final dos inesquecíveis anos 70 — a seminal **Wanderléa** cometeu um disco produzido por **Egberto Gismonti.**

E quem eu encontro numa luxuosa churrascaria local, senão o homem mais famoso do rock brasileiro, mr. **Pepe Escobar.** (Você pensou que fosse quem, o Chacrinha?) Pois Pepe, o homem que conversou com **Bryan Ferry** sem gaguejar, andou dando umas raras voltas pela sua pátria amada Brasil neste inverno. Eis sua sentença de morte da música pop, instantes depois de derramar meu próprio *bloody mary* sobre minha melhor peça de couro preto: "Chega um momento na vida de um homem em que ele só ouve blues". Ele só não respondeu quando perguntei se essa paixão repentina se estendia até as obras de **Celso Blues Boy** e **Barão Vermelho.**

JOGO DOS SETE ERROS

Foto Abril

Foto Jorge Rosenberg Abril

MÊS QUE VEM NA BIZZ

EXCLUSIVAS COM *MORRISSEY* (SMITHS) E OS *EURYTHMICS* ↯

***CAMISA DE VÊNUS* ↯ *PETER GABRIEL* ↯**

ZERO* ↯ *GENESIS

O NOVO FILME DOS *TALKING HEADS* E TUDO SOBRE *EFEITOS ESPECIAIS!*

LIONEL RICHIE

DANCING ON THE CEILING

1

DANCING ON THE CEILING
SE LA
BALLERINA GIRL
DON'T STOP

2

DEEP RIVER WOMAN
LOVE WILL CONQUER ALL
TONIGHT WILL BE ALRIGHT
SAY YOU, SAY ME

K7 CONTÉM FAIXA ADICIONAL:
NIGHT TRAIN(SMOOTH ALIGATOR)

O DISCO MAIS ESPERADO DO ANO

UM LP DE VIRAR A CABEÇA

EM DISCO
E FITA K7

RCA

THE CURE
• STANDING ON A BEACH •
THE SINGLES

"Detesto pessoas que só gostam de bandas quando elas ainda são desconhecidas. Acho essa atitude ridícula". A declaração de Robert Smith chegou em boa hora. Simultaneamente com o resto do mundo, o Brasil lançou Standing on a Beach, um Lp que reúne os principais sucessos do The Cure, numa seleção feita a dedo pelo próprio Bob Smith. De Killing an Arab a Close To Me. Tem mais: o cassete traz 12 faixas inéditas entre nós. É pegar ou largar.

GRÁTIS: 12 FAIXAS INÉDITAS
NO MUSICASSETE

PolyGram